

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

FERNANDA SILVEIRA DE NOGUEIRA

**CONFLITOS EM ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DE
CARAVELAS E DO PARQUE NACIONAL MARINHO DOS ABROLHOS, BAHIA**

**Porto Alegre
2009**

FERNANDA SILVEIRA DE NOGUEIRA

**CONFLITOS EM ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DE
CARAVELAS E DO PARQUE NACIONAL MARINHO DOS ABROLHOS, BAHIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida

Porto Alegre
2009

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da
UFRGS

N778c Nogueira, Fernanda Silveira de

Conflitos em áreas de conservação ambiental : o caso de Caravelas e do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Bahia / Fernanda Silveira de Nogueira. – Porto Alegre, 2009.

171 f. : il.

Orientador: Jalcione Pereira de Almeida.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

1. Conflito social : Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (BA). 2. Conflito social : Caravelas (BA). 3. Proteção ambiental : Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (BA). 4. Proteção ambiental : Caravelas (BA). 5. Desenvolvimento sustentável : Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (BA). 6. Desenvolvimento sustentável : Caravelas (BA). I. Almeida, Jalcione Pereira de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. III. Título.

CDU 502.171

FERNANDA SILVEIRA DE NOGUEIRA

**CONFLITOS EM ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DE
CARAVELAS E DO PARQUE NACIONAL MARINHO DOS ABROLHOS, BAHIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em Porto Alegre, em 31 de agosto de 2009.

Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida – orientador
PGDR/UFRGS

Prof^a. Dra. Gabriela Peixoto Coelho de Souza
PGDR/UFRGS

Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli
Instituto de Ciências Humanas e da Informação/FURG

Prf^a. Dra. Rumi Regina Kubo
PLAGEDER/UFRGS

*Aos meus pais, Roberto e Silvia,
que me transmitiram o amor à
vida.*

AGRADECIMENTOS

Aos entrevistados que com gentileza cederam parte do seu tempo e muito das suas percepções.

Ao professor Dr. Jalcione Almeida pela orientação acreditando e confiando no meu trabalho.

Aos colegas do PGDR Flávia Bulhões, Viviane Martins, Elvis Wandscheer, Juliane de Souza, Patrícia Binkowski, Maria Regina da Rocha e Lorena Fleury, que me incentivaram e compartilharam questionamentos, materiais e conhecimentos.

A Christiane Severo que me apresentou o PGDR e a professora Dra. Gabriela Coelho de Souza por ter me recebido e esclarecido dúvidas previamente ao meu ingresso.

Aos grandes amigos “caravelenses” Gal, Milton Marcondes, Dó Galdino, Bernardo, Mário, Carlos Alfredo (Xuxu), Priscila, João Paulo, Luciana Garrido, Rafa, Mainho, Tati, Paulo, Renato e Carla que mais uma vez me receberam e acolheram com tanto carinho aumentando meu amor e respeito por eles e pela terra (e as águas) de Caravelas.

A uma grande amizade homônima. Muito obrigada, Fê Caravelas, pelo apoio no período em que estive em campo.

Aos amigos Aline, Camila, Ana Paula, Rose, Felipe (Pipo), Mateus, que não se cansaram de me incentivar e que no meu cansaço sempre tiveram um samba, uma conversa e/ou um artigo científico para me alcançar.

A minha irmã Ingrid e meu cunhado Jorge pela companhia na preparação para o mestrado.

À Ana Lúcia, minha irmã, não-genética, mas “biológica”, pelo incentivo, auxílio e pela amizade nascida nas terras e águas de Abrolhos.

Ao Daniel, meu amor contador de histórias, pelo cuidado, incentivo e, sobretudo, pela paciência nessa última fase de escrita.

Aos meus pais:

Por me oferecerem um mundo de oportunidades e, principalmente, pela aceitação e apoio, independentemente dos mundos que escolhi.

Pelos recursos simbólicos, organizacionais e financeiros que me possibilitaram a escolha de um campo de pesquisa tão distante de casa.

Pelo carinho e dedicação incansáveis nos momentos críticos desta trajetória.

À rede de atores e continuistas que auxiliaram ao longo da dissertação:

À minha tia Carmen Xerxenesky pela correção gramatical.

À amiga Débora Cutin pela tradução do resumo.

Ao amigo e professor Dr. Henrique Nardi pela leitura e incentivo.

À minha mãe por ter *me ajudado a olhar*.

Ao meu pai por ter participado na lida das infindas transcrições.

Ao CNPq pelo apoio financeiro em um ano de bolsa de pesquisa.

Mar, misterioso mar
que vem do horizonte
é o berço das sereias
lendário e fascinante
olha o canto da sereia
Ialaó, oquê, ialoa
Em noite de lua cheia
ouço a sereia cantar
é o luar sorrindo
então se encanta
com as doces melodias
os madrigais vão despertar
Ela mora no mar
ela brinca na areia
no balanço das ondas
a paz, ela semeia
(Vicente Matos, 1976)

Experimento uma certa sensação de pertencimento quando olho para o Cruzeiro do Sul, as fosforescentes Nuvens de Magalhães e a grande Coroa Austral.
(passagem do diário de viagem a bordo do Beagle de Charles Darwin no período em que a embarcação esteve ancorada no arquipélago dos Abrolhos, 1832)

RESUMO

Este trabalho buscou compreender um cenário de conflito ambiental na região do município de Caravelas e do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, incluindo seu entorno, no sul da Bahia, Brasil. Trata-se de uma área que abrange ecossistemas mundialmente ameaçados e interdependentes (fragmentos de Mata Atlântica, manguezais e recifes de corais) onde ocorre elevado grau de endemismo de espécies, e se localiza a principal área de reprodução da baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*). Historicamente, esta região tem presenciado diversas atividades. Destacam-se a extração de pau-brasil, a caça das baleias jubarte, e a exportação de café, madeira, cacau e coco através da Estrada de Ferro Bahia-Minas. Verifica-se também a propagação de instituições ambientalistas e do monocultivo de eucalipto, bem como a presença do turismo de mergulho e observação de baleias, da pesca artesanal e da mariscagem. Objetivando entender os conflitos ambientais em torno das práticas de conservação e de projetos de desenvolvimento no município de Caravelas e no ParNaM dos Abrolhos, esta pesquisa se utilizou da abordagem construtivista da sociologia ambiental e dos estudos de conflitos ambientais articulados com as percepções sociais, resultando na categoria analítica dos *pacotes perceptivos*. Foram realizadas 45 entrevistas semi-estruturadas com 46 interlocutores pertencentes aos distintos grupos sociais envolvidos com o uso do espaço local (ambientalistas, pescadores, poder público local, ribeirinhos, setor privado e setor turístico), observação participante, registro fotográfico e pesquisa documental entre março e maio de 2008. A análise da gravação das entrevistas revelou a existência de um cenário polarizado por ambientalistas e parte do setor turístico de um lado, que constituiu o *pacote do ecodesenvolvimento*, e pelo poder público, grandes empresas (porto da Aracruz Celulose e a carcinicultura da COOPEX) e parte do setor turístico de outro, o *pacote do progresso*. A disputa se dá pela utilização do espaço em questão através de uma lógica de desenvolvimento aliado a conservação ambiental resultando na implementação de uma Reserva Extrativista (Resex de Cassurubá) e na revitalização do ecoturismo, defendida pelo pólo dos ambientalistas, em oposição ao desenvolvimento como aumento de oferta de emprego e recolhimento de impostos através do estabelecimento de grandes empresas no município como a Aracruz e a COOPEX, defendido pelo poder público local. Quanto às populações locais, os ribeirinhos e os pescadores, verificou-se que a sua maioria não era favorável a atividades que colocariam em risco o manguezal e os recifes de corais, como a carcinicultura e a dragagem do canal para o porto, mas que sentiam a falta do estabelecimento de uma *grande empresa* que absorvesse a mão-de-obra deles, e muitos desconhecem ou apresentam incertezas quanto à Resex. Também foram apresentadas as diversas percepções acerca dos ecossistemas locais a partir dos distintos grupos sociais entrevistados.

Palavras-chave: Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Conflitos ambientais. Percepções sociais. Conservação ambiental. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This study has tried to learn the environmental conflict scene in the region of the city of Caravelas up to Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (National Marine Park of Abrolhos), including its surroundings, in the South of Bahia, Brazil. The scope focused on this work has interdependent worldly endangered ecosystems – segments of Brazilian Atlantic Forest, mangroves and coral reefs – in which there is a high level of endemism of species, and it is also the main breeding ground of Humpback Whale (*Megaptera novaeangliae*). This region has historically experienced a variety of activities, such as pau-brasil extraction, the whaling of Humpback Whale; and coffee, wood, cocoa and coconut exports through the Bahia-Minas railway. There has also been a growing number of environmentalist institutions, eucalyptus monoculture, diving tourism, whale watching, artisanal fishing and shellfish gathering. The goal of this study was to understand the environmental conflicts concerning conservation measures and development projects in the city of Caravelas and in ParNaM dos Abrolhos. This research has used the constructionist approach from environmental sociology and environmental conflicts studies associated with social perceptions, which resulted in the analytical concept of *perceptive packages*. Forty-five not-strictly-planned interviews were conducted with 46 interviewees that belonged to the different social groups involved in the using of the area. They were environmentalists, fishermen, local civil power representatives, riparian inhabitants, private business representatives and tourism business representatives. There was also participative observation, photographic documentation and documental research between March and May of 2008. The analysis of the interviews transcription revealed the existence of a scenery divided in two conflictive groups: the environmentalists and part of the touristic sector that comprises the *package of ecodevelopment* (sustainable development) on one side, and the public power, big companies (Aracruz Celulose Harbour and shrimp farming of COOPEX) and the other part of the touristic sector on the other side, the *package of progress*. The two parties contest for the use of the area. The environmentalists stand for the idea of development along with environmental conservation through the implementation of the Extractive Reserve of Cassurubá (Resex de Cassurubá) and the improvement of ecotourism. On the other hand, the local public power is in favor of development as a way to increase the number of job opportunities and tax collection due to the establishment of big companies, like Aracruz and COOPEX, in the city. Concerning local people, riparian inhabitants and fishermen, it was found that their majority were not in favor of activities that would be risky for the mangroves and the coral reefs such as the shrimp farming and the dredging of the channel to the harbour. However, they lacked for the establishing of a *big company* that could use their work force. Besides, many were unaware or uncertain about Resex. It was also presented distinct perceptions of local ecosystems from different social groups interviewed.

Keywords: National Marine Park of Abrolhos. Environmental conflicts. Social perceptions. Environment conservation. Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mãe e filhote de baleia jubarte (<i>Megaptera novaeangliae</i>) no banco dos Abrolhos (BA).....	18
FIGURA 2 – Arquipélago dos Abrolhos (BA), ilha da Siriba à esquerda e ilha Redonda à direita.....	19
FIGURA 3 – Cirurgião azul (<i>Acanthurus coeruleus</i>) no fundo do mar de Abrolhos, entre as ilhas da Siriba e Redonda	19
FIGURA 4 – Estrada entre o município de Caravelas e o Parque Nacional do Descobrimento (BA) com monocultivo de eucalipto e fragmentos de Mata Atlântica.....	20
FIGURA 5 – Município de Caravelas (BA), margem do rio Caravelas e embarcações dos pescadores.....	21
FIGURA 6 – Fachada azulejada de casario térreo, onde hoje se tem uma operadora de turismo e mergulho.....	29
FIGURA 7 – Mapas do Brasil e do Estado da Bahia destacando a área de estudo: O município de Caravelas e o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos	40
FIGURA 8 – Feira de Caravelas, parte destinada a venda de artigos de hortifrutigranjeiros, em sua maioria produzidos pela comunidade local.....	41
FIGURA 9 – Laranja, óleo de dendê e mandioca, artigos produzidos e comercializados pela comunidade local.....	41
FIGURA 10 – Parte da feira de Caravelas destinada a comercialização de artigos de vestuário e acessórios.....	42
FIGURA 11 – Paisagem de manguezal localizada às margens do rio Caribé.....	47
FIGURA 12 – Casa de uma das famílias ribeirinhas na ilha de Cassurubá	47
FIGURA 13 – Escola Municipal localizada no manguezal, às margens do rio Caribé.....	48
FIGURA 14 – Coral de fogo (<i>Muricia flama</i>) apresentando branqueamento nas suas extremidades, topo de recife de coral no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos.	50
FIGURA 15 – Ilha de Santa Bárbara, casas do Ministério da Marinha, sendo uma delas emprestada ao ICMBio.....	54
FIGURA 16 – Ilha Redonda fotografada a partir da Ilha de Santa Bárbara, do ponto mais alto do arquipélago	54
FIGURA 17 – Sede do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos às margens do rio Caravelas	55
FIGURA 18 – Ilustração de baleia jubarte.....	57

FIGURA 19 – Fêmea e filhote de baleias jubarte nadando no banco dos Abrolhos.....	57
FIGURA 20 – Baleias jubarte no banco dos Abrolhos	58
FIGURA 21 – Baleia jubarte saltando ao final da tarde no banco dos Abrolhos.....	59
FIGURA 22 – Grupo competitivo composto por ao menos cinco baleias jubarte no banco dos Abrolhos	60
FIGURA 23 – Pescador reparando rede no final da tarde em Caravelas	77
FIGURA 24 – Venda de guaiamum na feira semanal que ocorre aos sábados na cidade de Caravelas	78
FIGURA 25 – Apresentação de dança e música Cantos e Encantos do Mar, do grupo Umbandaum, em homenagem aos 25 anos do ParNaM dos Abrolhos	78
FIGURA 26 – Gráfico da distribuição de ambientalistas entrevistados de acordo com as instituições em que trabalham	83
FIGURA 27 – Gráfico da naturalidade dos ambientalistas entrevistados.....	84
Figura 28 – Gráfico do local de residência dos ambientalistas entrevistados	84
FIGURA 29 – Gráfico da escolaridade dos ambientalistas entrevistados.....	85
FIGURA 30 – Gráfico da faixa etária dos ambientalistas entrevistados.....	85
FIGURA 31 – Gráfico do número de filhos de cada um dos ambientalistas entrevistados	86
FIGURA 32 – Embarcação do Instituto Baleia Jubarte utilizado nas pesquisas no banco dos Abrolhos	89
FIGURA 33 – Mero (<i>Epinephilus itajara</i>) de aproximadamente dois metros de comprimento, avistado no naufrágio Rosalinda, localizado no ParNaM dos Abrolhos	92
FIGURA 34 – Embarcações do tipo traineira utilizada pelas comunidades pesqueiras do município de Caravelas	95
FIGURA 35 – Gráfico da faixa etária dos pescadores entrevistados	95
FIGURA 36 – Gráfico do número de filhos de cada um dos pescadores entrevistados	96
FIGURA 37 – Gráfico da escolaridade dos pescadores entrevistados.....	96
FIGURA 38 – Gráfico do local de residência dos pescadores entrevistados.....	97
FIGURA 39 – Gráfico da naturalidade dos pescadores entrevistados	97
FIGURA 40 – Pescador atirando rede no rio Caravelas a bordo de canoa, característica da pesca realizada no mangue	98
FIGURA 41 – Gráfico do número de filhos de cada ribeirinho entrevistado	100
FIGURA 42 – Gráfico da faixa etária dos ribeirinhos entrevistados.	101
FIGURA 43 – Gráfico da escolaridade dos ribeirinhos entrevistados	101
FIGURA 44 – Gráfico do local de residência dos ribeirinhos entrevistados	101

FIGURA 45 – Embarcações de pesca artesanal realizada no mar pertencente a famílias de ribeirinhos, que vivem da pesca, mas habitam o mangue	102
FIGURA 46 – Mergulhador utilizando equipamento SCUBA no naufrágio Rosalinda situado no ParNaM dos Abrolhos	107
FIGURA 47 – Lado sul da ilha de Santa Bárbara, com o farol e as casas da Marinha.....	108
FIGURA 48 – Farol da ilha de Coroa Vermelha situada no banco dos Abrolhos	111
FIGURA 49 – Praia da ilha de Coroa Vermelha situada no banco dos Abrolhos	112
FIGURA 50 – Corais e algas do fundo marinho de Abrolhos	114
FIGURA 51 – Espetáculo de dança do grupo Umbandaum, apresentado na comemoração de 25 anos do ParNaM dos Abrolhos.....	144
FIGURA 52 – Diagrama de distribuição esquematizando os pacotes perceptivos do <i>ecodesenvolvimento</i> e do <i>progresso</i> , com seus atores, e o modo como os grupos de ribeirinhos e pescadores se posicionam em relação aos pacotes na arena pública	147

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Quadro explicativo das categorias que definem resumidamente os pacotes perceptivos.....	75
QUADRO 2: Distribuição dos atores entrevistados por grupos, subgrupos, local de residência e local de realização da entrevista.	82
QUADRO 3: Quadro resumido do pacote perceptivo do <i>progresso</i>	142
QUADRO 4: Quadro resumido do pacote perceptivo do <i>ecodesenvolvimento</i>	146

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AGAPAN: Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural

APA: Área de Proteção Ambiental

APESCA: Associação dos Pescadores de Caravelas

APPA: Associação Pradense de Proteção Ambiental

BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Bovespa: Bolsa de Valores de São Paulo

CDB: Convenção sobre Diversidade Biológica

CENIBRA: Celulose Nipo-brasileira

CEPAN: Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste

CEPENE: Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste

CEPF: Critical Ecosystem Partnership Fund

CI: Conservação Internacional

CIB: Comissão Internacional Baleeira

CMMA: Conselho Municipal do Meio Ambiente

CNPq: Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNUMAD: Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente

COA: College of the Atlantic

CONDEMA: Conselho Municipal de Meio Ambiente

CONSUB: Associação de Condutores Subaquáticos e Mergulhadores do Sul da Bahia

COOPEX: Cooperativa dos Criadores de Camarões do Extremo Sul do Estado da Bahia

CRA: Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia

Dibio: Diretoria de Conservação da Biodiversidade

Direp: Diretoria de Unidades de Conservação de Proteção Integral

Diusp: Diretoria de Unidades de Conservação de Uso Sustentável e Populações Tradicionais

DJSI World: Índice Dow Jones de Sustentabilidade

EFBM: Estrada de Ferro Bahia-Minas

EIA/RIMA: Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental

FDD/MJ: Fundo de Direitos Difusos-Ministério da Justiça

FURG: Fundação Universidade do Rio Grande

GTEMA: Grupo de Trabalho Especial de Mamíferos

IAPA: Instituto de Apoio e Proteção Ambiental

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBJ: Instituto Baleia Jubarte
ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFAW: International Fund for Animal Welfare
ISACH: Indo-South Atlantic Consortium on Humpback Whale
IWC: International Whaling Commission
LO: Licença de Operação
MMA: Ministério do Meio Ambiente
MMAS: Marine management Area Science Program
ONG: Organização Não-Governamental
ParNaM dos Abrolhos: Parque Nacional Marinho dos Abrolhos
PETROBRAS: Petróleo Brasileiro S. A.
PGDR: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PNB: Produto Nacional Bruto
PSF: Programa de Saúde da Família
PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
REMANE: Rede de Encalhes de Mamíferos Aquáticos do Nordeste
Resex: Reserva Extrativista
SCUBA: Self Contain Underwater Breathing Apparatus
SEAP: Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca
Sisnama: Sistema Nacional do Meio Ambiente
SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC: Unidade de Conservação
UESC: Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA: Universidade Federal da Bahia
UFPE: Universidade Federal de Pernambuco
UICN: União Internacional pela Conservação da Biodiversidade
UnB: Universidade de Brasília
UNIVALI: Universidade do Vale do Itajaí
USP: Universidade de São Paulo
ZA: Zona de Amortecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A “DESCOBERTA” DO EXTREMO SUL BAIANO	26
2.1 A SEGUNDA VIAGEM PORTUGUESA AO BRASIL, DESTINO: CARAVELAS	27
2.1.1 Formação histórica e econômica de Caravelas	27
2.1.2 A redescoberta de Caravelas e Abrolhos: chegada da “colonização ambientalista” e a “nova madeira de lei”, o eucalipto	30
2.2 O MEIO NATURAL EM ESTUDO	33
2.2.1 Caravelas: como chegar e o que encontrar	38
2.2.2 Mata Atlântica	44
2.2.3 Manguezais	45
2.2.4 Recifes de Corais	49
2.2.5 O Banco dos Abrolhos e o seu Parque Nacional Marinho	52
2.2.6 A baleia de grandes asas	56
3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL	62
3.1 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA AMBIENTAL	62
3.2 CONFLITOS AMBIENTAIS	65
3.3 PERCEPÇÕES SOCIAIS: UM INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO DOS CONFLITOS AMBIENTAIS	67
3.4 OS PACOTES PERCEPTIVOS	72
4 ABRA OS OLHOS: COMO CONHECER O ESPAÇO SOCIAL DA ÁREA DE ESTUDO	76
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	76
4.2 ELENCO DO CENÁRIO CARAVELENSE E DE ABROLHOS: OS ATORES SOCIAIS	81
4.2.1 Ambientalistas: ONGs e ICMBio	82
4.2.1.1 Conservação Internacional do Brasil	87
4.2.1.2 Instituto Baleia Jubarte	90
4.2.1.3 ECOMAR	92
4.2.1.4 Insituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	93
4.2.2 Pescadores artesanais	94

4.2.3 Poder Público Local	99
4.2.4 Ribeirinhos	99
4.2.5 Setor privado: Aracruz Celulose e COOPEX	103
4.2.5.1 Aracruz Celulose.....	105
4.2.5.2 Cooperativa dos Criadores de Camarão do Extremo Sul da Bahia.....	106
4.2.6 Setor turístico: pousadas, instrutores de mergulho e operadoras de viagens, mergulho e embarcações	106
5 PERCEPÇÕES SOCIAIS E PACOTES PERCEPTIVOS: COMPREENDENDO O CONFLITO AMBIENTAL	110
5.1 CONHECENDO A PAISAGEM A PARTIR DOS ATORES SOCIAIS	110
5.2 CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DAS DIFERENTES PRÁTICAS DE USO DOS ESPAÇOS	122
5.3 CONHECENDO OS PACOTES PERCEPTIVOS QUE DEFINEM O CONFLITO AMBIENTAL.....	137
5.3.1 Pacote do <i>progresso</i>	138
5.3.2 Pacote do <i>ecodesenvolvimento</i>	142
5.3.4 Distribuição dos pacotes perceptivos na arena pública	147
6 CONCLUSÕES.....	148
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS	153
OBRAS CONSULTADAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas.....	160
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	164
APÊNDICE C – Guia explicativa	165
APÊNDICE D – Listagem de “nós” utilizados na codificação das entrevistas.....	167

1 INTRODUÇÃO

Ponta de areia ponto final
 Da Bahia-Minas estrada natural
 Que ligava Minas ao porto ao mar
 Caminho de ferro mandaram arrancar
 Velho maquinista com seu boné
 Lembra do povo alegre que vinha cortejar
 Maria fumaça não canta mais
 Para moças flores janelas e quintais
 Na praça vazia um grito um oi
 Casas esquecidas viúvas nos portais
 (Ponta de Areia – música de Milton
 Nascimento e Fernando Brant)

Tanto no Brasil quanto em outros países de regiões tropicais vem se verificando a existência de conflitos envolvendo a conservação da biodiversidade e a realidade socioeconômica. Trata-se de regiões de alto índice de biodiversidade que precisam ser protegidas, mas que são geralmente habitadas por comunidades empobrecidas dependentes, direta ou indiretamente, da exploração dos elementos naturais locais (DIEGUES, 2004). Em muitas dessas regiões, esta situação resulta na manifestação de conflitos envolvendo a necessidade de preservação ambiental e a exploração do meio natural com fins econômicos. Esses conflitos vêm despertando interesse de pesquisadores de diversas áreas, na maioria das vezes ligadas ao ambientalismo, que buscam metodologias e instrumentos para compreender e mediar estas situações (ACSELRAD, 2004).

Foi como observadora e integrante de um cenário destes que passei os momentos mais decisivos da minha graduação em Ciências Biológicas, concluída na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006. Tudo começou com uma visita turística para observar baleias e concluir um curso de mergulho no famoso arquipélago dos Abrolhos, partindo da cidade de Caravelas, no extremo sul baiano. Naquela oportunidade, conheci o Instituto Baleia Jubarte (IBJ), importante instituição ambientalista local na luta pela conservação desses cetáceos e, no ano seguinte, em 2004, já estava de volta ao município de Caravelas, desta vez como estagiária do IBJ, permanecendo lá por cinco meses. Dali em diante, lá não mais deixaria de estar presente, ao menos uma vez ao ano, fosse como estagiária de outras instituições, visitando amigos, realizando o trabalho de conclusão do curso ou somente como observadora de baleias e amante do mar.

Não é casual, portanto, a escolha dessa área de estudo: o banco dos Abrolhos e o município de Caravelas. Localizado no extremo sul do estado da Bahia, o banco dos Abrolhos é um alargamento da plataforma continental, onde se situa o arquipélago dos Abrolhos, juntamente com uma extensa área de recifes de corais, abrigados em parte pelo Parque

Nacional Marinho dos Abrolhos (ParNaM dos Abrolhos) e pela Área de Proteção Ambiental Estadual da Ponta da Baleia / Abrolhos (APA Ponta da Baleia). O setor turístico denominou a região de Costa das Baleias devido à concentração das baleias jubarte (*Megaptera novaeangliae*) no banco, principal área de reprodução da espécie no Atlântico Sul Ocidental (FIGURA 1). Nos bancos pode-se encontrar grandes extensões de formação coralínea que dão os mais variados tons de verde e azul às águas (FIGURA 2), sem falar no colorido que fica submerso (FIGURA 3). Já o município de Caravelas encanta pela beleza dos manguezais e dos casarões portugueses, pela praia e por seus personagens, pelas matas e pela cultura, ou seja, pela beleza natural e social que constituem esse espaço.

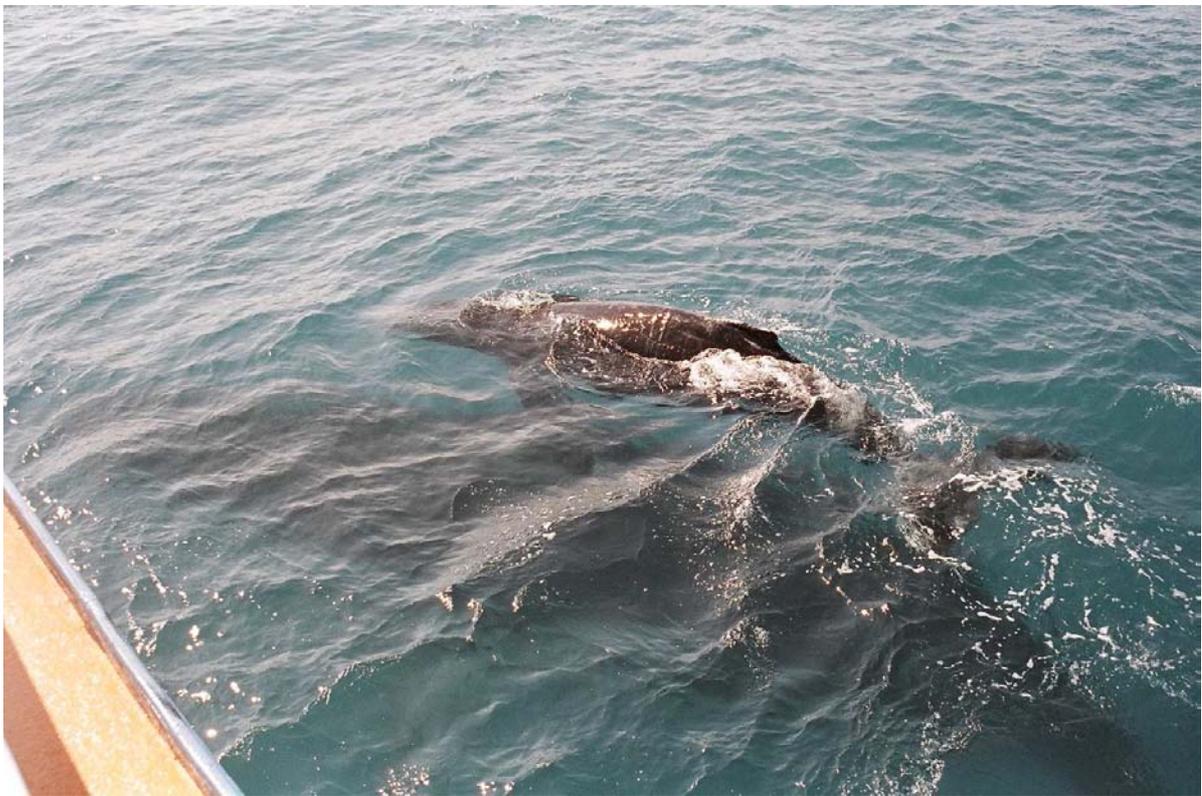


FIGURA 1 – Mãe e filhote de baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) no banco dos Abrolhos (BA). Foto tirada durante a temporada de estágio no IBJ (setembro/2004 – fotografia da autora).



FIGURA 2 – Arquipélago dos Abrolhos (BA), ilha da Siriba à esquerda e ilha Redonda à direita (outubro/2004 – fotografia da autora).



FIGURA 3 – Cirurgião azul (*Acanthurus coeruleus*) no fundo do mar de Abrolhos, entre as ilhas da Siriba e Redonda (abril/2006 – fotografia da autora).

Quem chega nesse pequeno município aparentemente pobre pode imaginar que encontrará somente um porto de saída para Abrolhos e inúmeras referências a baleias, mas acaba se surpreendendo desde a estrada com vastas áreas de monocultivos de eucalipto e pequenos amontoados de mata nos cantos (FIGURA 4). Mais adiante, a admiração se dá na arquitetura das casas, muito antigas e com azulejos portugueses, no pequeno número de estabelecimentos voltados ao turismo em funcionamento e no grande número de pousadas caindo no esquecimento, no terminal portuário da Aracruz Celulose, a polêmica empresa de celulose brasileira, nas organizações não-governamentais (ONGs) ambientalistas, no colorido dos barcos de pesca (FIGURA 5). Olhando ainda mais de perto, impressiona o elenco social que atua nesse cenário: ribeirinhos vendendo seus catados, técnicos do IBAMA, candidatos a vereadores com carros de som se promovendo, trabalhadores da Aracruz e de uma empresa de dragagem com seus macacões, poucos turistas, militares, pescadores consertando redes, mergulhadores, doutores e especialistas nas diversas áreas da ecologia, viajantes atracados com seus veleiros, jovens escultores e artistas contando com o movimento do corpo e com a música as peculiaridades locais.



FIGURA 4 – Estrada entre o município de Caravelas e o Parque Nacional do Descobrimento (BA) com monocultivo de eucalipto e fragmentos de Mata Atlântica (março/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 5 – Município de Caravelas (BA), margem do rio Caravelas e embarcações dos pescadores (abril/2006 – fotografia da autora).

Tecnicamente, pode-se falar de uma região que abrange ecossistemas mundialmente ameaçados e fortemente interdependentes: *fragmentos de Mata Atlântica*, bioma de floresta tropical da costa Atlântica em uma altura em que apresenta elevado grau de endemismo de espécies animais e vegetais (PRIMACK & RODRIGUES, 2001); *manguezais*, áreas alagadiças, com espécies arbóreas tolerantes à água salobra, responsáveis pela retenção dos sedimentos com nutrientes drenados dos rios que servem de base para a cadeia trófica de camarões e peixes (PRIMACK & RODRIGUES, 2001); e *recifes de corais*, em uma área que abriga um tipo de formação coralina única no mundo (chapeirões) e o maior número de espécies coralinas no Atlântico Sul, além de um alto grau de endemismo entre estas espécies (LEÃO, 1999). É também nesse ecossistema que se encontram os pescados mais valorizados (grandes herbívoros), cuja superexploração leva à deterioração dos corais que competem com as algas das quais esses peixes se alimentam.

Historicamente, a região vem sofrendo degradação ambiental há mais de 500 anos devido a diversas interferências de origem externa ligados a interesses econômicos particulares, antigos e atuais, como a extração de pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), a pesca da garoupa, a extração de búzios (concha miúda e branca usada como dinheiro nas colônias portuguesas da África, inclusive para a aquisição de escravos), servindo de porto de entrada

para a busca de pedras preciosas nas Minas Gerais, a caça de baleias jubarte, exportação de madeira, cacau, café e coco através da Estrada de Ferro Bahia-Minas, transformação de florestas em pastagens agrícolas, turismo de mergulho e de observação de baleias no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, intensificação do monocultivo de eucalipto, criação de um porto de barcaças para escoamento de eucalipto da empresa Aracruz Celulose para o Espírito Santo (LAGES, 2000; GIESBRECHT, 2006; MARCACCI, 2006). Mais recentemente, houve a tentativa de implantação de um empreendimento de carcinicultura pela Cooperativa dos Criadores de Camarão do Extremo Sul do Estado da Bahia (COOPEX), em oposição a proposta de criação de uma unidade de conservação de uso sustentável, uma Reserva Extrativista (RESEX), defendida pelos ambientalistas ali presentes desde a década de 1980.

Entretanto, duas outras atividades estão muito presentes e são importantes para a economia local: a pesca artesanal e as atividades de coleta realizadas pelos ribeirinhos. A pesca artesanal, feita principalmente no banco dos Abrolhos a partir de embarcações de madeira de pequeno porte, é destinada, além do consumo próprio, a frigoríficos e atravessadores que vendem para restaurantes próximos ou exportam; e o catado dos ribeirinhos, beneficiado apenas em poucas ocasiões, é vendido na feira semanal, para consumo próprio ou repassado também a atravessadores (SEIXAS & PEDROSO, 2005). Seixas e Pedroso (2005) indicam o turismo representa uma fonte indireta de recursos, pois emprega poucas pessoas, trazendo vantagens somente através do aumento nas vendas do pescado.

A integridade dos ecossistemas locais e da comunidade caravelense, fortemente dependente desses ambientes, com destaque para os pescadores artesanais e os ribeirinhos, se encontra ameaçada pela chegada de novas práticas econômicas predatórias e pelo estabelecimento de práticas de conservação. A preservação dessa diversidade biológica e cultural será mais influenciada conforme a utilização do espaço natural que for desenvolvida.¹

Buscando me tornar bióloga marinha, adentrei esse cenário e comecei a ampliar meus questionamentos acerca da conservação ambiental. Aos poucos, fui incluindo nesse ambiente colorido e atraente seus personagens e histórias, o que resultou em um trabalho de conclusão de curso não unicamente sobre baleias, mas também sobre os pescadores e as interações entre eles. A partir daí, pensar na minha especialização focando os recifes de corais sem incluir seus personagens de hábitos aquáticos e terrestres se tornou difícil. Nesse momento, tomei

¹ Quanto à diferenciação e utilização dos termos *preservação* e *conservação* empregados nesta dissertação, ver item 2.2 adiante.

conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), multidisciplinar, onde, eu como bióloga, poderia adquirir instrumentos que me possibilitariam delinear uma pesquisa nessa área de estudo tão rica em diversidade natural e cultural.

A partir dessas vivências, dos novos conhecimentos e do debate com muitos colegas que já haviam conseguido associar os elementos da sociologia à ecologia, delimito meu *objeto de estudo* nos conflitos ambientais e nas percepções dos diferentes atores de Caravelas e do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Assim, realizei minha pesquisa buscando desvendar os seguintes *questionamentos*: quais as formas de relação (mais ou menos conflituosas) entre pescadores artesanais, órgãos de preservação ambiental, poder público e iniciativa privada na área de estudo? Quais suas consequências no âmbito da conservação e do desenvolvimento socioeconômico no espaço local? Quais as principais percepções sociais dos diferentes grupos envolvidos sobre a *conservação* e o *desenvolvimento* na área estudada?

Procurando responder a essas questões, foram elaboradas as seguintes *hipóteses*:

1. As relações entre os grupos se dão de maneira antagônica de acordo com as suas perspectivas de uso do espaço local, refletindo-se em uma interferência negativa sobre a conservação e/ou sobre o desenvolvimento. A existência de tal conflito entre alguns grupos sociais prejudica tanto o desenvolvimento local quanto a conservação dos ecossistemas envolvidos;

2. Grupos sociais envolvidos diretamente com a problemática ambiental, ou seja, as ONGs ambientalistas e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) percebem tais questões como indispensáveis para o desenvolvimento local. Por outro lado, grupos da iniciativa privada, tais como o setor turístico, a Aracruz Celulose e a COOPEX percebem o desenvolvimento em uma relação direta ao aumento no número de empregos oferecidos, considerando os elementos naturais apenas como recursos que propiciam tal desenvolvimento. Os demais atores, tais como os pescadores, ribeirinhos, pequenos agricultores e moradores divergem em suas opiniões de acordo com a relação que mantêm com conservacionistas e/ou com os empreendedores e com o tipo de atividade que exercem no ambiente.

O *objetivo geral* da dissertação consistiu em versar sobre os conflitos ambientais em torno das práticas de conservação e de projetos de desenvolvimento no município de Caravelas e no ParNaM dos Abrolhos relacionados principalmente ao ecossistema marinho, visando contribuir para o desenvolvimento local. E na tentativa de atender às questões levantadas, mais *especificamente* se *objetivou* (1) identificar os principais grupos de atores envolvidos nos conflitos; (2) identificar as percepções sociais de tais grupos acerca dos

ecossistemas e conhecimentos ambientais, bem como suas perspectivas de desenvolvimento para o espaço local; (3) elaborar um panorama da rede de relações entre os grupos sociais da área de estudo descrevendo-a de acordo com as concepções de tais grupos sobre questões ambientais e desenvolvimento e estabelecendo o grau de intensidade e as estratégias de conservação e de desenvolvimento local.

O referencial teórico-conceitual de análise constituiu em uma associação entre os estudos que vêm sendo realizados no âmbito dos conflitos ambientais e da construção da problemática ambiental (ACSELRAD, 2004; FUCKS, 2001; HANNIGAN, 1995) e a metodologia das percepções sociais, que tem como base o arcabouço teórico-metodológico das representações sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 1997), e que resultou na construção da categoria analítica dos *pacotes perceptivos*.

Durante o trabalho de campo permaneci no município de Caravelas de março a maio de 2008, totalizando dois meses na área de estudo, onde operacionalizei o processo através de observação participante (frequentando eventos, reuniões, discussões) registrada em diário de campo, de pesquisa documental que gerou um acervo de reportagens, artigos científicos e filmes, e de 46 entrevistas semi-estruturadas gravadas digitalmente mediante autorização dos interlocutores. Os entrevistados se dividiram entre ambientalistas (do setor público e das ONGs), poder público local, ribeirinhos, pescadores artesanais, setor turístico (proprietários de embarcações, pousadas, operadoras e instrutores de mergulho) e agentes ligados à Aracruz Celulose e COOPEX.

O resultado deste trabalho será apresentado primeiramente em um capítulo descrevendo a área de estudo e a sua diversidade de elementos: a formação histórica da região que hoje ocupa o município de Caravelas e o ParNaM dos Abrolhos, enfocando a sequência de atividades econômicas e sociais aí desenvolvidas, a caracterização dos três ecossistemas presentes e a importância da interconexão entre os mesmos, e delimitando o contexto empírico (Caravelas e o ParNaM dos Abrolhos). O capítulo três se restringe à formação do referencial teórico-metodológico empregado, onde se estabelece inicialmente os principais conceitos e fundamentos utilizados na construção do problema ambiental e no campo dos conflitos ambientais, seguido de um estudo dos preceitos que norteiam as percepções sociais, e finalizando com a apresentação dos pacotes perceptivos, usados aqui como categoria analítica, e que resultam da associação entre os referenciais construtivistas e dos conflitos às percepções sociais. O capítulo quatro se inicia com a descrição e justificativas da metodologia empregada ao longo da pesquisa de campo e finaliza com uma introdução às análises, uma seção onde são apresentados os grupos de atores entrevistados. O quinto capítulo apresenta,

finalmente, as análises realizadas, ou seja, os pacotes perceptivos que problematizam as questões ambientais locais, assim como a existência ou não de um conflito ambiental. O sexto e último capítulo contempla as conclusões obtidas a partir da pesquisa.

2 A “DESCOBERTA” DO EXTREMO SUL BAIANO

Costuma-se falar muito a respeito da descoberta do Brasil pela esquadra de Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1500, mas sabe-se que o termo “descoberta”, apesar de largamente empregado até os dias atuais, não é o mais adequado, pois remete à inexistência de qualquer vida ou cultura anterior a chegada dos portugueses, quando é sabido que havia uma natureza exuberante habitada por diversas tribos indígenas. Ainda assim não se pode ignorar a importância da chegada portuguesa e sua consequente colonização, pois além de fazer parte da história do Brasil e de Caravelas, como se verá a seguir, é de suma importância para o presente trabalho, tendo sido fundamental na configuração do espaço estudado, no que hoje constitui os aspectos sociais do extremo sul baiano.

Além dos fatores humanos, não se pode deixar de detalhar a ecologia dos ecossistemas envolvidos, utilizados e modificados ao longo desses anos de ocupação, a importância da conservação desses ambientes tanto para a manutenção da biodiversidade quanto para a sobrevivência da população local, inserindo aí a questão do uso de unidades de conservação como estratégia.

Neste capítulo pretende-se apresentar o município de Caravelas e o banco dos Abrolhos, esboçando primeiramente a sua história, evidenciando a sucessão de atividades econômicas desenvolvidas, incluindo relatos de moradores sobre alguns períodos prósperos. Finaliza-se esta seção com a “descoberta” da região pelos ambientalistas na década de 1980. Em um segundo momento, é caracterizado o município de Caravelas, seguido de uma apresentação dos ecossistemas locais: a Mata Atlântica, os manguezais e os recifes de corais, com suas características gerais, importâncias ecológicas locais e mundiais, e principalmente a interconexão entre os mesmos. Em uma penúltima subseção, é descrito o ambiente que delimita a área de estudo, juntamente com Caravelas: o banco dos Abrolhos e o seu Parque Nacional Marinho. Concluindo, são expostos os principais estudos locais e mundiais acerca da biologia e ecologia da baleia jubarte, cetáceo de grande importância na região.

2.1 A SEGUNDA VIAGEM PORTUGUESA AO BRASIL, DESTINO: CARAVELAS

Parte das informações a respeito da formação histórica de Caravelas até a década de 1960 a seguir foi extraída da Monografia Histórica de Caravelas escrita por Benedito Freire Ralille, professor muito reconhecido em Caravelas, e concluída por seu filho e neta em 2005 e publicado em 2006. Não se trata de um trabalho acadêmico, mas apresenta grande valor para a presente pesquisa, pois foi realizado a partir da reunião de diversas cartas, documentos e relatos de moradores caravelenses.

2.1.1 Formação histórica e econômica de Caravelas

De acordo com Ralile (2006), através de cartas de Américo Vespúcio e outros documentos datados do descobrimento, pode-se concluir que Caravelas é uma das cidades mais antigas do país. Teria sido descoberta no dia 3 de novembro de 1503 pela nau portuguesa comandada por Américo Vespúcio, que pertencia a Segunda Expedição Exploradora à terra encontrada por Pedro Álvares Cabral, esquadra então dirigida pelo capitão-mor Gonçalo Coelho. Após uma espera de dois meses pela chegada de Gonçalo Coelho na Bahia de Todos os Santos, Américo Vespúcio parte no dia 20 de outubro de 1503 costeando o litoral em direção ao sul até os 18° de latitude Sul, entrando na foz do rio Caravelas no dia de 3 novembro. A partir das cartas escritas por Américo Vespúcio constantes na obra de Ralile, sabe-se que ele adentrou 40 léguas (200 km) acompanhado de 30 homens, fundou uma feitoria deixando 24 homens cristãos e zarpou após cinco meses com as naus carregadas de pau-brasil.

No período em que se dividiu o Brasil em capitanias hereditárias, Caravelas integrou a Capitania de Porto Seguro, pertencente ao português Pero de Campo Tourinho que trouxe consigo a fim de colonização da região pescadores experientes com a pesca do bacalhau de Viana do Castelo, norte de Portugal. Ao norte da capitania era extraído o pau-brasil em larga escala com auxílio dos índios tupiniquins, já nos baixios de Abrolhos foi a pesca da garoupa que se tornou importante fonte de renda com a exportação do peixe seco e salgado. Na foz do Rio Caravelas, ao sul da Capitania, a extração de uma concha miúda e branca, chamada de

búzios, era rentável, pois eram usadas como dinheiro nas colônias portuguesas na África, inclusive para a aquisição de escravos. Entretanto, devido a difícil navegação pelos grandes recifes de corais de Abrolhos as naus que faziam o tráfego entre Portugal e o Oriente e os navios que seguiam para as outras capitanias passavam longe da Capitania de Porto Seguro e, com isso, a exportação do peixe, dos búzios e do pau-brasil entrou em declínio (LAGES, 2000; MARCACCI, 2006).

À época do Governo Geral do Brasil foi muito incentivada a colonização do litoral brasileiro e a penetração pelo interior na busca de minerais e pedras preciosas. Muitos dos bandeirantes que exploraram as Minas Gerais realizaram a sua entrada pelo Rio das Caravelas, que chegou a ser chamado de Rio Santo Antônio (pelo bandeirante Antônio Dias Adorno que aportou no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio), e que ficou conhecido como “porta de entrada dos sertões mineiros” (RALILE, 2006). Segundo consta nos documentos consultados, a localidade que viria a ser a cidade de Caravelas teve períodos em que foi povoada e períodos sem habitantes. Entretanto, não constam registros de alguma fundação dos bandeirantes, e a transformação de Caravelas em aldeia viria acontecer por obra de um frei capuchinho de origem francesa, membro da missão jesuítica de Manoel da Nóbrega. Neste momento é construída a Igreja de Santo Antônio do Campo dos Coqueiros. Em 1700, Caravelas é elevada à vila denominando-se Vila de Santo Antônio do rio das Caravelas, época em que apresentava certo movimento comercial o cultivo de madeira de lei para a construção das naus. Em 23 de abril de 1855, apresentando níveis de organização nos diferentes setores da administração pública, ganha o título de Cidade de Caravelas, e no ano seguinte é considerada a maior produtora de café da Província da Bahia, além das produções de cacau e mandioca (MARCACCI, 2006; RALILE, 2006). É da prosperidade alcançada pelo café e pelo movimento do porto neste período que resulta a arquitetura neoclássica verificada nos casarões de Caravelas: casarões térreos com fachada azulejada e vãos em arco pleno com caixilharias elaboradas (FIGURA 6).

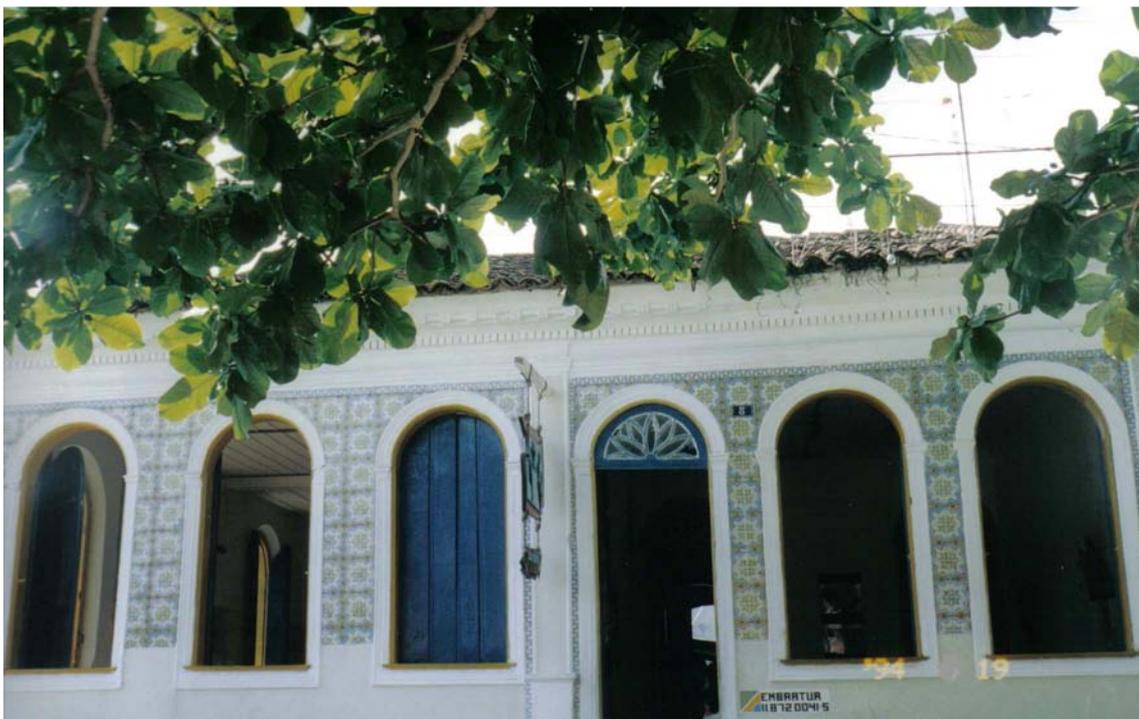


FIGURA 6 – Fachada azulejada de casario térreo, onde hoje se tem uma operadora de turismo e mergulho (setembro/2003 – fotografia de Silvia Silveira).

Em razão da pesca da garoupa na região de Abrolhos, os pescadores encontraram as baleias jubarte e passaram a caçá-las, atividade que foi a maior fonte de recursos por muito tempo (MARCACCI, 2006). Pescadores locais (a partir das histórias narradas por seus antepassados) descreveram esta atividade de caça como tendo sido totalmente artesanal, realizada a partir de pequenas embarcações a remo e com vários pescadores que arpoavam a baleia e a amarravam ao barco, e que posteriormente uma embarcação maior, a vapor, vinha buscá-la. Das baleias era utilizado o óleo, misturado com cal para construção (ainda existem casas construídas com óleo de baleia na cidade), para lamparinas (inclusive da iluminação pública), para remédio (contra bronquite) e lubrificação de motores, a carne para alimentação e os ossos serviam para adubo, enfeites e ração para gado (NOGUEIRA, 2006).

Ao final do século XIX, foi construída a Estrada de Ferro Bahia-Minas (EFBM) ligando inicialmente Ponta de Areia (distrito de Caravelas) à serra de Aimorés, na divisa com Minas Gerais. A ferrovia só alcançou seu ponto final definitivo em 1942 (Arassuaí, MG) após ter mudado diversas vezes de administração (GIESBRECHT, 2006). Foi, portanto, através da ferrovia, juntamente com o porto de Caravelas, que se deu o movimento de exportação de madeira, cacau, café e coco, e que propiciou o crescimento e a transformação de Caravelas em um dos principais centros urbanos do extremo sul da Bahia. Ao longo do período de funcionamento da E. F. Bahia-Minas, Caravelas chegou a abrigar os melhores colégios dessa região baiana, dois cines-teatro, duas agências bancárias (atualmente existe apenas uma) e

órgãos governamentais de saúde que atendiam também às populações vizinhas. Foi, ainda neste período, que se deu um intenso desmatamento (onde originalmente se tinha Mata Atlântica) pela extração de madeira e da transformação de florestas em pastagem e em plantações agrícolas (MARCACCI, 2006).

Contudo, em 1966, a E. F. Bahia- Minas é extinta alegando-se principalmente a abertura da Rodovia Rio Bahia, entre outras, a utilização de veículos motorizados no transporte da madeira bruta, a falta de manutenção das locomotivas e vagões, o custo elevado do combustível usado em larga escala pelas locomotivas e o fechamento das serrarias. A extinção da ferrovia, o abandono do porto e principalmente a criação da rodovia Rio-Bahia, em cujas margens surgiram novos municípios que rapidamente se transformaram nos novos polos da região (por exemplo, Teixeira de Freitas), significaram para Caravelas uma desaceleração em seu progresso e desenvolvimento e o retorno à atividade pesqueira como principal fonte de renda. Além de resultar em uma lacuna no escoamento das lavouras e provocar um conseqüente êxodo rural para cidades mineiras como Belo Horizonte, Betim, Divinópolis, Araxá, Ibiá e Lavras.

2.1.2 A redescoberta de Caravelas e Abrolhos: chegada da “colonização ambientalista” e a “nova madeira de lei”, o eucalipto

O movimento ambientalista teve início no Brasil na década de 1960, em um contexto de movimentos que reivindicaram e criticaram não exclusivamente o modo de produção capitalista, como faziam até então os principais movimentos sociais, como o operário. Esse período ficou marcado pelas manifestações das mulheres, dos negros, dos jovens, dos ambientalistas, que foram participando cada vez mais da cena política mundial e passaram a reivindicar modificações no modo de vida, a questionar os problemas cotidianos e exigir mudanças (GONÇALVES, 1998).

O Brasil na época do surgimento dos movimentos ecológicos vivia sob o regime de ditadura militar que perseguia cruelmente movimentos como o sindical e o estudantil, e cujo governo priorizava ações no plano técnico-econômico desenvolvimentista, abrindo o país para o capital estrangeiro. O crescimento da pressão ambientalista no cenário internacional obriga

o Estado a criar instituições públicas para gerir o meio ambiente antes mesmo do enraizamento do movimento ecológico no país, entretanto, apesar dos técnicos preocupados com as condições de vida, a lógica dessas instituições não era regida pelo valor intrínseco do ambiente, mas sim pela política de atrair investimentos financeiros. Além desse “impulso” do governo, no final dos anos 1970 muitos exilados políticos que vivenciaram o ambientalismo no exterior uniram-se aos ecologistas que vinham trabalhando no Rio Grande do Sul como José Lutzemberg e os demais fundadores da Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural (AGAPAN) e em lutas ambientalistas no norte fluminense (Campos e Macaé) e em Cabo Frio (GONÇALVES, 1998).

No início da década de 1960, a expedição Calypso, de Jacques Cousteau, visitou a região dos Abrolhos realizando importantes coletas científicas, e incentivou o início do desenvolvimento e publicação de diversas pesquisas na área das ciências biológicas e geológicas e que trouxeram à tona a importância ecológica da região. Essas evidências culminaram na proposta de transformação da área do arquipélago dos Abrolhos e bancos coralinos circunvizinhos no primeiro parque nacional marinho da América do Sul, realizada pelos professores Aylthon Brandão Joly, Eurico Oliveira Filho e Walter Narchi, da Universidade de São Paulo (USP), por ocasião do Simpósio sobre Conservação da Natureza e Restauração do Ambiente Natural do Homem, em 1968 (IBAMA/FUNATURA, 1991; IBAMA, 2003).

Contudo, a criação do parque se deu apenas em abril de 1983, e foi apenas em 1987/88 que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) chegou à região para administrar e conservar a área. Assim, o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos constituiu-se no primeiro parque marinho brasileiro, com uma sede administrativa na cidade de Caravelas, principal ponto de saída para Abrolhos. Desde então se intensificou o movimento para Caravelas de biólogos, oceanógrafos, geógrafos e geólogos, em sua maioria ambientalistas das diversas universidades do país, a fim de pesquisar os ecossistemas da região, em especial o marinho, mas não restringindo-se a este. Abrolhos foi redescoberto como berçário e área de reprodução das baleias jubarte, animais que até então haviam sido praticamente dizimadas, principalmente pela caça comercial. A década de 1980 foi época em que o Brasil foi palco do crescimento do movimento ambientalista transformando Caravelas e Abrolhos em importantes cenários, destacando a importância ecológica dos ecossistemas que até então só haviam sido reconhecidos como fonte de recursos. Data também desta época outra vitória do movimento ambientalista brasileiro: a proibição da caça de baleias.

Gradualmente foram se instalando instituições ambientalistas no município, resultando atualmente em mais de três organizações não-governamentais, onde se destacam a Conservação Internacional (CI), o Instituto Baleia Jubarte (IBJ) e a CEPEMAR, e duas públicas, o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos – ICMBio e o Projeto Manguezal – CEPENE/ICMBio – Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste/IBAMA).

Em 2003, após muitas reivindicações ambientalistas e algumas parcerias, a empresa Aracruz Celulose inaugura no distrito de Ponta de Areia o Terminal Marítimo de Navios-Barcaça Luciano Villas Boas Machado, que permite o transporte de eucalipto cultivado no sul da Bahia até Portocel, em Barra do Riacho (Espírito Santo)². Para a construção e manutenção do porto é realizada sistematicamente a dragagem do Rio Caravelas onde este deságua no mar, retirando sedimentos do fundo e tornando-se um grande poluidor, pois o aumento de sedimentos em suspensão na água provoca a degradação dos recifes de corais.

O cultivo do eucalipto já vinha sendo praticado na região desde o norte do Espírito Santo, contudo, a presença da Aracruz Celulose ocasionou um aumento dos monocultivos ao ocupar terras utilizadas para agricultura, além de expandir estas áreas destruindo alguns remanescentes de Mata Atlântica. De acordo com relatos de moradores de Caravelas e da região, famílias, muitas delas descendentes de antigos trabalhadores ou de escravos, que viviam da roça e da coleta no mangue no interior do Rio Caravelas e de seus afluentes, venderam suas terras para a empresa por valores que lhes pareciam adequados. Entretanto, na prática essas famílias migraram para o centro de Caravelas, onde não conseguiram adquirir casas com o valor obtido por suas terras e acabaram construindo suas novas moradias de forma precária, criando assim o chamado “bairro novo”. Alguns homens procedentes da roça integraram-se à pesca marinha, mas a maioria das pessoas vive sem suas terras das quais obtinham recursos e sem perspectiva de emprego, pois, apesar da cidade se apresentar fortemente ligada ao turismo, com pousadas e embarcações turísticas e do crescente número de restaurantes, este setor não tem tido desenvolvimento suficiente para absorver o contingente de desempregados.

² Fonte Aracruz Celulose http://www.aracruz.com.br/show_amb.do?act=stcNews&id=1316&lang=1 acesso em 4 de julho de 2009.

2.2 O MEIO NATURAL EM ESTUDO

Os Abrolhos são formados por cinco pequenas ilhas rochosas que, conquanto desabitadas, são não infrequentemente visitadas por pescadores. Dois grupos atracaram logo depois do desjejum. Comecei meu ataque as rochas, insetos e plantas; o restante dos homens começou um, mais sangrento, às aves. [...] Retornamos todos para o jantar e, depois disso, deu-se um bote aos cadetes para que pudessem ver as ilhas. Aproveitei a oportunidade e errei mais um pouco por este ponto solitário. Na volta ao navio vimos uma tartaruga, que imediatamente submergiu; nada, certamente, podia ser imaginado de pior para se espantar um animal do que um bote pleno de cadetes (DARWIN, 2006, p. 65).

Por que são escolhidas algumas áreas para conservação em detrimento de outras? Porque possuem elevado índice de biodiversidade. Mas por que o elevado índice de biodiversidade é tão importante? O que são *hostspots*? Qual a diferença entre preservar essas áreas ou conservá-las? Conservá-las de que ameaças? Qual o melhor instrumento? Nesta seção serão apresentados os conceitos mais aceitos, algumas de suas discussões e sobre os quais são fundamentadas as políticas públicas ambientais. Essa discussão é de suma importância para as análises seguintes.

Desde a Antiguidade, filósofos e naturalistas, como Aristóteles, já esboçavam estratégias para classificar e nomear os “tipos” de vida que conheciam. Posteriormente, a ciência que se encarregou de sistematizar os organismos conforme eles iam sendo identificados foi a História Natural. Graças ao trabalho sistemático do naturalista Linnaeus, em 1758, que já havia a descrição de 5897 espécies de plantas e animais (os dois reinos em que ele separava os organismos) (LEWINSOHN & PRADO, 2002). Assim, surgiu a taxonomia, que versa sobre a identificação, classificação e descrição de novas espécies, uma área científica que iniciou o estudo das espécies, mas que também contribuiu para a mudança do próprio conceito de espécie e originou outras ciências e termos como a biogeografia, a seleção natural, a biodiversidade, as comunidades, os ecossistemas, entre outros.

A *biogeografia* se desenvolveu na medida em que novas regiões foram sendo conhecidas pelos naturalistas e outras espécies foram sendo descritas e relacionadas aos diferentes tipos de ambiente. Desse modo nasce o termo diversidade de espécies, que deu origem à designação de biodiversidade. No seu conceito mais simplificado biodiversidade é relacionada à riqueza em espécies, ou seja, ao número de espécies de um determinado local. Em uma definição mais ampla, o termo *biodiversidade* contempla escalas menores e maiores que a das espécies ao incluir a diversidade genética intraespecífica, valorizando a conservação

de subpopulações, por exemplo, e a multiplicidade de comunidades e ecossistemas existentes em uma região, como manguezais, estágio inicial e final de sucessão de uma floresta (BEGON et al. 2007). Este conceito mais amplo é aplicado por todas as nações, como pode ser verificado no acordo que produziu a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), apresentada em junho de 1992 na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), ou Rio-92:

Diversidade biológica significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas. (MMA, 2000, p.11) [grifo do original].

Dentre os motivos para a conservação da biodiversidade, um dos mais explorados, inclusive pela mídia, é a estimativa de que até o presente menos de 10% das espécies do mundo foram reconhecidas e uma fração ainda menor tem a sua biologia estudada. O desaparecimento de ecossistemas que abrigam essas espécies é comparado por Mittermeier et al. (2004) a destruição de todas as livrarias e bibliotecas do mundo conhecendo-se menos de 90% dos títulos, nem o conteúdo dos títulos conhecidos. Desse modo se estaria extinguindo com um vasto estoque genético de plantas e animais que poderiam ser estudados e utilizados no tratamento de doenças. Outra razão mencionada para a conservação são as catástrofes ambientais diretamente relacionadas à degradação de florestas, campos, rios e mares que ameaçam a sobrevivência humana, ocasionando deslizamentos, diminuição e extinção de estoques pesqueiros, ausência de água potável, enchentes, aquecimento global, aumento do buraco da camada de ozônio.

A verdade é que se torna complexo estimar o valor da biodiversidade e dos elementos naturais, pois são valores determinados tanto por fatores éticos quanto econômicos. Primack & Rodrigues (2001) estruturam, com base na economia ambiental e nos estudos de Mc Neely de 1988 e 1990, esses valores em duas categorias maiores:

- *Valores diretos*, em economia conhecidos como bens privados, referem-se aos produtos extraídos da natureza, no caso, a extração de espécies que serão usadas diretamente pelas pessoas, ou para consumo próprio (valor de consumo) ou para serem comercializadas nacional ou internacionalmente (valor produtivo). Dentre os produtos mais vendidos encontra-se a lenha, a madeira para construção, peixes, mariscos, plantas medicinais, frutas, vegetais, carne e pele de animais silvestres, fibras, ratam, mel etc. É como valor produtivo, portanto, que surge a preocupação com a manutenção do estoque genético, pois grande parte dos medicamentos já utilizados é

proveniente de plantas e animais, e muitos ainda precisam ser pesquisados e podem ser úteis para outras doenças;

- *Valores indiretos*, em economia conhecidos como bens públicos, destinam-se a aspectos da biodiversidade e são os processos ambientais e benefícios econômicos oferecidos por ecossistemas que não necessitam ser extraídos ou destruídos para serem usufruídos. São elementos naturais não contabilizados em estatísticas econômicas como no PNB (Produto Nacional Bruto), mas cuja existência seja determinante na disponibilidade de outros elementos dos quais as economias dependem. Os benefícios na conservação da diversidade biológica desses elementos de *valor não consumista* são verificados:

a) na produtividade de ecossistemas (i.e. estuários onde ocorre rápido crescimento de algas e plantas que são a base da cadeia alimentar de pescados e mariscos comercializados);

b) na proteção da água e do solo (desmatamento no entorno de bacias hidrográficas diminui a capacidade de absorção de água pelo solo aumentando a sua erosão, provocam assoreamento prematuro em rios, enchentes catastróficas, além de levar partículas prejudiciais a animais de água doce, organismos de recifes de corais, e à vida marinha dos estuários costeiros);

c) no controle climático (comunidades vegetais diminuem a temperatura pela sombra, reciclam água na transpiração que retorna como chuva e absorvem dióxido de carbono que ocasiona o aquecimento global);

d) nos dejetos (fungos e bactérias são responsáveis por degradar poluentes como metais pesados, pesticidas e esgoto, mas em locais degradados esses decompositores perdem suas funções);

e) nas interações interespecíficas (insetos polinizadores sem valor econômico direto, mas que polinizam plantações de grande valor econômico);

f) no lazer e ecoturismo (caminhadas, fotografia, rafting e observação de baleias e pássaros trazem retorno econômico enquanto as áreas visitadas estiverem conservadas);

g) nos indicadores ambientais (espécies sensíveis a um ou mais poluentes auxiliando a monitorar a saúde de determinados ambientes); e

h) na educação e pesquisa científica.

Além desses valores indiretos existe também o *valor de existência*, que é o valor gasto para proteger determinadas espécies ou grupo de animais, como as baleias, as

tartarugas, o mico-leão-dourado, o lobo-guará, animais que constituem a “fauna carismática”, ou áreas de grande beleza natural como florestas e recifes de corais. Muitas vezes a manutenção dessa “fauna carismática” ou “espécies-bandeira” servem para atrair fundos que vão conservar todo ambiente dessa espécie, preservando assim comunidades biológicas (Primack & Rodrigues, 2001).

Mais do que apenas os fatores econômicos Primack & Rodrigues (2001) abordam as questões éticas defendendo que todas as espécies têm o direito de existir, premissa que vai ao encontro do primeiro conceito elaborado em 1927 por Fritz Jahr, para o termo bioética, estabelecendo o reconhecimento de obrigações éticas não só com humanos, mas com todos os seres vivos (GOLDIM, 2006). Hoje este conceito atingiu um grau maior de complexidade e abrange o meio ambiente, tendo sido restabelecido em 1998 por Potter como uma bioética profunda que, influenciada pela ecologia profunda, tem como componentes a ética, a humildade, a responsabilidade, as competências interdisciplinar e intercultural e o senso de humanidade (GOLDIM, 2006). Primack & Rodrigues (2001) complementam essas considerações com a interdependência de todas as espécies, pois a perda de apenas uma poderia acarretar danos para diversos membros de uma comunidade ao comprometer processos físico-químicos que se autorregulam através de processos biológicos; com a responsabilidade da sociedade humana com seus dejetos, usos inadequados da natureza comprometendo a vida das outras espécies, a sua e a qualidade de vida das gerações futuras; e com o respeito pela diversidade humana e cultural, pois a violência entre sociedades humanas destrói não só a diversidade humana, mas também a biológica.

Visto que é comum a limitação de recursos financeiros para o estabelecimento de unidades de conservação, é necessária a consideração dos aspectos a serem priorizados na conservação de uma ou mais espécies, e somar critérios de escolha a esses valores que determinam quais áreas serão preservadas. Biotas³ de diferentes regiões variam em riqueza de espécies. Para determinar as áreas potenciais de proteção, deve se levar em consideração o quanto a sua biota é singular e o quanto está ameaçada visando garantir a preservação da maior representatividade de comunidades e ecossistemas possíveis, avaliando os critérios de seleção ou uma combinação entre eles. (BEGON et al. 2007).

De acordo com Mittermeier et al. (2004), o conceito de *hotspots* foi criado em 1989 em um artigo publicado por Myers, onde este identifica dez áreas de florestas tropicais que

³ O termo *biota* refere-se ao conjunto de seres vivos, tanto da flora quanto da fauna, habitantes de um mesmo ambiente geológico. Por exemplo, biota marinha, biota terrestre, biota lacunar. Fonte: WINGE et al. (2001-2009). Disponível em: <http://www.unb.br/ig/glossario/index.html> Acesso em: 5 de julho de 2009.

apresentavam altos níveis de endemismo de plantas, bem como elevadas taxas de destruição de habitats. Esse mesmo conceito foi aprimorado pela ONG Conservação Internacional em parceria com Myers e publicado em um relatório *on line* em 1996 um conceito introduzindo patamares quantitativos: *hotspots* são regiões que abrigam ao menos 1500 espécies de plantas vasculares endêmicas e têm 30% ou menos da vegetação original preservada (MITTERMEIER et al., 2004). Nesta mesma publicação o bioma da Mata Atlântica, que se estende pelo território brasileiro, argentino e paraguaio aparece em terceiro lugar no *ranking* dos *hotspots* mundiais, incluindo também os mangues e restingas aí presentes. Como os recursos direcionados mundialmente para a conservação ambiental, que apesar de crescentes ainda são escassos, e como muitas áreas estão em processo avançado de destruição, a identificação, a delimitação e o planejamento de conservação para essas áreas se faz necessária para um melhor aproveitamento de tais recursos e para elaboração de políticas ambientais.

No Brasil, foi constituído em 2000, através da Lei nº 9.985, o principal instrumento de Política Nacional do Meio Ambiente, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que tem por finalidade ordenar áreas protegidas, nos níveis federal, estadual e municipal estabelecendo critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação brasileiras. O primeiro órgão brasileiro a estabelecer e decretar as unidades de conservação era o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e, anteriormente ao SNUC, o IBAMA, e as unidades de conservação tanto no Brasil quanto no mundo eram desenvolvidas sob preceitos preservacionistas.

Segundo Diegues (2004), o preservacionismo como modelo de visão de mundo sobre a questão ambiental tem como base o ideário romântico do final do século XVIII. Sem questionar a noção de separação entre cultura e natureza, valoriza-se a vida selvagem (*wilderness*) conferindo-lhe valor estético e espiritual, mesclando elementos científicos e místicos e remetendo as áreas naturais e de beleza cênica ao paraíso perdido. É sob esta visão de mundo que se deu a formação dos primeiros parques nacionais, em uma perspectiva em que a preservação da natureza se dá de maneira a cercar uma área e mantê-la intocada, sem qualquer exploração do homem, com objetivo de servir somente de inspiração e lazer.

Ao mesmo tempo em que nascia a corrente preservacionista de visão de mundo sobre a questão ambiental no final do século XVIII, via-se surgir, mesmo que com menor expressão, um pensamento conservacionista cujo autor de maior importância foi Pinchot, e que defendia, conforme Diegues (2004), a possibilidade de utilização racional dos elementos naturais, desde que se prevenisse o desperdício e que o seu uso beneficiasse a maioria dos cidadãos. Esta

abordagem prevê o homem como parte integrante do ambiente, o que está presente no SNUC, o sistema atual.

O SNUC tem dentre outros objetivos o de

[...] promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais, [...] promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento, [...] proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural, [...] valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica [...] favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico, [...] proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente (BRASIL, 2000, p. 4).

As unidades de conservação se dividem neste sistema nas de *Proteção Integral*, às quais têm como objetivo preservar a natureza, onde é permitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, e nas de *Uso Sustentável*, cujo objetivo é compatibilizar a conservação da natureza com uso sustentável de parte dos seus elementos naturais. Na categoria mais restrita encontram-se os Parques Nacionais, as Estações Ecológicas, Reservas Biológicas, Monumentos Naturais e Refúgios da Vida Silvestre, e na outra as Áreas de Proteção Ambiental, Áreas de Relevante Interesse Ecológico, Florestas Nacionais, Reservas Extrativistas, Reservas de Fauna, Reservas de Desenvolvimento Sustentável Reserva Particular do Patrimônio Natural (BRASIL, 2000).

A partir dos conceitos explicitados, segue a apresentação das características dos ecossistemas envolvidos neste trabalho e da importância da conservação dos mesmos, bem como a caracterização da área de estudo, mostrando as categorias de unidades de conservação que afetam de algum modo esta área. Ao longo da redação do trabalho serão adotados os termos preservação e conservação, referindo-se sempre ao conceito de conservação, exceto nos depoimentos dos entrevistados.

2.2.1 Caravelas: como chegar e o que encontrar

De acordo com dados do IBGE (2007), o município de Caravelas abrange uma área de 2.361 km² e tem uma população de 21.150 habitantes que distribuídos nos quatro distritos que constituem sua unidade municipal: Caravelas, Juerana, Ponta de Areia e Santo Antônio de Barcelona. Caravelas se localiza no litoral do extremo sul baiano, onde faz limite ao norte com os municípios de Alcobaça, Teixeira de Freitas e Medeiros Neto, a oeste com o

município de Lajedão, ao sul com os municípios de Ibirapuã e Nova Viçosa e a leste com o oceano Atlântico na altura de maior extensão do banco dos Abrolhos (FIGURA 7).

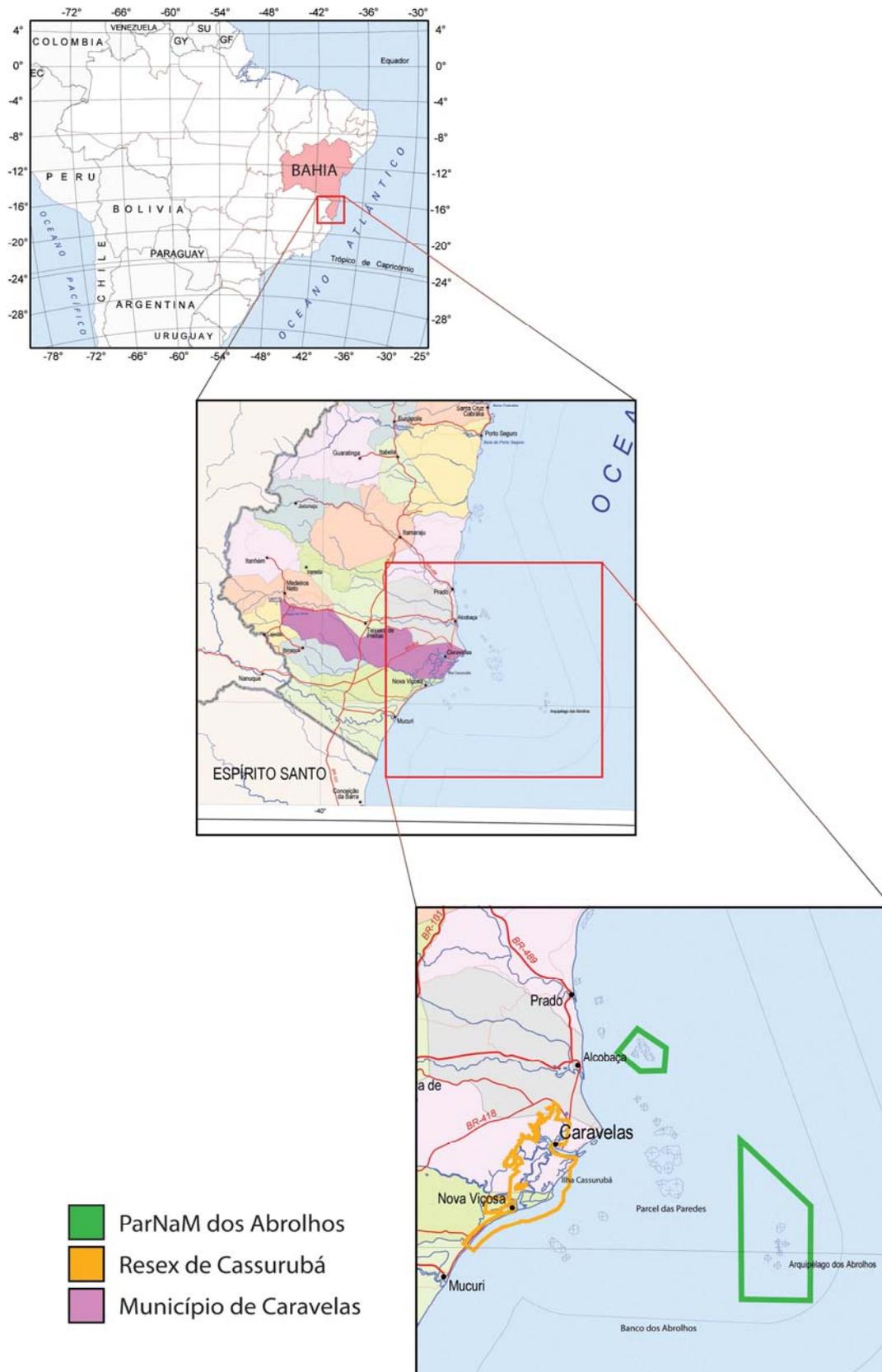


FIGURA 7 – Mapas do Brasil e do Estado da Bahia destacando a área de estudo: O município de Caravelas e o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos.

Fonte: IBGE (2009) adaptado por Felipe Rijo.

Caravelas dispõe de um aeroporto construído pelo governo brasileiro como estratégia militar em acordo com os americanos à época da Segunda Guerra Mundial, mas que se encontra interditado pelo Ministério da Aeronáutica desde 2007. O aeroporto chegou a operar com duas companhias aéreas comerciais que possuíam, até mesmo, agência na cidade, a Serviço Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda. e a Panair do Brasil, entretanto, quando do seu fechamento já era utilizado apenas por aeronaves militares e particulares (RALILE, 2006). De acordo com relatos de muitos moradores a pista do aeroporto já foi considerada umas das melhores do Brasil, pelas condições locais de vento, localização e tamanho, mas que por falta de manutenção foi interditada.

Hoje o aeroporto com voos regulares e diários mais próximo é o de Porto Seguro, localizado a 261 km de Caravelas, onde é possível ter acesso a linhas rodoviárias intermunicipais que vão até Teixeira de Freitas, que dista 87 km de Caravelas e possui linhas regulares diárias até Caravelas.

Existe uma relativa ampla oferta de estabelecimentos da rede hoteleira, tratando-se de pousadas e hotéis distribuídos principalmente na sede do município, sendo um hotel e uma pousada no Grauçá (próximo a beira da praia). Além dessa rede hoteleira são encontradas ao menos cinco operadoras de viagens a Abrolhos que oferecem serviços de observação de baleias, mergulho autônomo (curso completo e /ou batismo), e principalmente visitação e pernoite no ParNaM dos Abrolhos.

O município conta com uma agência dos Correios e Telégrafos e uma do Banco do Brasil. No período em que foi realizada a pesquisa existiam na sede de Caravelas apenas quatro restaurantes, sendo que um deles estava fechando devido ao baixo movimento e seria reaberto somente no início das férias de verão (dezembro de 2008).

O supermercado mais próximo localiza-se em Teixeira de Freitas, sendo observado na cidade diversas mercearias e mini-mercados de bairros. Destaca-se no comércio de varejo a *feira* que ocorre todos os sábados pela manhã, na rua do porto na sede do município, e onde são oferecidas hortaliças, legumes, frutas, temperos, carne, catados do mangue, óleo de dendê, mel, laticínios e produtos derivados da mandioca produzidos e/ou beneficiados pela comunidade local (FIGURAS 8 e 9), tendo, ainda, toda uma parte destinada à venda de produtos industrializados (FIGURA 10) como roupas, brinquedos, acessórios pessoais etc.



FIGURA 8 – Feira de Caravelas, parte destinada a venda de artigos de hortifrutigranjeiros, em sua maioria produzidos pela comunidade local (abril/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 9 – Laranja, óleo de dendê e mandioca, artigos produzidos e comercializados pela comunidade local (abril/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 10 – Parte da feira de Caravelas destinada a comercialização de artigos de vestuário e acessórios (abril/2008 – fotografia da autora).

No âmbito da saúde, de acordo com Ranauro (2004), a rede física dos serviços conta com um hospital filantrópico, oferecendo 56 leitos, localizado na sede de Caravelas, nenhum posto de saúde e oito centros de saúde que compõem o Programa de Saúde da Família (PSF), sendo dois na sede municipal e os demais distribuídos nos seus distritos. Na questão educacional Caravelas, juntamente com Nova Viçosa, se destaca dos demais municípios da Costa das Baleias (que incluem Prado, Alcobaça e Mucuri), por possuir um número elevado de estabelecimentos municipais de ensino em área rural (26, 20 de Ensino Fundamental e seis de Pré-Escola) em relação à área urbana (23, 12 de Ensino Fundamental e 11 de Pré-Escola). Ao todo o município conta com 49 estabelecimentos de ensino da rede municipal, cinco da rede estadual (sendo apenas um de Ensino Médio), não constando informações a respeito de escolas particulares (RANAURO, 2004). A taxa de alfabetização em Caravelas no ano de 2000, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2000 apud RANAURO, 2004), era de 77,1%, inferior a média brasileira (87,2%), e discretamente inferior a média do Estado da Bahia (78,4%), mas superior a média do nordeste (75,4%).

Sua vasta área territorial é composta por diferentes ambientes desde regiões litorâneas e agrícolas, a uma vasta extensão de manguezais onde se localiza a foz do rio Caravelas e seus afluentes e remanescentes de Mata Atlântica, além de extensa área de monocultivo de eucalipto (MARCACCI, 2006). Apesar de relatos recentes sobre o aumento da silvicultura em detrimento da produção agrícola nas áreas agricultáveis do entorno de Caravelas, que pode ser confirmada pela diminuição de variedades e qualidade e aumento de preços na feira semanal, Ralile (2006) descreve a existência de uma diversa produção agrícola no período entre 1990 e 1997. As principais culturas permanentes neste período foram: coco e mamão, que tiveram um aumento na produção; café, maracujá, banana e cacau, que se mantiveram estáveis; e em escala menor goiaba, laranja, limão, semente de urucum, pimenta do reino e extração de borracha (látex coagulado). Nos cultivos de lavouras temporárias destacaram-se a cana-de-açúcar, melancia, batata-doce, feijão e mandioca, embora esta última basicamente voltada para a subsistência, além de plantações menores de abacaxi, amendoim, arroz, melão, milho e tomate. Não foram encontrados dados mais recentes sobre a situação atual desses cultivos.

Desde a década de 1980 a silvicultura vem obtendo destaque no monocultivo de eucalipto na região, destinado à produção de madeira em toras para celulose e de carvão vegetal (RALILE, 2006). Apesar de em 2004 o Estado de Minas Gerais ter concentrado 76,14% da produção nacional de carvão da silvicultura, possuindo três municípios que respondem por 13,81% da produção nacional, Caravelas e o município vizinho de Alcobaça também integraram esse *ranking* de municípios brasileiros (IBGE, 2004).

A pecuária ainda é presente, primeiramente através da criação de rebanhos bovinos, seguida da criação de equinos e do rebanho muar, mas vem apresentando uma redução no número de rebanhos, o que pode ser explicado pela preferência de muitos proprietários de terras a passar para o eucalipto.

É preciso salientar também a importância da pesca e da coleta de produtos do manguezal. A atividade pesqueira é favorecida pela localização litorânea e do estuário que há no município e ainda é realizada de maneira artesanal, através de embarcações de pequeno e médio porte. Dados mais precisos e detalhados acerca dessa atividade estão descritos na seção 4.2.2 deste trabalho.

Além das diversas organizações governamentais e não-governamentais presentes em Caravelas, a cidade ainda conta com um Conselho Municipal do Meio Ambiente (CMMA) de caráter consultivo, que se reúne mensalmente, onde a sociedade civil possui 50% de representação. Este conselho é constituído por outras entidades do poder público, além de instituições de ensino e pesquisa, associações ambientalistas e de moradores (IBGE, 2002).

De acordo ainda com esta fonte, não fazem parte do conselho associações profissionais, nem entidades empresariais, religiosas ou de trabalhadores.

2.2.2 Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma floresta tropical latifoliada que recobre áreas baixas e de média elevação (até 1000 m de altitude) paralela a costa brasileira, estendendo-se do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul (MORELATTO & HADDAD, 2000). Este bioma já cobriu uma área de 1.200.000 km², mas atualmente está reduzida a aproximadamente 98.000 km², ou seja, apenas 8,1% da cobertura de Mata Atlântica ainda permanecem intactos. Foi a primeira região brasileira a ser colonizada e é onde se localiza o seu principal centro agroindustrial, sendo habitada por 60% da população (MITTERMEIER et al., 2004). Estudos mais recentes que contabilizaram fragmentos superiores a três hectares e áreas de restabelecimento de mata obtiveram a estimativa de 11,7% de vegetação ainda existente (RIBEIRO et al., 2009).

Trata-se da segunda maior área de florestas tropicais da América do Sul, perdendo apenas para a Floresta Amazônica e possuindo uma abrangência latitudinal de 3000 km (entre os paralelos 30S e 6S), e no sentido do litoral para oeste penetra em torno de 300 km (SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 1993). Esta ampla extensão entre os paralelos confere-lhe certa variação climática ao longo de sua ocorrência, pois os níveis de radiação solar e as médias de temperatura anuais são indiretamente proporcionais às latitudes. Contudo, esta variação é amenizada por efeitos como o da *maritimidade* pela proximidade da costa – o elevado calor específico da água do mar permite a estabilização das temperaturas – que proporciona pequenas amplitudes diurnas e entre as estações; e da *umidade* que chega através de bolsões de ar quente do mar pelas correntes atmosféricas e que se precipita ao encontrar as montanhas (precipitação orográfica) (BACKES & IRGANG, 2004).

A Mata Atlântica é, portanto, marcada por singularidades do relevo verificada nas cadeias montanhosas que seguem a costa brasileira, pela proximidade do mar e por uma ampla distribuição entre as latitudes tropicais (e subtropical na região Sul), características que propiciaram a elevada riqueza e diversidade biológica juntamente com um alto nível de endemismo. A partir da divisão proposta por Silva et al. em 2004 e Silva e Casteleti em 2003, e empregada por Ribeiro et al. (2009), verificam-se oito subregiões biogeográficas (Araucária,

Bahia, Brejos Nordestinos, Diamantina, Interior, Pernambuco, Serra do Mar e São Francisco) de acordo com diferenças geográficas, históricas e pela complexidade do relevo que permitiram a distribuição heterogênea de espécies vegetais e animais. A subregião baiana é a segunda mais preservada, com 17,7% da sua vegetação original presente, perdendo apenas para a subregião da Serra do Mar que possui 36,5% da sua vegetação original e onde se localiza mais da metade dos remanescentes de Mata Atlântica (RIBEIRO et al., 2009).

O bioma Mata Atlântica, com seus ecossistemas de florestas tropicais, mangues e restingas ameaçados de extinção, em conjunto com sua elevada biodiversidade e endemismo figura como terceiro bioma no *ranking* dos *hotspots*. E é na faixa do sul da Bahia e norte do Espírito Santo, ou seja, na altura da área estudada, que se encontra o recorde de diversidade botânica, podendo ser encontradas até 450 espécies lenhosas em um só hectare (MITTERMEIER et al., 2004).

2.2.3 Manguezais

Manguezais são ecossistemas estuarinos, ou seja, encontrados em bocas de rios, principalmente quando o fluxo de saída de água é contido por alguma forma de barreira de terra ou ilhas. Sua singularidade se dá devido à mistura de água doce e salgada e pela alta produtividade biológica decorrente do transporte de nutrientes realizados pelos rios e pela rápida troca entre as águas de superfície e sedimentos (RICKLEFS, 2003). Apesar de integrar o bioma Mata Atlântica, o ecossistema de manguezal não se assemelha às florestas tropicais em número de espécies, possuindo apenas três espécies de árvores – *Rhizophora mangle* (mangue-vermelho ou bravo), *Avicennia schaueriana* (mangue-seriba ou seriúba), *Laguncularia racemosa* (mangue-branco) – e sua elevada produtividade se dá pela grande abundância das populações aí encontradas (RODRIGUES, 2009).

A vegetação de mangue recebe diariamente um fluxo de água salobra nas marés altas e, portanto, para assimilar água nesse ambiente de elevado potencial osmótico são necessárias estratégias como acumular altos níveis de solutos orgânicos em suas raízes e folhas para aumentar seu potencial osmótico, bem como excretar o sal diretamente através de glândulas de sal na superfície das folhas ou de membranas semipermeáveis em certas raízes. As plantas de mangue diminuem sua carga de sal também pela redução da transpiração, adaptação que as assemelham às plantas de ambientes áridos (RICKLEFS, 2003).

A fauna desse ambiente se caracteriza pela presença de grandes populações de caranguejos como o guaiamum (*Cardisoma guanumi*) e marinheiro (*Aratus pisoni*) nos fundos lodosos, animais filtradores como as ostras (*Crassostera pectinata*) e outros moluscos como o sururu (*Mytella guyanensis*) e a amêijoia ou ameixa (*Lucina pectinata*) nos troncos submersos. Além da fauna residente, os mangues são visitados pelo camarão branco (*Penaeus stylirostris*) que passa parte do seu ciclo de vida no mangue e serve de local de alimentação para uma ampla variedade de peixes nas marés altas e para certas aves nas marés baixas (SILVA, 1996; RODRIGUES, 2009).

Os manguezais brasileiros constituem os maiores do planeta, localizando-se desde o Cabo Orange, no Amapá, até Laguna, em Santa Catarina. Já ocuparam uma extensão muito maior que a atual, mas foram substituídos por portos, loteamentos, indústrias e rodovias e hoje se estendem por uma área de aproximadamente 10.000 km², em sua maioria na costa Norte do país (RODRIGUES, 2009).

Na área que abrange o município de Caravelas e o de Nova Viçosa localiza-se o principal complexo estuarino do banco dos Abrolhos, considerado Área Prioritária para conservação da biodiversidade de acordo com o Ministério de Meio Ambiente (MMA). Este complexo constitui uma área de cerca 11.000 hectares de manguezais, restingas e ecossistemas associados, sendo uma das maiores áreas de mangue ainda bem conservadas no Brasil (FIGURA 11). Além disso, residem muitas famílias em ilhas e sítios ao longo do estuário, famílias de ribeirinhos, vivendo da coleta e pesca de alguns representantes da fauna de mangue e/ou da agricultura familiar (NICOLAU, 2006) (FIGURAS 12 e 13).



FIGURA 11 – Paisagem de manguezal localizada às margens do rio Caribé (maio/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 12 – Casa de uma das famílias ribeirinhas na ilha de Cassurubá (maio/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 13 – Escola Municipal localizada no manguezal, às margens do rio Caribé (maio/2008 – fotografia da autora).

Esta área, entre esses dois municípios, inclui o local onde seria erigido o empreendimento de carcinicultura da COOPEX, e abrange a maior parte da extensão de terras destinada a criação da Resex Marinha de Cassurubá, que em conjunto com a proposta da Zona de Amortecimento (ZA) do ParNaM dos Abrolhos garantiriam a manutenção da integridade do ambiente recifal do banco dos Abrolhos. Devido a esta interdependência entre esses ecossistemas, o presente trabalho inclui em suas análises os interlocutores que vivem, decidem e/ou influenciam os possíveis usos para este espaço, os ribeirinhos, a COOPEX e os ambientalistas envolvidos com o processo de criação da Resex.

2.2.4 Recifes de Corais

Recifes de corais são construções biológicas antigas e extremamente sensíveis. Já ocuparam superfícies dez vezes maiores que atualmente, mas estiveram ausentes em certos períodos. Em uma ótica geomorfológica os recifes de corais são estruturas rochosas, rígidas e resistentes à ação das ondas e correntes marinhas, construídos por organismos marinhos animais e vegetais de esqueleto calcário (LEÃO, 1994 apud CASTRO, 2000). São formados, portanto, por uma camada viva delgada e construções calcárias espessas e crescem em regiões tropicais rasas que permitem que os organismos depositem carbonato de cálcio mais rapidamente do que fatores físicos, químicos e biológicos possam erodi-los (VILLAÇA, 2002). Dentre os organismos desta camada viva predominam os corais, que acabam por denominar os recifes, entretanto, para a formação da estrutura básica dos recifes biogênicos é necessária a interação de vários seres, formando uma teia de associações e de eventos em sucessão.

Os corais integram o grupo dos cnidários através das classes *Hexacorallia*, a qual pertence os principais bioconstrutores; *Hydrozoa*, a classe dos hidrocerais que realizam importantes construções nas bordas dos recifes, também conhecidos como corais de fogo (FIGURA 14) e *Octocorallia*, os octocerais que contribuem com espículas calcárias para a sedimentação dos recifes. Além dos corais, as macroalgas desempenham um importante papel na consolidação e modelagem da superfície dos recifes coralinos e no fornecimento de sedimentos carbonáticos, pois algumas espécies possuem pequenos cristais de cálcio (VILLAÇA, 2002).



FIGURA 14 – Coral de fogo (*Muricia flama*) apresentando branqueamento nas suas extremidades, topo de recife de coral no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (março/2006 – fotografia da autora).

A sensibilidade desse ecossistema se deve ao fato de que a sua ocorrência é restrita a águas rasas e quentes, cuja temperatura permaneça acima dos 20°C ao longo de todo ano, além de ser muito frequente em torno de ilhas vulcânicas, pela presença de nutrientes provenientes da erosão desse tipo de solo o qual se alimenta os recifes coralinos (RICKLEFS, 2003). Por essa estreita tolerância às variações de temperatura os recifes de corais têm sido considerados bioindicadores, apresentando degradação em áreas onde se verificou aumento da temperatura influenciada pelo aquecimento global (VILLAÇA, 2002).

Os recifes coralinos têm grande capacidade de reciclagem de nutrientes, uma combinação entre temperatura, elevada luminosidade e movimentos hidrodinâmicos que distribuem os nutrientes, e a possibilidade de fixar nitrogênio atmosférico através de cianobactérias simbiotes ou livres. Também representam um papel fundamental no ciclo do carbono, pois para cada cálcio utilizado na construção dos recifes, uma molécula de dióxido de carbono também é depositada. Essa elevada produtividade dos recifes os torna a base da sobrevivência de muitas populações costeiras, pois a sua integridade influencia tanto o

pescado local, quanto aquele que não reside no recife (pelágico). Ao funcionar como criadouros de peixes os recifes renovam estoques pesqueiros e, especialmente em áreas protegidas, permitem a reposição de populações de áreas mais exploradas. Além disso, a diversidade de organismos singular desse ecossistema, gerada pelo mosaico de diferentes habitats em uma pequena área, constitui um banco genético de muita importância para usos futuros do seu potencial farmacológico. Atualmente, diversas drogas já têm seu princípio ativo extraído desses organismos, pois muitos produzem substâncias químicas para proteção contra predadores e para inibir a ocupação do espaço em que se desenvolveram (VILLAÇA, 2002; PENNINGGS, 1997 apud CASTRO, 2000).

As comunidades coralíneas do Brasil possuem poucas espécies de corais quando comparadas a Grande Barreira de Corais da Austrália, além de se apresentarem descontínuas e muitas vezes aparecerem como estreitas linhas próximas à costa, contudo não deixam de formar uma entidade diversa nos aspectos da história, morfologia e biota (CASTRO, 2000). Os recifes se distribuem na costa brasileira do litoral do Maranhão (Parcel de Manuel Luís) ao do Rio de Janeiro em Cabo Frio, e nas ilhas oceânicas do Atol das Rocas (RN) e Fernando de Noronha (PE) e apresentam maior diversidade no banco dos Abrolhos, onde já foram identificadas as 18 espécies de corais já descritas em águas brasileiras (LEÃO, 1999; LABOREL, 1970 apud CASTRO, 2000).

A ausência dos recifes biológicos em outras porções da costa brasileira se deve a restrição desse ecossistema a águas quentes e de baixa sedimentação. Por essas razões, não é possível encontrar recifes na altura da foz de grandes rios como o Amazonas e o São Francisco, pois o fluxo de sedimentos desses rios é muito elevado, nem em baixas temperaturas como ao sul de Cabo Frio. São também tais fatores que explicam sua dependência com os manguezais, pois esse ecossistema funciona como filtro retendo os sedimentos trazidos pelos rios das florestas de Mata Atlântica e permitindo que estes deságuem no mar com baixos níveis de sedimentos. Portanto, a manutenção dos processos dinâmicos que resultam nesse ecossistema diverso e sensível depende também da integridade de ecossistemas litorâneos como os manguezais (CASTRO, 2000).

2.2.5 O Banco dos Abrolhos e o seu Parque Nacional Marinho

O banco dos Abrolhos (ver FIGURA 7) é um alargamento da plataforma continental leste brasileira (estreita, apresentando em média 50 km de largura) e que tem como limite meridional a foz do Rio Doce (19°30' S), no Espírito Santo, e setentrional o município de Prado (16°40' S), na Bahia, Brasil. A extensão máxima desse alargamento chega a medir 190 km, entre os 038° e 39°30' W, na altura da cidade de Caravelas (Bahia). As águas de Abrolhos são turvas na maior parte do ano devido à suspensão dos sedimentos de fundo movidos pela ação dos ventos e correntes. Sua porção sul é caracterizada por um fundo homogêneo, com profundidade média de 40 metros e pela ausência de portos abrigados ou barreiras naturais. Na parte norte do banco, localiza-se o complexo recifal de Abrolhos, com profundidades inferiores a 30 m, abrangendo recifes de corais, ilhas vulcânicas, bancos de areia rasos e canais, e é onde localiza-se o arquipélago dos Abrolhos. O clima nesta região é úmido, as temperaturas médias são de 24°C no inverno e 27°C no verão e a precipitação média anual é de 1750 mm (LEÃO, 1999). A origem do seu nome é incerta, mas acredita-se ter sido originado da expressão “Abra os olhos!” que alertava aos marinheiros para os recifes de corais que dificultavam a navegação (IBAMA/FUNATURA, 1991).

Os recifes do banco dos Abrolhos são a formação coralina mais importante do Atlântico Sul, distribuindo-se por uma área de aproximadamente 6 km² e dividindo-se em dois grupos, um mais próximo da costa e o outro mais distante. As construções dessa região diferem do tipo de construções mais comumente encontradas, e são conhecidas como “chapeirões”, formações de colunas irregulares que lembram cogumelos e que podem alcançar 25 metros entre o topo e a base. O topo é geralmente mais largo, podendo ficar fora d’água na maré baixa. Nos recifes mais próximos à costa que constituem o arco costeiro, como o Parcel das Paredes, é possível observar a coalescência de chapeirões⁴, ao passo que os mais distantes se encontram isolados (LEÃO, 1999; VILLAÇA, 2002).

Recifes costeiros do banco, como é o caso do Parcel das Paredes supracitado, apresentam porções com maior cobertura de algas pardas foliáceas e o coral *Mussismilia braziliensis* apresenta menor atividade de fotossíntese do que nos recifes do arquipélago dos

⁴ É quando dois ou mais chapeirões se encontram muito próximos e suas estruturas laterais fundem-se. No caso das formações encontradas no arco costeiro dos recifes de Abrolhos as estruturas dos topos dos chapeirões se fundem quase totalmente, e as estruturas laterais coalescem parcialmente, ocasionando a existência de canais estreitos nas partes inferiores desses chapeirões (LEÃO, 1999).

Abrolhos, o que pode ser explicado pela menor turbidez da água no arquipélago que se localiza dentro dos limites do Parque (COUTINHO et al., 1993 apud CASTRO, 2000). Além disso, Coutinho et al. (1993 apud CASTRO, 2000) sugerem que a maior atividade de herbivoria verificada no arquipélago pode ser justificada pela grande quantidade de algas foliáceas (não palatáveis). Estudo como o de McClanahan et al. (2003) realizado em Belize, indicam a mortalidade de corais e a diminuição da herbivoria (devido à sobrepesca de grandes herbívoros) como a causa do crescimento de algas pardas frondosas, que demonstram, portanto a deterioração do recife de coral. Na ausência dos predadores naturais de pequenas algas palatáveis que não contribuem para a diminuição da luminosidade, ocorre o crescimento rápido de algas pardas das quais os peixes não se alimentam, acelerando a deterioração dos recifes. Contudo, estudos a respeito deste tipo de competição ainda estão sendo desenvolvidos para a região de Abrolhos (com. pess.).

A partir de estudos geomorfológicos realizados na planície de Caravelas (ANDRADE & DOMINGUEZ, 2002), foi concluído que o manguezal encontrado nessa região, juntamente com os brejos também presentes, constituem ecossistemas sensíveis e importantes para a região, pois, além de serem ricos em matéria orgânica, madeira e conchas são formados por sedimentos argilosos e/ou siltosos (extremamente finos), e a sua ocupação inadequada resulta no aumento do aporte de sedimentos fluviais finos, comprometendo a integridade do complexo recifal dos Abrolhos. A manutenção desses ecossistemas costeiros, juntamente com o ecossistema recifal, formam a área de maior produtividade biológica da costa da Bahia.

O Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, localizado neste complexo banco, é composto de duas áreas distintas, totalizando 91.300 hectares. A maior das áreas compreende o parcel e o arquipélago dos Abrolhos (composto por cinco ilhas vulcânicas: Santa Bárbara, Sueste, Siriba, Redonda e Guarita), excluindo a ilha de Santa Bárbara, a maior delas, por ser de jurisdição e controle do Ministério da Marinha (FIGURAS 15 e 16). A menor parte corresponde ao recife das Timbebas, mais próximo à costa e que, portanto, apresenta características diversas aos recifes de Abrolhos.



FIGURA 15 – Ilha de Santa Bárbara, casas do Ministério da Marinha, sendo uma delas emprestada ao ICMBio (outubro/2004 – fotografia da autora).



FIGURA 16 – Ilha Redonda fotografada a partir da Ilha de Santa Bárbara, do ponto mais alto do arquipélago (outubro/2004 – fotografia da autora).

A necessidade em dividir o Parque se deve à exclusão do canal dos Abrolhos dos seus limites para permitir o trânsito dos navios. Entretanto, a definição destas áreas de acordo com o Plano de Manejo “cumpre o objetivo de proteger um trecho do litoral de grande valor faunístico e abastecedor de alimento da região, sem esquecer sua função social” (IBAMA/FUNATURA, 1991, p. 10). Esse aspecto é ressaltado no Plano de Manejo do ParNaM dos Abrolhos por ter isolado em parque nacional, com as suas restrições de uso, somente essas porções dos recifes, excluindo o parcel das Paredes, que integra o arco recifal costeiro, e que continua a funcionar como área de pesca para a população das localidades litorâneas como Caravelas.

A sede do Parque, situada na praia do Kitongo, em Caravelas, conta com um centro de visitantes, onde turistas podem visitar uma mostra permanente de fotos locais, apreciar a escultura de uma baleia jubarte em tamanho natural e adquirir informações ambientais a respeito do Parque e das baleias que visitam a região (FIGURA 17). A presença das baleias jubarte se tornou um dos principais atrativos turísticos, visto que o número de visitas a Abrolhos aumenta no período de permanência desses animais.



FIGURA 17 – Sede do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos às margens do rio Caravelas (agosto/2004 – fotografia da autora).

2.2.6 A baleia de grandes asas

A pesca da baleia tem o cacharréo, que é o macho, o madrijo, que é a fêmea, o baleote, que é a cria mamona, o seguilote, que vai junto da mãe mas já mistura a mama com comida, e o meio-peixe, que é o peixe novo que ainda ia crescer antes da arpoação. Canta-se mesmo como hoje, aruê-pã-pã, aruêpão, eu queria pegar ela na barba do meu arpão, mas se canta mais ligeiro - aruê-pão-pão-pão-pão. Isso no desmancho da baleia, na pesca tem outras. O padre vem todo revestido benzer as lanchas que vão pescar a baleia, três lanchas sempre, poucas vezes quatro, não era chalupas, que essas chalupas hoje é como vaso de guerra. O padre benze as lanchas, que vão bem, bem, bem armadas, que estão todas baleias parindo neste mês por aqui tudo. O madrijo não deixa do baleote, não deixa do seguilote, então, quando o baleote vai forgando, forgando, forgando pela cima da água, todos sabendo que o madrijo ali nada ao pé, o baleote vai brincando e dando sartos e sartos e sartos pela ribança das ôndias igual como um boto, porém de pequeno juízo pela idade, quando então a lancha vai até nele, que espia eles como se fosse palestrar, e então eles só faz enfiar nele o arpéu, que eles despedem de perto porque o baleote nada sabe e não tem medo deles. E nisso matam o baleote com esse arpéu, que é o mesmo arpão, porém menor e com mais esgalhas e barbilhas para a finalidade de doer para o baleote chorar bastante, matam ele e amarram no costado e então chega a mãe, que ouviu os gritos e choros e também já vem chorando, e então eles metem nela o arpão grande, saindo ela correndo léguas e léguas caçada pelas três lanchas, e botam no meio a lancha que traz o filho atilhado, porque ela, malferida e malcansada, assim mesmo volta para ver a cria, e dão novas corridas e então novos arpãos e mais as coisas e as meias-luas e as foices de baleia e muitos ferros, então ela chora muito como uma pessoa e bota sangue esguichando numa poeira d'água encarnada, ficando o mar todo também encarnado e então morre essa baleia e seu baleote e vão arrastando eles em fileira para a Armação, com as queixadas e as bocas amarradas de boas cordas para a água não entrar por eles adentro, bem como os peixes que gostam de entrar pela boca da baleia e os bichos que bebem o sangue dela (RIBEIRO, 2007).

A baleia jubarte, também conhecida por baleia corcunda, tem por nome científico *Megaptera novaeangliae* (Borowski, 1781), onde *megaptera* significa grandes asas e faz referência às suas grandes nadadeiras peitorais, que podem chegar a um terço do comprimento do corpo, e *novaeangliae* ao local de sua primeira descrição, a Nova Inglaterra, costa nordeste dos Estados Unidos.

A jubarte pertence à família Balaenopteridae (subordem Mysticeti, ordem Cetacea) da qual fazem parte também as baleias azul, fin, sei, Bryde, minke, entre outras. Em geral medem de 14 a 16 metros, sendo as fêmeas maiores que os machos, e pesam até 40 toneladas. O corpo é robusto e de coloração cinza-escuro, com exceção do ventre que possui manchas claras e das nadadeiras peitorais que podem ser inteiramente brancas ou apenas possuir a parte ventral mais clara. A nadadeira dorsal, ao contrário das peitorais, é bem pequena. Sua cabeça é achatada na porção superior, onde também se localizam alguns pequenos tubérculos, no centro dos quais se encontra um pêlo de provável função sensorial, a vibrissa. Podem-se

verificar também algumas cracas aderidas à pele da jubarte na região da cabeça e das nadadeiras (HETZEL & LODI, 1993; CLAPHAM & MEAD, 1999) (FIGURA 18 e 19).

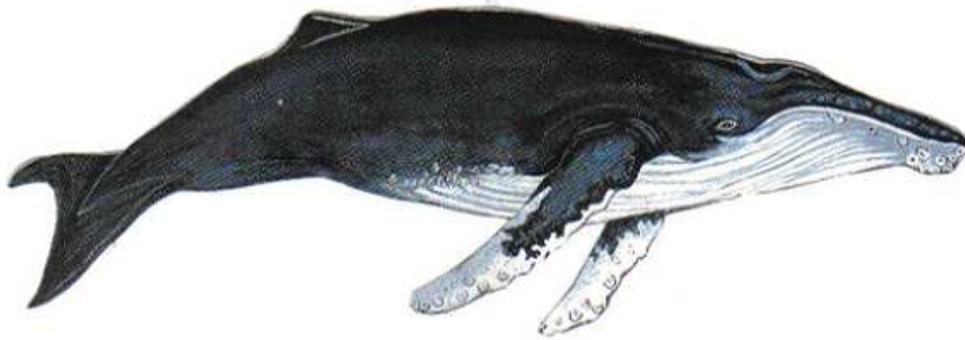


FIGURA 18 – Ilustração de baleia jubarte.
Fonte: Instituto Baleia Jubarte, 2006.



FIGURA 19 – Fêmea e filhote de baleias jubarte nadando no banco dos Abrolhos (setembro/2004 – fotografia da autora).

A nadadeira caudal apresenta, na sua porção ventral, um padrão de pigmentação único para cada indivíduo, que pode variar de todo branco a todo preto, funcionando como uma impressão digital (FIGURA 20) (KATONA & WHITEHEAD, 1981).



FIGURA 20 – Baleias jubarte no banco dos Abrolhos (agosto/2004 – fotografia da autora).

Como outras espécies de mysticetos, as jubartes realizam migrações anuais entre as altas latitudes, onde permanecem durante o verão se alimentando basicamente de *krill* (crustáceo do gênero *Euphasia*) e de pequenos peixes, e as baixas latitudes, onde permanecem durante o inverno acasalando e tendo seus filhotes (DAWBIN, 1966). A espécie é encontrada em todos os oceanos, sendo comumente observada em áreas da costa ou da plataforma continental nas áreas de alimentação e reprodução, mas em áreas mais profundas durante suas migrações (CLAPHAM & MEAD, 1999; CLAPHAM, 2000).

As baleias jubarte não vivem em grupos estáveis, sendo que o sistema social dessa espécie nas áreas de reprodução é caracterizado por grupos compostos de dois ou mais machos competindo por uma única fêmea (CLAPHAM et al., 1992), enquanto que, nas áreas de alimentação, ele é caracterizado por pequenos grupos e associações efêmeras entre os indivíduos, relacionados com a distribuição das presas (CLAPHAM, 1993; WEINRICH et al., 2006).

O comportamento característico da espécie nas áreas de reprodução é descrito por uma série de eventos, alguns aéreos, que envolvem significativo gasto energético (FIGURA 21). Estes eventos ocorrem em diferentes frequências e muitos são associados aos machos em idade reprodutiva, entretanto, eles podem ter diferentes funções e ser também produzidos por fêmeas e filhotes.

Também conhecidas pelo seu canto, esta tática é apresentada somente pelos machos e parece estar fortemente ligada à reprodução. Deste modo, a documentação do canto quanto a da formação de grupos sociais com intensa competição de machos por uma fêmea evidencia a estratégia reprodutiva da espécie (CLAPHAM, 1999 e 2000; ENGEL, 1996) (FIGURA 22).



FIGURA 21 – Baleia jubarte saltando ao final da tarde no banco dos Abrolhos (setembro/2004 – fotografia da autora).



FIGURA 22 – Grupo competitivo composto por ao menos cinco baleias jubarte no banco dos Abrolhos (agosto/2004 – fotografia da autora).

A baleia jubarte foi uma das espécies de baleia focada pela caça comercial, devido a sua proximidade da costa e à grande quantidade de óleo que possui. No hemisfério Sul, essa caça se iniciou no final do século XIX em áreas da costa da África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Ilhas Malvinas/Falkland e na Geórgia do Sul. Contudo, foi a partir de 1915 que se deu a grande expansão desta atividade nas águas do continente antártico, com elevada e intensa produtividade resultantes do avanço das embarcações e das técnicas de captura. Como consequência, estima-se que 200.000 baleias jubartes tenham sido abatidas no século XX. As atividades de caça não se restringiram a esta região, alcançando também o Atlântico e o Pacífico Norte, onde se estima a captura de 4.000 e 30.000 baleias, respectivamente (BASTIDA & RODRÍGUEZ, 2005). Até o acordo de proteção internacional firmado em 1966 pela Comissão Internacional Baleeira (CIB), a caça comercial foi a principal ameaça à espécie, reduzindo a população mundial a 5% da população original (TØNNESEN & JOHNSEN, 1982). Atualmente, a espécie vem se recuperando, já sendo considerada “pouco preocupante” pela União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN), mas ainda “vulnerável” pelo Plano de Ação do IBAMA (2001) e está presente na Lista Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção do IBAMA (IBAMA, 2001; IUCN, 2008).

Hoje ainda é permitida pela CIB a caça ocasional de baleias jubarte na ilha Bequia do Caribe. Além disso, são registradas como ameaças a jubartes e a outras baleias a captura

acidental em redes de pesca, as colisões com navios e outros tipos de embarcações e já se especula sobre a contaminação por poluentes e doenças, além da degradação de habitats (CLAPHAM *et al.*, 1999). Sabe-se que anualmente o número de fatalidades envolvendo baleias jubartes e redes de pesca é superior aos resultantes da caça consentida pela CIB (BAIRD, 2003). No entanto, são insuficientes os estudos que possam indicar o quanto essas ameaças influenciam as espécies em nível populacional (CLAPHAM *et al.*, 1999).

No Oceano Atlântico Sul Ocidental, a área de reprodução das baleias jubarte distribui-se ao longo da costa do Brasil, de aproximadamente 5°S a 21°S (ZERBINI *et al.*, 2004) e a principal área de concentração reprodutiva está localizada no banco dos Abrolhos (ANDRIOLO *et al.*, 2006; MARTINS *et al.*, 2001). Registros de avistamento e de encalhes cada vez mais ao Norte do país indicam a reocupação de antigas áreas de ocorrência da espécie (MÁS-ROSA *et al.*, 2002; ZERBINI *et al.*, 2004; ANDRIOLO *et al.*, 2006).

Dados recentes de monitoramento por satélite (ZERBINI *et al.*, 2006) e fotoidentificação (STEVICK *et al.*, 2005) sugerem que a área de alimentação da população de jubartes brasileiras está localizada no Mar da Escócia, nas proximidades das ilhas Geórgia do Sul/Sanduiche do Sul. Para reforçar estas pesquisas, duas jubartes amostradas nessas localidades apresentaram proximidade genética com a população brasileira (CYPRIANO-SOUZA *et al.*, 2009).

Desde 1988 pesquisadores do Instituto Baleia Jubarte vêm estudando esta população através de várias linhas de pesquisa (ENGEL 1996; FREITAS *et al.*, 2004; MARTINS *et al.* 2001). Uma das linhas é a fotoidentificação, na qual a partir de fotografias da porção ventral da nadadeira caudal torna-se possível a diferenciação entre indivíduos, além de viabilizar estudos mais detalhados das populações. Este trabalho de fotoidentificação já possibilitou a criação de um catálogo de imagens de mais de 3200 indivíduos (com. pess.).

3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Este capítulo está dividido em quatro seções. A primeira se atém ao surgimento da sociologia ambiental e a importância da abordagem construtivista desenvolvida por Spector & Kitsuse em 1973, tendo Hannigan (1995) e Fuks (2001) a utilizado na construção dos problemas ambientais como problemas sociais. É esta a abordagem escolhida para o entendimento dos conflitos ambientais que serão aqui analisados.

Na segunda seção, portanto, será delimitado o conceito de conflito ambiental a partir de Acselrad (2004, 2005) e apresentado o contexto em que estes estudos têm sido aplicados no Brasil, bem como sua relevância para esta pesquisa.

Na terceira seção, será então apresentado o instrumento teórico-metodológico escolhido para análise, o conceito das percepções sociais fundamentado no arcabouço teórico das representações sociais (SPINK, 1995; JODELET, 1997; MOSCOVICI, 2003), que se constitui essencialmente no entendimento de como as pessoas se apropriam do conhecimento formando conjuntos de opiniões e atitudes, ou seja, representações de grupos de pessoas sobre um objeto, tendo como preocupação entender a função do conhecimento e como este conhecimento é articulado nas relações cotidianas.

Concluindo este capítulo, a quarta seção apresenta os *pacotes perceptivos*, uma adaptação dos pacotes interpretativos de Fuks (2001), construídos através das percepções sociais e utilizados aqui como categoria analítica que vai explicar a dinâmica argumentativa dos conflitos ambientais.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA AMBIENTAL

Segundo Ferreira et al. (2006), foi nos anos 60 com a popularidade que os movimentos sociais alcançaram trazendo a problemática da destruição dos elementos naturais pelo aumento da industrialização, que a sociologia ambiental surgiu como um campo de pesquisa. Para Hannigan (1995) o marco do surgimento da sociologia ambiental foi o Earth Day 1970, o “Dia primeiro” do ambientalismo, que iniciou o decênio ambiental reunindo milhões de participantes em debates extracurriculares. De qualquer forma, com a disseminação do

ambientalismo nos anos 60 e 70 as ciências sociais se encontraram sem um corpo teórico ou empírico à disposição para compreender as relações entre a natureza e a sociedade, pois apesar dos três fundamentais pioneiros da sociologia – Durkheim, Marx e Weber – possuírem uma dimensão ambiental em seus trabalhos, esta abordagem não foi muito significativa, nem realçada por seus tradutores e estudiosos (HANNIGAN, 1995; FERREIRA et al., 2006).

A partir daí grupos de pesquisa formados por sociólogos começaram a revelar, das mais distintas formas e contextos, a relevância da problemática ambiental e a preocupação com o ambiente começaram a integrar as agendas do governo, instituições internacionais e movimentos sociais. À medida que a questão ambiental foi ampliando seu espaço, diversos atores passaram a se envolver nas questões referentes à natureza, e devido aos seus distintos desejos, a entrar em disputas, reafirmando a importância da sociologia ambiental, que viria a contribuir muito para as pesquisas acerca dos conflitos ambientais (FERREIRA et al., 2006).

A obra de Fuks (2001) acerca dos conflitos ambientais no Rio de Janeiro, inserida em um contexto teórico amplo, buscou entender como se dá o processo social complexo e heterogêneo através do qual bens culturais como ciência, crenças e ideias são assimiladas e disseminadas. Da maneira como a questão ambiental vem sendo absorvida por distintos setores da sociedade, Fuks (2001) constata duas possíveis abordagens para o meio ambiente como um problema social. A primeira explicaria o surgimento de mobilizações sociais como reações esperadas, por exemplo, resposta aos níveis atuais de degradação e das variáveis que influenciam tais condições. Nesta perspectiva, os fenômenos sociais são compreendidos a partir das condições que o produziram diretamente, e a pesquisa social perde seu teor cognitivo, intervindo nos debates e nas práticas sociais relacionadas aos problemas ambientais e adquirindo a função de esclarecer e elaborar propostas visando à solução desses problemas.

Uma segunda abordagem teria como fundamento a proposta de reformulação da sociologia dos problemas sociais, cujo foco se volta para o processo social de construção do meio ambiente como problema social ao invés de buscar as condições objetivas (SPECTOR & KITSUSE, 1987 apud FUKS, 2001). Isso se deve ao fato dos problemas sociais não se desenvolverem em condições estáticas, mas sim em “sequências de acontecimentos” baseadas nas definições coletivas (SPECTOR & KITSUSE, 1973 apud HANNIGAN, 1995). Desse modo os pesquisadores definiram os problemas sociais como “as atividades de grupos que fazem asserções de agravos e reivindicações às organizações, agências e instituições sobre algumas condições aceitáveis” (SPECTOR & KITSUSE, 1973 apud HANNIGAN, 1995, p.48). Nesta perspectiva construtivista em que parte da sociologia ambiental se firmou, a análise do problema social centra-se na forma como este problema é “gerado e sustentado

pelas atividades de grupos de reclamação e respostas institucionais a elas” (SPECTOR & KITSUSE, 1973 apud HANNIGAN, 1995, p.48). A análise construtivista perpassou várias áreas como nos estudos de ciência e tecnologia, nas relações de gênero e da comunicação social, sempre mantendo, de acordo com Best (1989 apud HANNIGAN, 1995), a “preocupação com a forma como as pessoas determinam o significado do seu mundo”. O uso desta abordagem exige, por conseguinte, uma postura agnóstica (YEARLEY, 1992 apud HANNIGAN, 1995), com a finalidade de aperfeiçoar a avaliação de “como o conhecimento ambiental, os riscos e os problemas são socialmente integrados” (HANNIGAN, 1995, p. 46).

Assim como a preocupação ambiental flutua ao longo do tempo, adquirindo mais ou menos importância, os problemas ambientais também não surgem sozinhos, eles são “construídos” por indivíduos ou organizações que determinam a poluição ou qualquer outra situação preocupante e que buscam uma solução (HANNIGAN, 1995). Tais características do problema ambiental permitem a comparação de Hannigan (1995) aos problemas sociais, cuja principal tarefa é elucidar porque certas situações são tidas como problemáticas e aqueles que as reivindicam conduzem a atenção política na busca de mudanças positivas. Para Hannigan (1995) a perspectiva construtivista seria a única com capacidade de explicar o processo social que vai guiar a definição, enunciação e ação sobre os problemas ambientais.

Partindo do ponto de vista construtivista, Hilgartner & Bosk (1988) esboçaram um modelo de “arenas” destacando as definições dos problemas sociais e verificando a influência dessas arenas na evolução dos problemas sociais e nos atores que reivindicam alguma coisa. No lugar da ênfase aos processos de desenvolvimento de um problema social, os pesquisadores enfatizam a competição entre eles, assumindo a atenção como recurso escasso, que será disputado em um sistema de arenas públicas. Dessa forma, definem o problema social como “uma condição aparente ou situação que é rotulada como um problema nas arenas de discurso e ação pública” (HILGARTNER & BOSK, 1988, p. 2).

O modelo inicial de arenas públicas de Hilgartner & Bosk (1988) foi proposto a partir da utilização de uma ampla gama de trabalhos teóricos perpassando a história natural, a comunicação de massa, a sociologia, as ciências políticas e a ecologia. Dentre estes aspectos que constituíram o primeiro modelo de arenas públicas, destacam-se para o sistema de arenas adotado por este trabalho o da teoria de rede organizacional, que acentua a influência das relações entre instituições e redes sociais onde são moldados e apresentados publicamente os problemas sociais, e da ecologia, sem tender ao determinismo, mas realçando as restrições de recursos para definições de problemas enfrentadas por diferentes atores.

Este fator último vai ao encontro do que salienta Fuks (2001), ao lembrar que as versões que entram na arena do conflito ambiental e colaboram (de acordo com suas demandas, valores e interesses) com a definição do meio ambiente como problema social e, portanto, estarão disponíveis no debate público não são as versões de todos os setores da sociedade. Os grupos sociais que terão a oportunidade de apresentar e reivindicar suas visões e desejos são os que possuem recursos organizacionais e simbólicos que permitem o encaminhamento de suas reivindicações do problema ambiental em uma arena pública (FUKS, 2001). Para o autor, os atores de instituições governamentais que participam de disputas ambientais já se encontram em posição privilegiada, pela visibilidade e o caráter oficial de seu discurso público oficial, além do amparo em formulações estatais como a elaboração ou modificação de leis.

As arenas públicas são os locais onde se dá a definição coletiva dos problemas sociais, ou seja, onde eles são moldados e crescem (HILGARTNER & BOSK, 1988). Os autores exemplificam como possíveis arenas públicas instituições governamentais, tribunais, cinema, mídia de notícias (televisão, jornais, revistas e rádio) campanhas políticas, organizações religiosas, sociedades profissionais e fundações privadas. São nestes espaços onde os problemas sociais (e ambientais como no caso deste trabalho) são “discutidos, selecionados, definidos, moldados, dramatizados, empacotados e apresentados ao público” (HILGARTNER & BOSK, 1988, p.5).

Tendo em consideração o contexto diversificado e complexo desta pesquisa, tanto na riqueza dos espaços quanto dos atores em questão, a perspectiva teórica construtivista, focada nas reivindicações, significações e argumentações que guiam a ação dos grupos envolvidos nas questões ambientais em Caravelas e no banco dos Abrolhos, se apresenta como a mais adequada para promover o entendimento dos conflitos ambientais aí presentes.

3.2 CONFLITOS AMBIENTAIS

O Brasil, e a América Latina em geral, vêm sendo palco de conflitos ambientais desde o início da década de 1990, manifestados através da disseminação de movimentos como o dos atingidos por barragens, de resistência à expansão de monocultivos e de lutas contra contaminação urbano-industrial. A tendência ao aumento deste tipo de eventos se dá pela expansão e intensificação do uso de áreas para a produção econômica do mercado, dado o

esgotamento de áreas utilizadas e a necessidade de aumentar a produção (ACSELRAD, 2005).

À medida que se verifica uma maior visibilidade dos estudos etnoecológicos na conservação ambiental, se evidencia também a existência da relação entre sociedade e ambiente, e admite-se a necessidade de envolver as práticas sociais, os usos e significados atribuídos ao meio com os fenômenos naturais nas novas pesquisas e projetos conservacionistas. Deste modo, substitui-se o termo biodiversidade por sociobiodiversidade em grande parte dos estudos em áreas naturais ocupadas por populações tradicionais, salientando também a importância da manutenção dos modos de vida dessas populações, bem como seus costumes, práticas e cultura. Entretanto, ao se admitir e pesquisar essa relação se comprova não somente interesses de povos tradicionais e práticas de manejo sustentáveis dos elementos naturais, como é o caso do presente estudo, mas também a existência de conflitos entre distintos atores, cujas reproduções sociais se confrontam devido aos diferentes usos que planejam para um mesmo ambiente.

É neste contexto que surgem os conflitos entre os modos de apropriação dos elementos naturais por grupos sociais que se distinguem, conforme Acsehrad (2004, p.23), em dois espaços: primeiro, devido às capacidades diferentes de acesso a solo, água, recursos vivos e influência sobre mecanismos político-jurídicos do meio ambiente e sobre sistemas econômicos competitivos, e segundo, em um espaço onde se “confrontam representações, esquemas de percepção e idéias que organizam as visões de mundo”.

Acsehrad (2004, p.23) salienta ainda que é no primeiro espaço onde vão se desenvolver as lutas sociais, econômicas e políticas pela apropriação do poder sobre a utilização do território, mas é no último onde elas vão legitimar e justificar o primeiro. Trata-se do espaço onde as disputas vão ocorrer através de afirmações de significações do uso do território, utilizando-se expressões como “competitivo”, “eficiente”, “produtivo”, “sustentável”, “ecológico”.

É com base, essencialmente, neste segundo espaço que esta pesquisa se desenvolveu à medida que foram entrevistados os principais grupos de atores envolvidos, com diferentes anseios pelo uso dos espaços da área de estudo, enfocando suas percepções acerca das questões ambientais e de desenvolvimento. Ou seja, o conjunto de representações, valores, noções, saberes e práticas, o que significa dizer que as percepções sociais serão o instrumento através do qual se pretende compreender a disputa pelo uso do espaço pelos diferentes grupos envolvidos. As percepções sociais permitem uma definição clara do ambiente enquanto

problema social pelos distintos grupos de atores, revelando seus objetivos, concepções e modos de agir.

Acselrad (2005) salienta a importância destes tipos de conflitos, por

Exprimem as contradições internas aos modelos de desenvolvimento, isto é, à combinação de atividades privilegiada pelos países (e, em particular, pelos governos), sua disposição espacial, a destinação social da produção e o modo pelo qual ela é efetuada. (ACSELRAD, 2005, p. 8)

Acselrad (2005) levanta a importância dos conflitos, por revelarem a existência de divergências não somente no uso do espaço, mas também no modelo de desenvolvimento desejado para este espaço, afirmando que os conflitos ambientais ocorrem

Quando há um desacordo no interior do arranjo espacial de atividades de uma localidade, região ou país: a continuidade de um tipo de ocupação do território vê-se ameaçada pela maneira como outras atividades, especialmente conexas, são desenvolvidas. (ACSELRAD, 2005, p. 8)

Considerando os aspectos relacionados por Acselrad (2005) em torno do conceito de conflito ambiental, em que ele valoriza a questão espacial de um conflito deste tipo, o presente trabalho procurou questionar os atores sociais no município de Caravelas e no entorno do ParNaM dos Abrolhos sobre as demais atividades exercidas nos diferentes ecossistemas que compõem esta área de estudo, pois tratam-se de espaços que, quando mal utilizados, prejudicam a integridade do referido local como um todo (para mais explicações sobre a relação entre esses ecossistemas, ver capítulo 2, seção 2.2). Ainda contemplando as características dos conflitos apontados por Acselrad, esta pesquisa indagou a percepção dos atores sobre desenvolvimento.

3.3 PERCEPÇÕES SOCIAIS: UM INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO DOS CONFLITOS AMBIENTAIS

Percepção,-tibilidade,-tível,-tivo → PERCEBER. [...]

Perceber *vb.* ‘adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos’ ‘entender, compreender’ (CUNHA, 1982, p.595).

A partir da associação entre a psicologia social e a sociologia, por meio de quadros conceituais singulares, aprendeu-se que cada ator reinterpreta aquilo que ele percebe da realidade. O que vale dizer que cada ator vai receber e se apropriar de novos aprendizados de uma maneira particular, tendo em vista o local, cultura, crenças, valores e visões de mundo em que ele foi criado e teve acesso ao longo da sua vida. Desse modo, o presente trabalho

adotou a interpretação das percepções sociais, que tem como objetivo compreender o que os atores pensam sobre determinados assuntos, fatos, atividades, propostas, entre outros.

A abordagem através da percepção social utiliza aqui percepção no seu sentido empírico, no qual “podemos reconhecer, sem vacilações, que os objetos do mundo nos são dados, sob a forma de percepções ou de representações, isto é, são percebidos ou representados” (NOBRE DE MELO, 1970, p. 380). Ainda segundo Nobre de Melo (1970), para que se dê a percepção de um objeto, é necessário que haja a integridade anátomo-fisiológica do aparelho sensorial e algumas condições materiais. Será necessário que o objeto esteja *presente*, que seja, portanto, uma *experiência sensível*. Assim, a matéria prima do acontecimento perceptivo é de fato a *sensação*, podendo esta ser externa (proveniente do ambiente como a cor, textura etc.) ou interna (a partir do interior do organismo).

Da mesma forma, na fenomenologia de Merleau-Ponty (s.d. apud LECHTE, 1994, p. 53) a percepção aparece enquanto experiência “encarnada”:

A coisa percebida não é uma unidade ideal que pertence ao intelecto, como uma noção geométrica, por exemplo; é uma totalidade aberta a um horizonte de um número infinito de perspectivas mescladas entre si num arranjo com um estilo determinado, que define o objeto em questão (tradução da autora).

A percepção é uma construção psíquica complexa, na qual os conteúdos da experiência sensível e os representativos correlatos, as sensações e as representações¹, de acordo com Nobre de Melo (1970, p. 382, grifo do original) “se fundem instantaneamente em um *ato único* dotado de *vivacidade, extensão, realidade e significação*”.

Por estas razões, na análise do testemunho dos atores, se torna impossível distinguir o que é percebido atualmente daquilo que emerge de sua bagagem (individual e cultural) e que corresponderia mais especificamente à representação. Logo, a utilização dos termos percepção e representação se equivalem na construção do referencial teórico-metodológico aqui utilizado.

Portanto, as percepções sociais se apresentam como um quadro conceitual bastante próximo ao das representações sociais, no sentido em que busca entender a maneira como determinados grupos de atores sociais percebem, interpretam e reproduzem certos fatos vividos ou conhecidos, não se tratando de uma metodologia propriamente dita. Em sua

¹ Representação (D.: *Vorstellung*): termo clássico em filosofia e em psicologia para designar “aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento” e “em especial a reprodução de uma percepção anterior”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.448). *Vorstellung* é uma expressão do idioma alemão criada por Freud, segundo Laplanche & Pontalis (2001), para representação. Em seus textos chamados de metapsicológicos Freud distingue dois tipos de representações: a *representação de coisa*, inconsciente, e a *representação de palavra*. Esta última, por meio da linguagem, permite o acesso à consciência de conteúdos anteriormente percebidos e tornados inconscientes.

utilização, não segue a rigidez de todos os pressupostos teóricos e metodológicos que envolvem a aplicação de um corpo teórico como o da Teoria das Representações Sociais.

Para tanto, cabe aqui apresentar uma breve revisão e contextualização teórica acerca da teoria (e metodologia decorrente) das Representações Sociais, descrevendo seu panorama atual, bem como suas aplicações e discorrer sobre alguns dos conceitos e pressupostos utilizados no arcabouço teórico-metodológico das representações sociais, que têm como intuito guiar o uso das percepções sociais neste trabalho.

A Teoria das Representações Sociais originada do estudo *La Psychanalyse: son image et son public*, publicado em 1961 por Serge Moscovici, surge como uma forma sociológica da psicologia social. Para a construção de tal teoria, Moscovici formou o alicerce principal sobre o estudo das representações coletivas de Durkheim, no campo da sociologia, e que se distinguia firmemente do estudo das psicologias individuais, ou seja, a psicologia propriamente dita. Por esta razão, no momento em que Moscovici elabora sua teoria, esta passa a ser classificada como uma forma sociológica, e não psicológica da psicologia social. A criação da teoria das representações sociais surge então, em 1961, como uma nova vertente da psicologia social, contrastando fortemente com as formas até então predominantes nos Estados Unidos de psicologia social, caracterizadas por formas mais psicológicas, marcadas pelo positivismo de Comte, através do psicólogo social norte-americano F. H. Allport.

Para Moscovici (2003) elementos como a predisposição genética herdada pelos indivíduos, os hábitos e imagens já aprendidos, as recordações preservadas e a cultura a que estão inseridos vão refletir juntos na maneira como se veem outros indivíduos e objetos. As percepções são formadas assim como as representações de determinados atores, à medida que estes percebem objetos e outros indivíduos de acordo com o grupo social em que estão inseridos, mas também levando em conta seu passado e vivências individuais. Portanto, considerando o pensamento como um ambiente tanto individual quanto coletivo, em que se situam palavras, ideias e imagens as quais todos os indivíduos estão necessariamente em contato e admitindo o pressuposto de que cada ambiente seja em parte autônomo e em parte condicionado, Moscovici (2003) define duas funções às representações:

- a) convencionar objetos, pessoas e fenômenos com que se deparam auxiliando na diferenciação de mensagens significantes das casuais. O que é explicado pelo fato de que “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por suas representações, linguagem ou cultura”. Assim, podemos tomar consciência da realidade em que nos encontramos para desse modo, deixar de seguir suas imposições às nossas percepções, mas que, entretanto, nunca estaremos

totalmente livres dos preconceitos e convenções que trazemos e que constituem nossa realidade. É nessa função das representações, bem como das percepções sociais, que muitos estudos atuais se baseiam ao buscar uma descrição do contexto em que se situam certos grupos sociais na tentativa de explicar suas futuras ações ao serem estimuladas por determinados objetos ou acontecimentos.

- b) “As representações são prescritivas” e com isto Moscovici (2003) afirma que elas são impostas sobre os indivíduos, penetrando e influenciando de maneira decisiva suas mentes, sem serem pensadas por eles. Neste momento Moscovici (2003) as descreve como uma regra imposta e nega a existência de uma maneira de pensar individual quando representamos um objeto, afirmando que nossa maneira de pensar sobre tal objeto estará sujeita às representações que já temos ou não, ou seja, à “sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações”. Esta imposição de representações preexistentes nos indivíduos influenciando obrigatoriamente nas futuras representações de novos objetos, ou determinadas ciências, ao negar as individualidades vai contra a sugestão final de Moscovici (2003) quando ele mesmo ressalta a importância do pensamento individual para as representações.

Moscovici (2003, p.40) compara as representações a “objetos materiais” ao serem “produtos de nossas ações e comunicações”, e admite uma autonomia e dinamicidade das representações. Não podendo ser criadas por indivíduos isolados, elas são formadas por pessoas e grupos e ao adquirir como que vida própria, vão sofrendo mudanças no decorrer de sua existência, movimentando-se, confrontando-se ou convergindo entre si, podendo acabar com velhas representações e criar novas. As representações constituem uma realidade em si próprias ao serem “compartilhadas por todos e reforçada pela tradição” (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Concluindo, Moscovici (2003) sugere que:

[...] pessoas e grupo, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções as questões que eles mesmos colocam. Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam ‘filosofias’ espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências, e as ideologias apenas lhes fornecem o ‘alimento para o pensamento’. (MOSCOVICI, 2003, p. 45)

Segundo Jodelet (1997), representações sociais compõem “fenômenos complexos sempre ativados e ativos na vida social”, e são referenciadas através de diversos elementos organizados sob uma “espécie de saber” que traduzirá o estado da realidade, tais como:

“elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.”.

Para Jodelet (1997), todos os indivíduos fabricam representações e possuem necessidade de saber como situar-se, agir, ajustar-se e conduzir-se (psiquicamente e/ou intelectualmente) no mundo que os cerca. De maneira que ninguém se encontra isolado em um vazio social: ao compartilhar o mundo com os demais indivíduos, uns se apóiam sobre os outros tanto nas convergências quanto nos conflitos. Neste contexto, se inscreve a importância das representações e das percepções sociais, assim como foi adotada nesta pesquisa: elas servem de guia no modo em que grupos de pessoas nomeiam e definem os diferentes aspectos da realidade cotidiana. Essas percepções se dão, portanto, sobre valores que variam conforme os grupos sociais a partir dos quais elas se formam e sobre conhecimentos prévios reativados por uma situação social particular. Essa reativação pode ser comparada à característica prescritiva descrita por Moscovici sobre as representações, em que uma “bagagem” cultural e de representações prévias vão definir como os grupos vão representar (e perceber) os objetos e situações com que entraram em contato.

Como já descreveu Moscovici, Jodelet (1997) reafirma a representação social, também designada “saber do senso comum”, “natural”, “saber ingênuo” como algo distinto do conhecimento científico, mas ainda assim, e a isso se deve muito de sua importância como teoria e método de pesquisa no esclarecimento de processos cognitivos e de interações na vida social, é tida como conhecimento científico apesar de suas críticas.

Uma das críticas que esta teoria vem sofrendo é a de ser complexa e elástica, cuja argumentação de Moscovici sobre esse aspecto vem ao encontro ao objetivo do presente trabalho, onde ele enfatiza a complexidade e a elasticidade das teorias como fatores que as mantêm vivas, permitindo-lhes que sofram mudanças devido à diversidade de problemas e fenômenos a que elas se propõem a resolver, descrever ou explicar (MOSCOVICI, 2003), o que pode ser verificado na ampla aplicação de arcabouços teóricos embasados na teoria das Representações Sociais por cientistas em diversas áreas e sob diferentes e inovadoras perspectivas. Tal elasticidade permite a utilização de seus pressupostos na delimitação de quadros conceituais como o das percepções sociais, aqui empregado, pois embora criticada, uma caracterização de representação social é partilhada por diversos pesquisadores, resumida por Jodelet (1997, p.53) como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo uma visão prática e contribuinte à construção de uma realidade comum a um conjunto/grupo social”.

3.4 OS PACOTES PERCEPTIVOS

Metodologicamente, as percepções sociais, assim como as representações sociais, podem ser estudadas de duas maneiras: enfocando os produtos e o processo das representações (SPINK, 1995). O primeiro define-se pela pesquisa que busca a compreensão dos elementos constitutivos das representações como as ideologias, informações, opiniões, crenças, imagens. O segundo enfoque define-se em uma perspectiva de compreender o funcionamento dos processos que geram as representações, e pode ser feito de duas maneiras: estudando que mecanismos ou determinações sociais (e como) vão participar da elaboração dos processos de ancoragem e objetivação de Moscovici, ou examinando a dinâmica da construção das representações através dos aspectos centrais e periféricos e das relações entre comportamento e representação.

É na ênfase dos estudos na perspectiva de produção das representações, explicitado por Spink (1995), que serão focadas algumas metodologias utilizadas e suas aplicações por ser neste escopo que se situam as contribuições relevantes ao estudo das percepções. Para a compreensão do conhecimento gerado no estudo das representações é preciso um apoio na esfera cognitiva, envolvendo também o contexto social em que este conhecimento surge, se movimenta e se transforma. Portanto, estes estudos no enfoque produtivo podem ocorrer de duas formas: na pesquisa das situações sociais complexas ou no estudo de sujeitos, atores sociais, agentes. É esta vertente do estudo das representações e das percepções que se assemelham a pesquisas etnográficas ou antropológicas.

O próprio estudo de Moscovici em 1961 sobre a Psicanálise, que buscou o conceito das representações coletivas, renovando-o ao criar a teoria das representações sociais, foi um estudo na perspectiva dos produtos. Moscovici utilizou entrevistas em seis distintos grupos representativos de uma determinada sociedade. Deste modo, ele contrastou as representações da Psicanálise para cada grupo, e ainda usou dois outros pequenos grupos, para salientar as diferenças entre urbano e rural. Spink (1995) relata em uma perspectiva próxima a de Moscovici o estudo mais recente de De Rosa, de 1987 e 1988, que em uma abordagem mais comparativa, incluindo grupos variados e outras técnicas de coleta de dados, pesquisou a evolução da representação de doença mental da infância a vida adulta.

Em um enfoque de estudo etnográfico, Spink demonstra que Jodelet iniciou seu trabalho neste campo metodológico ao pesquisar a representação da loucura em uma

comunidade rural francesa, verificando as condições de produção e renovação das representações, seu funcionamento, funções, eficácia e mudanças. Os instrumentos utilizados então por Jodelet foram: observação da vida comunitária no local escolhido, reconstituição histórica da instituição envolvida (documentos, literatura e entrevistas com informantes-chave), caracterização da organização e funcionamento do sistema a ser avaliado (no caso tratava-se de um albergamento), recenseamento de famílias envolvidas no processo de albergamento e entrevistas de enfoque cognitivo, definindo as representações para certos atores sociais do processo a partir de situações particulares para o geral. Spink (1995) traz outra aplicação de um estudo próximo ao de Jodelet quanto aos objetivos, ao referir-se à pesquisa de Castro de 1983 a 1987 no Rio de Janeiro que buscou compreender a representação da prostituição, oposição com a família e relação com a lei. Para tal estudo, o pesquisador criou uma identidade como aliado em um período de três anos, para depois realizar entrevistas.

É nesta perspectiva metodológica de identificação dos produtos das percepções que se encaixam mais propriamente as contribuições para o estudo aqui realizado e que pode ser exemplificado no estudo de Arruda (1995), que investigou a representação social da ecologia e dos modelos de desenvolvimento, através de questionários aplicados em grupos de estudantes de diferentes origens e formação.

Spink chama a atenção que, para ambas as abordagens do estudo (produtos e processos), o pesquisador vai depender de tempo e prática para inserção no campo de pesquisa, portanto, vão tornando-se mais comuns estudos acerca de atores sociais localizados, que podem realizar abordagens horizontais, comparando grupos de uma mesma sociedade, como Moscovici ou abordagens verticais, comparando atores de sociedades ou culturas diferentes. Assim, a riqueza de instrumentos que o estudo das representações no âmbito dos produtos oferece, pode ser empregado por pesquisas que buscam aprender sobre as percepções de grupos sociais distintos, mas que habitam o mesmo espaço e sociedade.

As questões ambientais ou sociais são formuladas e definidas por determinados atores, e Fuks (2001) salienta que à medida que essa questão adquire o *status* de assunto público o grupo que a promoveu perde seu monopólio. Fuks considera a argumentação como um dos principais veículos através do qual se desenvolvem as disputas pelas definições dos assuntos públicos, enfatizando a necessidade dos estudos acerca da definição dos problemas sociais estarem aptos a lidar com recursos argumentativos.

Para o entendimento do contexto que configura os conflitos acerca dos problemas sociais e, neste caso, ambientais, Fuks (2001) coloca como imprescindível o conhecimento dos fatores institucionais, sociais, econômicos e políticos, bem como da dimensão simbólica, responsável pela singularidade dos processos estudados. Tais características dos conflitos ambientais convergem com os objetivos do estudo dos produtos das percepções, justificando o uso deste arcabouço teórico-metodológico na investigação desta dissertação, através de entrevistas semi-estruturadas que contemplam uma breve identificação de dados socioeconômicos, seguida do questionamento às suas percepções sobre o espaço em que vivem, sobre as atividades ali desenvolvidas (pelo próprio interlocutor e por demais atores), sobre conservação e sobre desenvolvimento (maior detalhamento ver seção 4.1 do capítulo seguinte).

Fuks (2001) salienta que a orientação das elaborações discursivas como o das representações de Moscovici tem sido utilizada nas pesquisas que envolvem a definição dos assuntos públicos e que tais definições podem ser concebidas como “pacotes interpretativos”, termo cunhado por Gamson & Modigliani em 1989.

Os pacotes interpretativos são salientados por Fuks (2001, p.59) como instrumentos analíticos que esclarecem “a dinâmica por meio da qual se organiza e evolui o debate público em torno de um determinado assunto”. Os mecanismos básicos que constitui estes pacotes são:

- 1) por meio de metáfora, exemplos históricos e imagens visuais – sugere como pensar o assunto; 2) versando sobre as causas, conseqüências e apelos morais – indica o que deve ser feito a seu respeito (FUKS, 2001, p. 60).

Fuks (2001) se utilizou da análise de processos judiciais para compreender as ações dos cidadãos do município do Rio de Janeiro em torno de problemas ambientais, recorrendo aos “esquemas argumentativos”² para explicar a dinâmica por meio da qual se organiza e evolui o debate em torno de um assunto na arena pública. Nesta perspectiva esta pesquisa se utilizou da análise das percepções sociais dos vários grupos presentes na área que abrange Caravelas e o ParNaM dos Abrolhos (incluindo seu entorno) e as organizou no que chamou de *pacotes perceptivos*. Estes são construídos pelas percepções, argumentos, discursos e articulações de atores que partilham de determinadas perspectivas guiadoras das suas ações e podem ser resumidos de acordo com o seguinte quadro:

² Fuks utilizou o termo “esquema argumentativo” concebido como uma adaptação do “pacote interpretativo” de Gamson & Modigliani de 1989, pois considera este último um recurso analítico mais sofisticado e preciso e menos abrangente do que o seu “esquema argumentativo”.

<i>Grupos que partilham de tais considerações</i>	Grupos de atores, agentes e/ou instituições que partilham percepções e anseiam um mesmo futuro na utilização do espaço em que atuam (vivendo/trabalhando), através de um modelo de desenvolvimento e conservação ambiental comum.
<i>Percepção de conservação</i>	Definição-chave de como os atores que integram este pacote percebem a conservação ambiental.
<i>Percepção de desenvolvimento</i>	Definição-chave de como os atores que integram este pacote percebem o desenvolvimento.
<i>Desejos para uso do espaço local</i>	Tipos de utilização do espaço e dos elementos naturais almejadas e partilhadas pelos atores que compõem o pacote.
<i>Estratégias de divulgação e persuasão</i>	Estratégias utilizadas por parte ou por todos integrantes do pacote para divulgar suas ideias, reivindicações e objetivos e para convencer outros atores a compartilhar e participar desse pacote. Podem tratar-se da divulgação de propagandas, pesquisas, e que podem ser transmitidas através de agentes-chave na comunidade, reuniões, mídia, filmes, folhetos, entre outros.
<i>Utilização problemática do espaço local</i>	São descritos os usos criticados como prejudiciais aos elementos naturais e à população.
<i>Consequências</i>	Descrição e enumeração das possíveis consequências a partir das utilizações indevidas do espaço e dos seus elementos naturais.
<i>Caracterizações/responsabilizações</i>	Os grupos, agentes e/ou instituições responsáveis pelo uso indevido do espaço.
<i>Metáfora/imagem</i>	Metáfora, imagem, expressão emblemática do pacote.
<i>Núcleo da questão</i>	Argumentos e justificativas para que a utilização do espaço e dos elementos naturais se estabeleça de acordo com as percepções e anseios dos agentes que guiam o pacote.

QUADRO 1: Quadro explicativo das categorias que definem resumidamente os pacotes perceptivos.

Fonte: FUKS (2001) adaptado pela autora (NOGUEIRA, 2009).

4 ABRA OS OLHOS: COMO CONHECER O ESPAÇO SOCIAL DA ÁREA DE ESTUDO

O capítulo quarto é destinado a traçar o percurso metodológico realizado durante o trabalho de campo e após, durante as análises. Desse modo, a primeira seção descreve a metodologia utilizada, justificando a escolha da mesma, bem como as facilidades e dificuldades encontradas ao longo do período de estadia na área de estudo. Em seguida, é descrito como se deu a organização das entrevistas coletadas, enfatizando a utilização do programa QSR NVivo 2.0, recurso empregado para facilitar a esquematização dos dados dentro da categoria analítica dos pacotes perceptivos. A segunda seção finaliza o caminho metodológico, detalhando as características dos grupos de atores investigados através de seis subseções, uma para cada grupo.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho de campo desta dissertação foi desenvolvido de meados de março a meados de maio de 2008, quase na sua totalidade no município de Caravelas (apenas uma das entrevistas foi realizada no município de Serra, Espírito Santo). Ao longo das experiências anteriores na área de estudo (estágios e trabalho de conclusão de curso), foi possível para a pesquisadora identificar e definir quais grupos seriam investigados anteriormente a sua chegada no campo, o que facilitou a aproximação e inserção na maioria dos grupos e permitiu a participação em algumas vivências. Os grupos sociais escolhidos (detalhados na próxima seção) foram: pescadores artesanais, ribeirinhos, ambientalistas (ONGs e ICMBio), poder público local, setor privado (grandes empresas como Aracruz Celulose e COOPEX) e setor turístico (incluindo instrutores de mergulho).

Durante a permanência em Caravelas, foi realizada pesquisa documental e observação participante. O acervo documental foi montado na busca por dados históricos sobre a localidade, pesquisas anteriormente realizadas, artigos científicos e jornalísticos publicados, fotos e filmes produzidos envolvendo a área de interesse desse estudo.

A observação participante foi um instrumento complementar ao uso de entrevistas semi-estruturadas, instrumento metodológico central da pesquisa, tendo como vantagens a possibilidade de checar, na prática, a veracidade das respostas obtidas, e identificar, guiar e

explorar tópicos que os informantes não se sentiriam à vontade em entrevistas (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNADJER, 1998). Buscando atender esta estratégia metodológica a pesquisadora vivenciou o cotidiano dos atores através de conversas informais e do acompanhamento de atividades de trabalho de pescadores (FIGURA 23), ribeirinhos (FIGURA 24), pesquisadores, do poder público local, entre outros e de eventos como a reunião dos pesquisadores do Instituto Baleia Jubarte e a Associação dos Pescadores de Caravelas e pesquisadores convidados de outras instituições ambientalistas sobre os problemas causados aos pescadores com o aumento da concentração de baleias jubarte, a festa do 25º aniversário do ParNaM dos Abrolhos e a festa de aniversário da cidade de Caravelas (FIGURA 25).



FIGURA 23 – Pescador reparando rede no final da tarde em Caravelas (abril/2006 – fotografia da autora).



FIGURA 24 – Venda de guaiamum na feira semanal que ocorre aos sábados na cidade de Caravelas (maio/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 25 – Apresentação de dança e música Cantos e Encantos do Mar, do grupo Umbandaum, em homenagem aos 25 anos do ParNaM dos Abrolhos (abril/2008 – fotografia da autora).

À medida que se estabeleceu contato com os interlocutores, foram agendados encontros e conversas, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Foram então utilizados roteiros contendo questões abertas, em que o interlocutor esteve livre para discorrer sobre os temas e perguntas propostos. A técnica das entrevistas semi-estruturadas permite focar as questões pertinentes à pesquisa, mas, por se tratarem de depoimentos individuais, revelam o contexto de classe social, de etnia, de formação profissional, de valores históricos e culturais dos entrevistados (CORTES, 1998).

Com os grupos pré-definidos e um roteiro piloto em mãos, foram realizadas as cinco primeiras entrevistas, momento em que se verificou a necessidade de uma revisão do mesmo, pois alguns tópicos estavam se sobrepondo, estendendo demasiadamente o tempo solicitado para a conversa e fazendo com que o interlocutor reincidisse no mesmo comentário acerca de alguns tópicos. O roteiro foi então modificado de maneira a manter a abrangência de perguntas inicialmente proposta, mas que pôde ser aplicado de modo mais dinâmico e claro para o público-alvo.

Buscando atender as demandas da articulação entre percepções sociais e pacotes argumentativos, escolhido como linha teórico-metodológica, as entrevistas foram divididas em quatro blocos: em primeiro lugar, apresentando perguntas a respeito da trajetória social e profissional dos atores, focando dados socioeconômicos e sua ligação com a localidade e profissão, um segundo bloco, indagando sobre os possíveis objetos de disputa, interesses, perspectivas e uso do espaço, um terceiro, procurando entender como esses atores manifestam seus argumentos, discursos e percepções sobre conservação e desenvolvimento (inclusive no espaço local), e o quarto e último bloco, questionando sobre as ações, relações e perspectivas futuras desses atores com os demais grupos sociais (ver APÊNDICE A).

Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente. Visto que a relação pesquisador-sujeito pode ser assimétrica, devido a possíveis diferenças no nível educacional e acadêmico entre as partes (CLOTET et al., 2000), este trabalho investigativo foi adequado às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, e informou os sujeitos entrevistados devidamente, prezando pelo diálogo e respeito pelos indivíduos e seus valores.

A informação dos participantes e obtenção de seu consentimento para as entrevistas foram realizadas de duas formas: (1) termo de consentimento livre e esclarecido (ver APÊNDICE B), onde foi solicitada ao participante sua assinatura; ou (2) uma guia explicativa (ver APÊNDICE C), contendo de maneira clara os dados da pesquisadora e os objetivos do estudo, sem a necessidade da assinatura do participante. Ambos os documentos foram redigidos em linguagem clara, explicitando os objetivos da pesquisa e como esta seria

divulgada futuramente, sempre ressaltando que a identidade dos entrevistados seria preservada.

A possibilidade de utilização de formas distintas de consentimento se mostrou eficaz, pois, ao mesmo tempo em que alguns entrevistados tenham se mostrado indiferentes à assinatura do termo e/ou ao recebimento da guia explicativa, outros demonstraram contentamento pela segurança e respeito que lhes estavam sendo prestados. A guia explicativa era oferecida juntamente com um esclarecimento amplo sobre o seu conteúdo e objetivo, e assinada pela pesquisadora na frente do interlocutor, tendo sido utilizada com os entrevistados supostamente não alfabetizados, procurando evitar o constrangimento dos mesmos ao ter que negar a assinatura. Dentre as pessoas a quem foram oferecidas o termo de consentimento e solicitado sua assinatura, somente um dos entrevistados se negou a assiná-lo apesar de concordar com a gravação e com a pesquisa.

Foram realizadas ao todo 45 entrevistas (uma delas, com dois interlocutores simultaneamente) distribuídas nos seis grupos sociais pré-definidos, totalizando 58 horas e 25 minutos de gravação, o que resulta em uma média de uma hora e 16 minutos de gravação por entrevistado. Foi frequente a ocorrência de extremos como entrevistas que duraram duas horas ou mais, e outras mais curtas que somavam cerca de 40 minutos. Todavia, salienta-se que todos os questionamentos previstos foram esgotados e que esta diferença se deu pela vontade de alguns interlocutores de detalhar mais as histórias e acontecimentos e/ou pelo percurso profissional mais longo, enquanto outros não chegaram a participar tão ativamente de certos fatos, nem possuíam uma trajetória profissional tão extensa.

A metodologia empregada aqui examinou, portanto, como eram percebidas as diversas atividades realizadas em Caravelas e no ParNaM dos Abrolhos (incluindo seu entorno) pelos interlocutores integrantes dos diferentes grupos sociais. Ao longo da pesquisa foram também utilizados outros importantes instrumentos de registro como o diário de campo e a composição de um acervo fotográfico (juntamente com fotografias de vivências anteriores) do ambiente, dos interlocutores e das suas práticas.

As gravações foram todas transcritas *ipsis litteris* para a análise dos dados, e a sistematização dos mesmos se deu através do *software* QSR NVivo 2.0., que permite a “colocação” de trechos da entrevista em espaços que constituem categorias da análise (codificação). Cada entrevista é importada para este programa como um documento, e a cada documento podem ser atribuídos características (grupo social, sexo, faixa etária, escolaridade, local de origem e local da entrevista), os chamados atributos. Os espaços onde são então codificados os trechos dos documentos são os nós, criados a partir do referencial teórico e

metodológico articulado com as questões abordadas pelo roteiro de entrevistas. Neste caso, os nós foram definidos possibilitando a construção do problema ambiental como social através dos pacotes perceptivos. A árvore de nós foi construída de maneira a agregar as percepções contidas nas entrevistas dentro de categorias (nós) que integrassem os mesmos assuntos e/ou opiniões. Dessa forma, puderam ser analisadas algumas percepções que indicavam os mesmos desejos de diversos entrevistados, inclusive de grupos sociais distintos, bem como relacioná-las a percepções divergentes e até mesmo contraditórias do elenco diverso de atores envolvidos.

4.2 ELENCO DO CENÁRIO CARAVELENSE E DE ABROLHOS: OS ATORES SOCIAIS

Aqui se pretende delinear os grupos e subgrupos entrevistados, bem como identificar suas atividades, objetivos gerais, missões, atuações locais, parcerias e apoios a partir de sítios na internet, relatórios, e artigos jornalísticos e científicos, e descrições contidas nas entrevistas e observadas em campo.

Ademais, se inclui nesta seção os dados sociodemográficos dos grupos entrevistados, como sexo, faixa etária, número de filhos, escolaridade e área de formação quando houver, local de nascimento, local de residência, local de trabalho, lugar onde a entrevista foi realizada e atividade/função exercida no local. Salienta-se que não serão apresentadas informações relativas ao cargo de certos interlocutores, a fim de preservar suas identidades. Contudo, é preciso lembrar que estes interlocutores exercem cargos e funções que os colocam em contato com as questões abordadas.

Dentre os 46 entrevistados, 14 pertencem ao grupo dos ambientalistas, dois às empresas privadas Aracruz Celulose e COOPEX (um de cada), 11 ao grupo dos pescadores, dois ao poder público local, sete ao grupo dos ribeirinhos e nove ao setor turístico. A distribuição dos sujeitos nos grupos e subgrupos pode ser observada abaixo (QUADRO 2). Os dados sociodemográficos sobre os participantes serão apresentados juntamente com a descrição dos grupos de atores, com a finalidade de completar e ilustrar as caracterizações encontradas nas bibliografias e sítios virtuais com os dados obtidos em campo.

Grupo	Subgrupo	Local de residência	Local da entrevista
Ambientalista	Conservação Internacional (CI)	Grauçá	Caravelas
	ECOMAR	Caravelas	Caravelas
		Grauçá	
	Instituto Baleia Jubarte (IBJ)	Caravelas	Caravelas
		Grauçá	Grauçá
Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (ParNaM dos Abrolhos)	Caravelas Alcobaça	Caravelas	
Projeto Manguezal	Grauçá	Grauçá	
	Ponta de Areia	Ponta de Areia	
Empresas privada	Aracruz	São Paulo (SP)	Caravelas
	COOPEX	Serra (ES)	Serra (ES)
Pescador		Barra de Caravelas	Barra de Caravelas
		Caravelas	Caravelas
		Ponta de Areia	Ponta de Areia
Poder Público Local		Caravelas	Caravelas
		Teixeira de Freitas e Caravelas	Teixeira de Freitas
Ribeirinho		Caravelas (Bairro Novo)	Caravelas (Bairro Novo)
		Ponta de Areia	Ponta de Areia
		Rio Caribé	Rio Caribé
Setor Turístico	Operadoras de viagem, mergulho e embarcação	Barra de Caravelas	Caravelas
		Grauçá	
		Caravelas	
	Instrutores de Mergulho	Caravelas	Caravelas
	Pousadas	Caravelas	Caravelas

QUADRO 2: Distribuição dos atores entrevistados por grupos, subgrupos, local de residência e local de realização da entrevista.

Fonte: Elaborado pela autora (NOGUEIRA, 2009).

4.2.1 Ambientalistas: ONGs e ICMBio

Conforme relatado no segundo capítulo (subseção 2.1.2), as instituições ambientalistas chegaram a Caravelas na década de 1980, primeiramente através do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, cuja atenção havia sido despertada pela presença das baleias jubarte no banco dos Abrolhos, ocasionando o surgimento da primeira ONG em Caravelas, o Instituto Baleia Jubarte. Com o passar dos anos e a crescente evidência das questões ambientais, somado aos estudos que foram revelando a grande riqueza de espécies marinhas e terrestres na região, mais estudiosos e ambientalistas foram se integrando ao cenário caravelense.

Conseqüentemente, hoje se encontra um grande número de instituições ambientalistas, entre ONGs e entidades públicas, envolvidas com as questões ambientais da região, tendo muitas delas sedes no município. Dentre estas entidades destacam-se as duas integrantes do Ministério do Meio Ambiente, a sede do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e o Projeto Manguezal, ambas pertencentes anteriormente ao IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e atualmente, ao ICMBio (Instituto Chico

Mendes de Conservação da Biodiversidade), e as ONGs Instituto Baleia Jubarte (IBJ), Conservação Internacional do Brasil (Programa Marinho) e ECOMAR.

As instituições supracitadas foram escolhidas para serem questionadas, pois são as que têm adquirido maior visibilidade através de suas pesquisas, ações, mobilizações e projetos, estando sempre presentes em audiências públicas, participando ativamente de propostas de criação como a da Zona de Amortecimento do ParNaM dos Abrolhos e da Reserva Extrativista na Ilha de Cassurubá, além de possuírem sua área de atuação no espaço que delimita a área de estudo desta pesquisa. É neste grupo que se encontram os pesquisadores, administradores, “captadores” de recursos, o que faz deste grupo um dos principais polos do conflito ambiental e detentor de recursos organizacionais e simbólicos, o que permite o encaminhamento de suas reivindicações em arenas públicas. Este grupo social foi aqui denominado *ambientalistas*, assim identificados pelos demais agentes locais, independente da conexão com ONGs ou com alguma das instituições de âmbito federal, como o ParNaM dos Abrolhos e o Projeto Manguezal.

Este grupo social agrupa 15 interlocutores pertencentes a três ONGs e a duas instituições ligadas ao poder público federal, contudo, todas as entrevistas foram analisadas no grupo *ambientalistas*, e quando houve necessidade, por divergência de opiniões, foi especificado se o grupo em questão pertencia ao terceiro setor ou à esfera pública. Destes 15 entrevistados (32,6% do total), nove estão vinculados ao terceiro setor (60%), enquanto seis trabalham para o ICMBio (40%) (FIGURA 26).

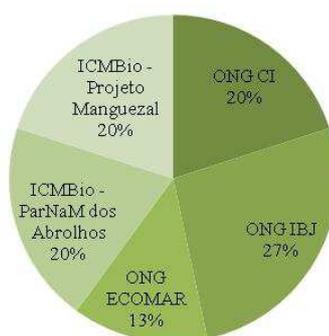


FIGURA 26 – Gráfico da distribuição de ambientalistas entrevistados de acordo com as instituições em que trabalham (elaborado pela autora).

Dentre os agentes entrevistados deste grupo, cinco (33,3%) nasceram no estado da Bahia, sendo três no município de Caravelas, um em Teixeira de Freitas e um em Salvador; outros cinco (33,3%) são paulistas, três da capital e dois de Campinas; e os demais são dois

do Rio de Janeiro (capital), um de Curitiba, um de Florianópolis e um de Oriximiná (PA) (FIGURA 27).

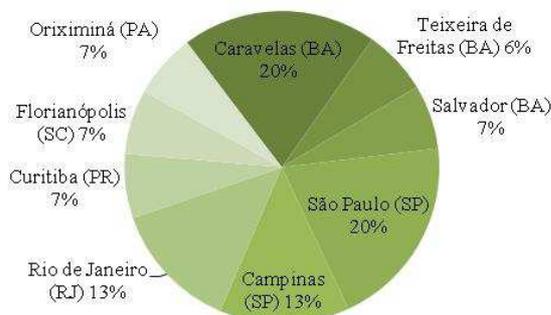


FIGURA 27 – Gráfico da naturalidade dos ambientalistas entrevistados (elaborado pela autora).

Mais da metade (oito entrevistados que correspondem a 53,3%) possuem residência na praia do Grauçá, cinco (33,3%) moram na sede do município, um em Ponta de Areia e um em Alcobaça (FIGURA 28). São oito as localidades onde estes agentes desenvolvem e executam a maior parte dos seus trabalhos, sendo, com seu respectivo número de atores envolvidos: Caravelas (5), Caravelas e banco dos Abrolhos (1), Caravelas e municípios vizinhos (2), Caravelas e ParNaM dos Abrolhos (2), Caravelas, municípios vizinhos e Abrolhos (1), ParNaM dos Abrolhos (1), Ponta de Areia (1) e Ponta de Areia e manguezal (2).

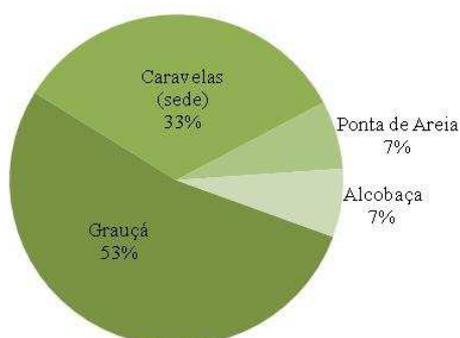


Figura 28 – Gráfico do local de residência dos ambientalistas entrevistados (elaborado pela autora).

Os entrevistados se distribuem de acordo com o grau de escolaridade da seguinte forma: um (6,66%) possui o Ensino Médio completo, dois (13,33%) apresentam curso superior incompleto, sendo que ambos estão cursando uma graduação, seis (40%) apresentam Curso Superior completo, dois (13,33%) possuem mestrado, um (6,66%) possui mestrado e

especialização, dois (13,33%) estão cursando doutorado e um (6,66%) já possui doutorado (FIGURA 29). As áreas de graduação acadêmica dentre os que possuem ensino superior completo são arquitetura, ciências biológicas, ciências sociais, engenharia, medicina veterinária e oceanografia.

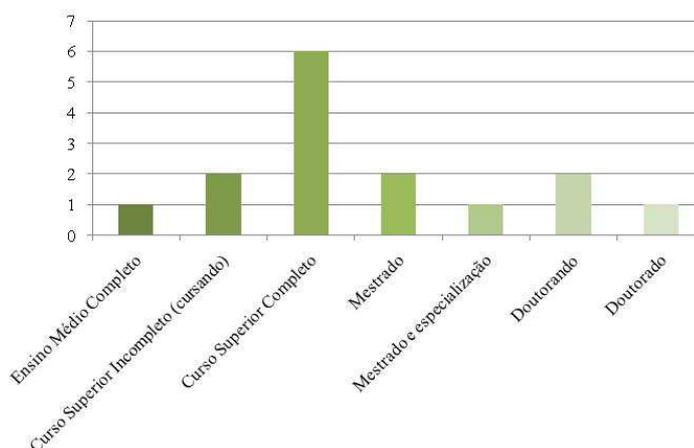


FIGURA 29 – Gráfico da escolaridade dos ambientalistas entrevistados (elaborado pela autora).

As faixas etárias predominantes dentre os ambientalistas situam-se entre 20-29 e 30-39 anos, que corresponde a 80% dos entrevistados, sendo seis (40%) pertencentes a cada faixa etária, além de dois (13,33%) entre 40-49 e um (6,66%) entre 50-59 anos de idade (FIGURA 30).

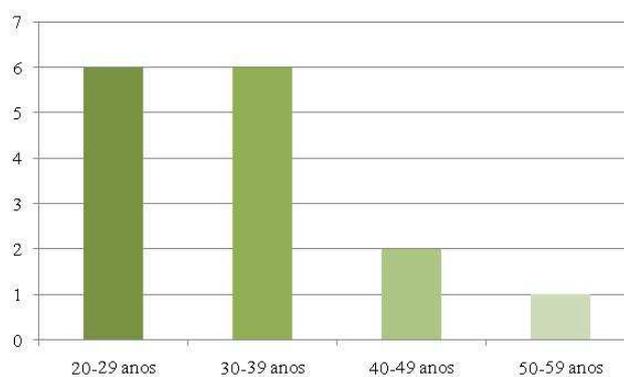


FIGURA 30 – Gráfico da faixa etária dos ambientalistas entrevistados (elaborado pela autora).

Dentre os entrevistados nove não possuem filhos (60%), quatro (26,66%) possuem apenas um filho e somente um (6,66%) possui dois (um dos entrevistados não respondeu) (FIGURA 31). Doze dos entrevistados (80%) são do sexo masculino e três (20%) são mulheres.

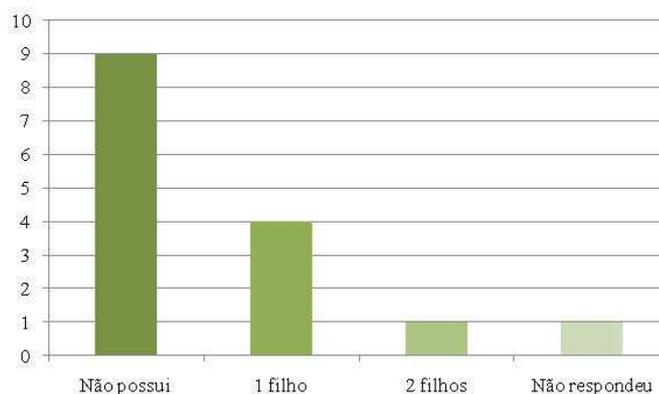


FIGURA 31 – Gráfico do número de filhos de cada um dos ambientalistas entrevistados (elaborado pela autora).

Além destes grupos que serão melhor descritos nos itens seguintes, existem outras entidades no âmbito ambiental presentes ou que tenham passado por Caravelas como o Instituto de Apoio e Proteção Ambiental (IAPA), uma ONG que objetiva auxiliar instituições governamentais e não-governamentais a captar recursos para a proteção do meio ambiente e para o “desenvolvimento comunitário auto-sustentável”¹, o Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia (CRA), a CEPEMAR Meio Ambiente, uma empresa privada especializada em gestão ambiental que prestou serviços de licenciamento ambiental da dragagem do canal no rio Caravelas para a empresa Aracruz², entre outros (MARCACCI, 2006).

4.2.1.1 Conservação Internacional Brasil³

A Conservação Internacional Brasil, ou *Conservation International* como é conhecida mundialmente, é “uma organização privada, sem fins lucrativos, dedicada à conservação e utilização sustentada da biodiversidade”, tendo sido fundada em 1987 e crescendo rapidamente. Hoje atua na preservação de ecossistemas ameaçados em mais de 30 países distribuídos por quatro continentes, se tornando uma das maiores organizações ambientais do mundo. Sua missão é “preservar a biodiversidade global e demonstrar que as sociedades humanas podem viver em harmonia com a natureza”.

¹ Informações sobre o objetivo da ONG IAPA obtidas através do sítio Costa das Baleias, disponível em: <http://www.costadasbaleiasabrolhos.com.br/portal/cidades.php?c=caravelas>. Acesso em 8 de julho de 2009.

² Informações sobre o serviço prestado a empresa Aracruz Celulose retirado do sítio disponível em: <http://www.cepemar.com/capa/> Acesso em 8 de julho de 2009.

³ Todas as informações a respeito da história, missão, localização, projetos, patrocinadores, parceiros e atuações locais deste item foram extraídas do sítio da instituição, disponível em: <http://www.conservation.org.br/> Acesso em 8 de julho de 2009.

No Brasil, a organização iniciou seus trabalhos em 1988 e se estabeleceu como ONG brasileira em 1990. Sua sede principal se localiza em Belo Horizonte, escolha justificada pela excelência em conservação da biodiversidade, pois é onde se deu a criação do primeiro curso de pós-graduação em biodiversidade, bem como o estabelecimento da Fundação Biodiversitas, a primeira ONG brasileira dedicada exclusivamente à biodiversidade.

Iniciou seus projetos no Brasil na proteção das espécies mais ameaçadas do país, e evoluiu em seguida para complexos programas multidisciplinares direcionados principalmente para unidades de conservação nas diferentes regiões brasileiras. Atualmente, além da sede em Belo Horizonte, possui escritórios em Brasília (DF), Belém (PA), Campo Grande (MS), Caravelas (BA) e Salvador (BA) e coordena seis grandes projetos: Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga e Ecossistemas Marinhos.

O escritório da CI em Caravelas é voltado especialmente para o projeto do Complexo dos Abrolhos, que integra o Programa Marinho, e cujo plano de ação inclui a criação e implementação de áreas marinhas protegidas, a pesquisa e o monitoramento da biodiversidade marinha e atividades de informação e educação ambiental. Outro projeto que influencia diretamente a área de estudo é o Programa Ciência para o Manejo de Áreas Marinhas Protegidas – *Marine Management Area Science Program* (MMAS), um programa internacional desta instituição coordenado em Abrolhos pelo seu Programa Marinho no Brasil que tem como foco ecossistemas tropicais costeiros, e cujos objetivos são avaliar os regimes de gestão das UCs marinhas, produzir conhecimento e encontrar soluções que aumentem a efetividade das gestões e articular os resultados às ações dos atores locais, reproduzindo conhecimento científico em documentos de fácil compreensão para as comunidades e tomadores de decisões.

O Projeto do Complexo dos Abrolhos é responsável também pela implementação de uma Rede de Áreas Marinhas Protegidas, que faz parte de uma Estratégia Nacional para a Conservação da Biodiversidade Marinha, cujo objetivo é criar e fortalecer UCs marinhas e que localmente corresponde ao fortalecimento das unidades de conservação da região como a Área de Proteção Ambiental Estadual Ponta da Baleia (APA Ponta da Baleia), o ParNaM dos Abrolhos e a RESEX Marinha do Corumbau. No Parque e na RESEX a CI realiza monitoramento da assembleia de peixes, corais e algas; no Parque subsidiou ações como a que

possibilitou a criação da sua Zona de Amortecimento, em 2006; e na RESEX promoveu iniciativas de participação comunitária como “Fortalecimento da Gestão Participativa do Uso dos Recursos Pesqueiros da RESEX Corumbau”. Além disso, é uma das ONGs que apóia a proposta de criação da Reserva Extrativista de Cassurubá em Caravelas.

Foram entrevistados três funcionários que trabalham no escritório de Caravelas, todos eles com curso superior completo, sendo um com pós-graduação em nível de mestrado e outro com pós-graduação em nível de doutorado.

As instituições parceiras da CI Brasil nos seus projetos do Complexo dos Abrolhos incluem o Instituto Baleia Jubarte, a ECOMAR, a Fundação Pró-Tamar, a Vidamar, a Fundação S.O.S. Mata Atlântica, a Associação Pradense de Proteção Ambiental (APPA), o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP), o Laboratório de Estudos Costeiros da Universidade Federal da Bahia (UFBA), parceiro no programa MMAS e no Projeto “Produtividade, Sustentabilidade e Utilização do Ecossistema do Banco de Abrolhos”, apoiado pela linha Institutos do Milênio, do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Os maiores patrocinadores da CI em nível internacional são as corporações: 3M, Alcoa, Aveda, Banco da América, Barrick Gold, BG Group, Bunge Ltda, Cargill, Celebrity Cruises, CEMEX, Chevron, Coach, Inc., Coca-Cola, ConocoPhillips, Daikin Industries Ltda., Darden Restaurants, Dell, DreamWorks Animation, DuPont, FijiWater, Ford Motor Company, General Growth Properties, General Mills, Gold Reserve Inc., Hamilton, Hyatt, Intel, International Paper, JPMorgan Chase, Kango, Kraft Foods Inc., Marich Confectionery, Marriott International, Inc., Matter Group, McDonald’s, Mitsubishi, Monsanto, Newmont Mining Corporation, Office Depot, Pearl Jam Touring, Inc., Peter Gillham’s Natural Vitality, Rio Tinto, Royal Caribbean, Mining and Exploration Limited, Save your World, SC Johnson, Seeds of Change, Grupo Shell, Sotheby’s International Realty, Starbucks, United Airlines, United Technologies Corporation, Volkswagen, Wal-Mart, Walt Disney Company, Weyerhaeuser Company, WhiteWave Foods e Wrigley Company. A CI ainda mantém parcerias com mais de 1200 ONGs a quem já distribuiu 90 milhões desde 2001, entre as quais se encontram muitas brasileiras como a Fundação S.O.S. Mata Atlântica, o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, o Instituto de Biociências de Rio Claro em São Paulo, o Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia, Sociedade Nordestina de Ecologia, Sociedade de Estudos dos Ecossistemas e Desenvolvimento Sustentável da Bahia, entre muitas outras.

4.2.1.2 Instituto Baleia Jubarte⁴

O Instituto Baleia Jubarte, sediado na cidade de Caravelas, é uma organização não-governamental criada em 1996 para dar apoio administrativo e subsidiar as pesquisas realizadas pelo Projeto Baleia Jubarte (FIGURA 32). O Projeto foi criado em 1988 com o intuito de proteger as baleias jubarte na região do Banco dos Abrolhos, que é a principal área reprodutiva da espécie no Atlântico Sul Ocidental. Como consequência do aumento no número de registros de baleias jubarte cada vez mais ao norte do litoral brasileiro, em 2001 o IBJ instalou uma sede regional na Praia do Forte, litoral norte da Bahia, para monitorar essas ocorrências e fomentar o turismo de observação de baleias, já que a espécie demonstra hábitos costeiros nesta região, facilitando a atividade. Além disso, desde 2005 estabeleceu uma base experimental em Itacaré (BA).



FIGURA 32 – Embarcação do Instituto Baleia Jubarte utilizada nas pesquisas no banco dos Abrolhos (julho/2004 – fotografia da autora).

A missão da instituição é “conservar as baleias jubarte e outros cetáceos do Brasil, contribuindo para harmonizar a atividade humana com a preservação do patrimônio natural

⁴ Todas as informações a respeito da história, missão, localização, projetos, patrocinadores, parceiros e atuações locais deste item foram extraídas do sítio da instituição, disponível em: <http://www.baleiajubarte.org.br/baleiajubartev02/portugues/historico/historico.aspx> Acesso em 9 de julho de 2009.

para o benefício dos cidadãos de hoje e das futuras gerações”. Suas linhas de pesquisa voltadas às baleias jubarte envolvem fotoidentificação, bioacústica, observações comportamentais, análise genética e de contaminantes, monitoramento do turismo, estudos de distribuição e estimativas aéreas e um programa de resgate de mamíferos aquáticos. Além dos esforços de conservação da espécie, conta com outros dois programas: Programa de Educação e Informação Ambiental e Projeto Boto Sotália do Sul da Bahia (monitora e estuda o comportamento e distribuição dos botos cinza no extremo sul da Bahia). O trabalho de educação ambiental em Caravelas é realizado principalmente por outra ONG, o Patrulha Ecológica, que tem razão social própria, mas que se localiza dentro da sede do IBJ e é mantida pelo Instituto⁵.

Foram realizadas quatro entrevistas com funcionários desta instituição, buscando contemplar pessoas envolvidas nas distintas linhas de pesquisa do IBJ.

O patrocinador oficial do IBJ desde a sua criação é a Petrobras (Petróleo Brasileiro S. A.) e tem como apoiadores: International Fund for Animal Welfare (IFAW), IBAMA, Fundação AVINA, Fundação Garcia D’Ávila, Conservação Internacional, Cia. de Navegação Norsul, Aracruz Celulose S. A., Amigos da Natureza, Terra Brasil Restaurante & Choperia e Rego, Nolasco & Lins Advogados. Possui parcerias e convênios com universidades como Universidade Federal da Bahia (UFBA), Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade de Cornell (EUA), College of the Atlantic (COA), Maine (EUA), com o Projeto Baleia Franca, o Projeto Mamíferos Marinhos e com o Museu de História Natural de Nova Iorque. Além disso, integra a Rede de Encalhes de Mamíferos Aquáticos do Nordeste (REMANE), a primeira rede de encalhes brasileira criada pelo IBAMA, que centraliza as informações sobre as espécies de mamíferos aquáticos no Brasil; o Grupo de Trabalho Especial de Mamíferos Aquáticos (GTEMA), grupo consultivo para assuntos relativos aos mamíferos aquáticos também criado pelo IBAMA; a delegação brasileira na Comissão Internacional Baleeira (CIB); o Indo-South Atlantic Consortium on Humpback Whale (ISACH), um consórcio de informações científicas a partir de fotoidentificação e análises genéticas nos oceanos Índico e Atlântico Sul.

⁵ Os dados a respeito da ONG Patrulha Ecológica foram retirados de uma das entrevistas com este grupo.

4.2.1.3 ECOMAR⁶

A mais recente das instituições pesquisadas surgiu em 2004 na crença que, no escopo “do processo de globalização de mercados e culturas” é necessário incentivar “uma nova postura sobre princípios e valores da coexistência entre seres humanos e natureza em nossa sociedade”. Com o objetivo de unir a conservação marinha com o desenvolvimento de comunidades da região do banco dos Abrolhos, a ONG vem atuando no município de Caravelas e ampliando sua área de trabalho através de projetos em parceria com outras instituições do litoral brasileiro como de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

Orientada pela missão de “equilibrar as relações entre seres humanos e natureza, com o objetivo de conservar a biodiversidade por meio de ações de educação ambiental, implementação de tecnologias alternativas, pesquisa aplicada, gestão participativa, extensão, fomento e comunicação, visando à sustentabilidade, considerando aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais”, a ECOMAR desenvolve as seguintes linhas na área de abrangência de Caravelas e Abrolhos: Meros do Brasil (FIGURA 33), integra esta rede nacional de articulação entre entidades de pesquisa, ensino e outras ONGs que realizam trabalhos de conservação da espécie (*Epinephelus itajara*), como, por exemplo, o monitoramento pela fotoidentificação; Gestão dos Recursos Pesqueiros na Zona de Amortecimento do ParNaM, projeto que tem como parceiro o ParNaM dos Abrolhos e é financiado pelo Fundo de Direitos Difusos-Ministério da Justiça (FDD/MJ) e pretende, através da união com as Colônias de Pescadores do entorno, aprender sobre a dinâmica pesqueira da região guiando, assim, a gestão da biodiversidade e recursos marinhos no banco dos Abrolhos; e o projeto Conhecimento Ecológico Local: Convergindo Esforços na Conservação do Mero, o Senhor das Pedras, que pesquisa a bioecologia da espécie em Santa Catarina e na Bahia com os parceiros Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Fundação Biodiversitas, Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (CEPAN) e *Critical Ecosystem Partnership Fund* (CEPF). Além das instituições supracitadas são também parceiras a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Instituto Recifes Costeiros, Vidágua Instituto Ambiental, Instituto Vidamar, Conservação Internacional, Secretaria Especial de Aquicultura

⁶ Todas as informações a respeito da história, missão, localização, projetos, patrocinadores, parceiros e atuações locais deste item foram extraídas do sítio da instituição, disponível em: http://www.ecomarbrasil.org/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1 Acesso em 8 de julho de 2009.

e Pesca (SEAP), Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia, Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ekobé, e Rede Manguemar Brasil.

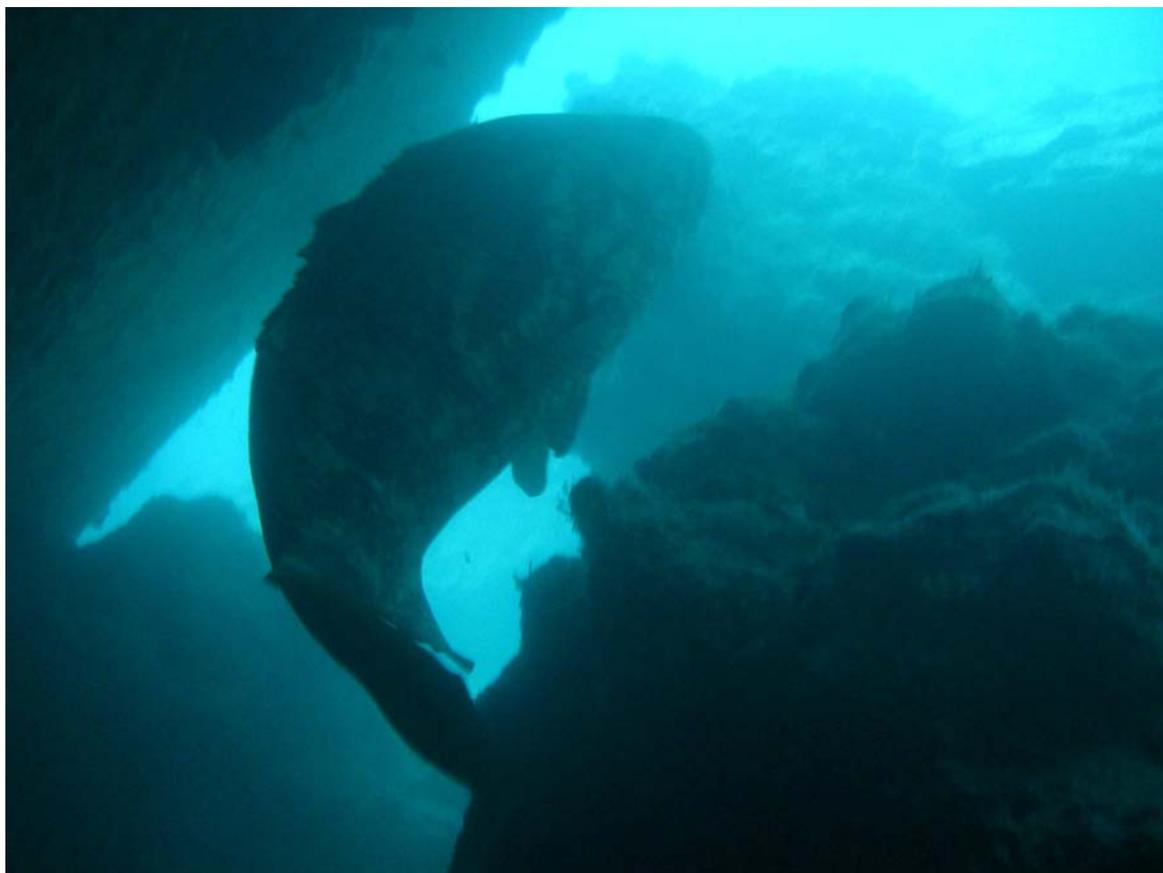


FIGURA 33 – Mero (*Epinephilus itajara*) de aproximadamente dois metros de comprimentos, avistado no naufrágio Rosalinda, localizado no ParNaM dos Abrolhos (abril/2006 – fotografia da autora).

4.2.1.4 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

O ICMBio é uma autarquia ligada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) e integrante do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), criado pela lei 11.516 em 28 de agosto de 2007. Este órgão tem como missão administrar e executar as ações da política nacional de unidades de conservação federais, sendo então responsável por propostas, monitoramento, implementações, gestões e fiscalizações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Nessas funções incluem-se as UCs de uso sustentável, cabendo ao ICMBio apoiar o extrativismo e as populações tradicionais, que integram as políticas de uso sustentável dos recursos naturais renováveis. Além disso, tem como atribuições fomentar e realizar programas de pesquisa, preservação e conservação da biodiversidade e executar o

poder de polícia ambiental protegendo as UCs de nível federal⁷. Anteriormente à criação do ICMBio, tais atribuições e conseqüentemente as UCs federais pertenciam ao IBAMA, que hoje se ocupa das atividades relacionadas “ao licenciamento ambiental, ao controle de qualidade ambiental, à autorização de uso de recursos naturais e à fiscalização, monitoramento e controle ambiental”⁸.

O ICMBio tem sede nacional em Brasília, conta com quatro diretorias, sendo três específicas – a Diretoria de Unidades de Conservação de Proteção Integral (Direp), a Diretoria de Unidades de Conservação de Uso Sustentável e Populações Tradicionais (Diusp) e a Diretoria de Conservação da Biodiversidade (Dibio), além dos órgãos descentralizados que incluem os centros especializados, unidades avançadas, coordenações regionais e as unidades de conservação distribuídas no território brasileiro. Portanto, ambas as instituições ambientais públicas investigadas nesta pesquisa são órgãos descentralizados do ICMBio e antigamente pertenciam ao IBAMA, sendo uma delas uma UC federal (ParNaM dos Abrolhos) e a outra, o Projeto Manguezal, vinculada a um dos centros especializados, o CEPENE.

O Centro de pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros do Litoral do Nordeste (CEPENE) é um centro especializado que tem sua sede principal no município de Tamandaré, litoral sul de Pernambuco, e é orientado para a pesquisa e a gestão dos recursos pesqueiros, tendo como competência produzir, adaptar e difundir conhecimentos científicos, socioeconômicos e ambientais desses recursos. O Projeto Manguezal trata-se de um Posto Avançado do CEPENE, situado no distrito de Ponta de Areia, em Caravelas, que obteve sua implementação através de uma condicionante ambiental em uma Licença de Operação (LO) para o porto da Aracruz Celulose (RANAURO, 2004).

De acordo com a página do Projeto Manguezal sob domínio do sítio do CEPENE, o Projeto Manguezal, ou Projeto Integrado de Manejo e Monitoramento para Uso Sustentável pela População Ribeirinha no Manguezal de Caravelas, tem os seguintes projetos executados no momento: levantamento do perfil socioeconômico do manguezal da ilha de Cassurubá e dos pescadores do litoral de Caravelas (especialmente da população potencialmente influenciada pelo funcionamento do Porto da Aracruz Celulose); estudo da biologia e do

⁷ Informações obtidas no sítio do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/> Acesso em 14 de julho de 2009.

⁸ Informações obtidas no sítio do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <http://www.ibama.gov.br/institucional/historico/> Acesso em: 14 de julho de 2009.

estoque de camarão marinho e fauna acompanhante de pesca motorizada realizada no litoral caravelense; estudo da biologia e avaliação do estoque de caranguejo-uçá (*Ucides cordatus cordatus*) e de guaiamum (*Cardisoma guanhumi*); bioecologia e avaliação do estoque de aratu (*Goniopsis cruentata*); monitoramento e manejo sustentável da biodiversidade dos siris (Portunidae; Callinectes); cultivo de ostras no estuário do Rio Caravelas; educação ambiental buscando integrar as ações da comunidade no processo de gestão participativa para o manejo e monitoramento da utilização dos recursos naturais e agregação de valores a produção; ecoturismo para uso sustentável dos ribeirinhos de Caravelas; e recuperação de áreas degradadas.

O ParNaM dos Abrolhos, cujos limites foram previamente descritos no segundo capítulo desta dissertação (ver seção 2.2.5), foi criado com a finalidade de “resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos” de acordo com seu decreto de criação nº 88.128 de 6 de abril de 1983. Em consonância com tais objetivos, a instituição tem como responsabilidade a elaboração e execução dos Programas de Manejo, de Uso Público, de Operações, que integram o Programa de Manejo do Meio Ambiente e do Programa de Desenvolvimento Integrado, que possuem suas programações de pesquisa, monitoramento, fiscalização e implementação estabelecidos no seu Plano de Manejo (IBAMA/FUNATURA, 1991).

4.2.2 Pescadores artesanais

Muitos dos pescadores em Caravelas possuem canoas ou bateiras sem motor, utilizando a traineira de terceiros para a pescaria em alto-mar, casos em que são feitos arrendamentos e acordos com os donos dos barcos dividindo o lucro líquido da pesca, conforme observou Seixas e Pedrosa (2005), especialmente para a grande maioria dos pescadores da comunidade da Barra de Caravelas (FIGURA 34).

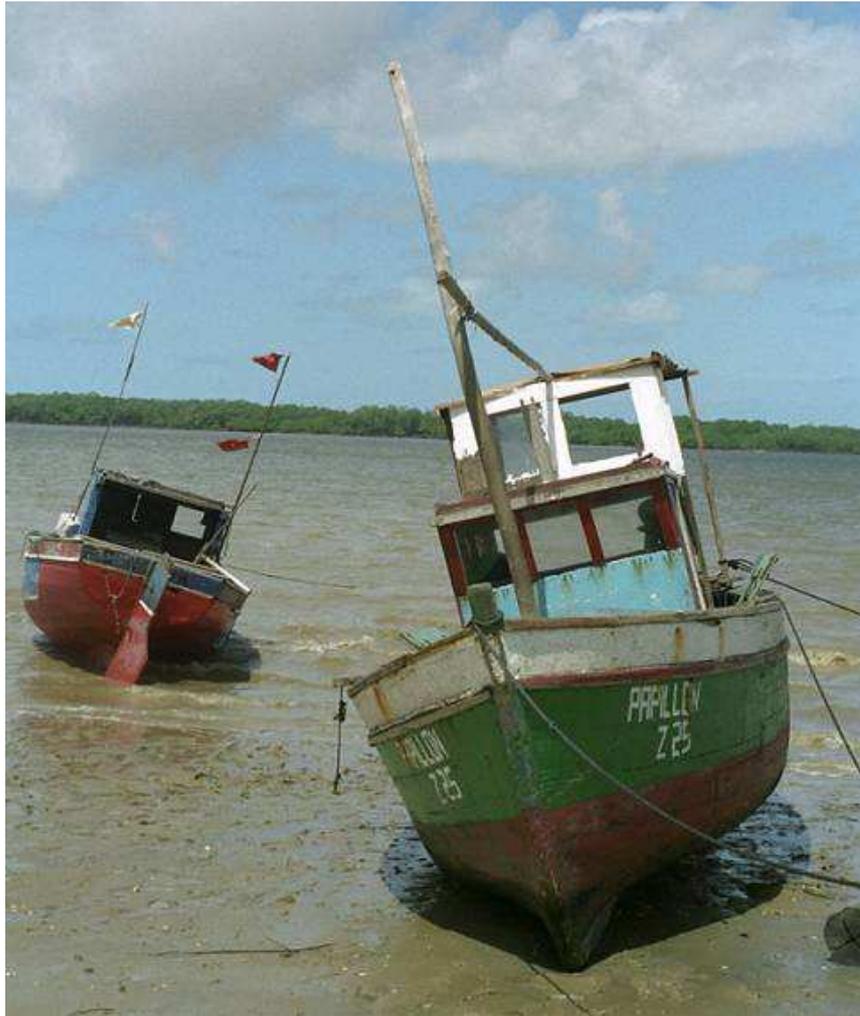


FIGURA 34 – Embarcações do tipo traineira utilizada pelas comunidades pesqueiras do município de Caravelas (abril/2006 – fotografia da autora).

Dos onze representantes da atividade pesqueira caravelense entrevistados, apenas um (9,09%) possui entre 20-29 anos de idade, três (27,27%) possuem entre 30-39, dois (18,18%) entre 40-49 e cinco (45,45%) entre 50-59 (FIGURA 35).

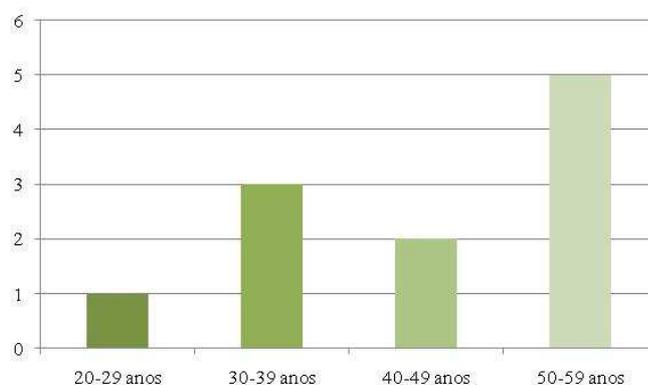


FIGURA 35 – Gráfico da faixa etária dos pescadores entrevistados (elaborado pela autora).

Assim como as famílias dos ribeirinhos, as dos pescadores também se apresentam numerosas, tendo sido verificado que um (9,09%) dos entrevistados possui dois filhos, três (27,27%) possuem três filhos, dois (18,18%) possuem quatro, um (9,09%) possui cinco, dois (18,18%) possuem seis e um (9,09%) possui oito filhos (FIGURA 36).

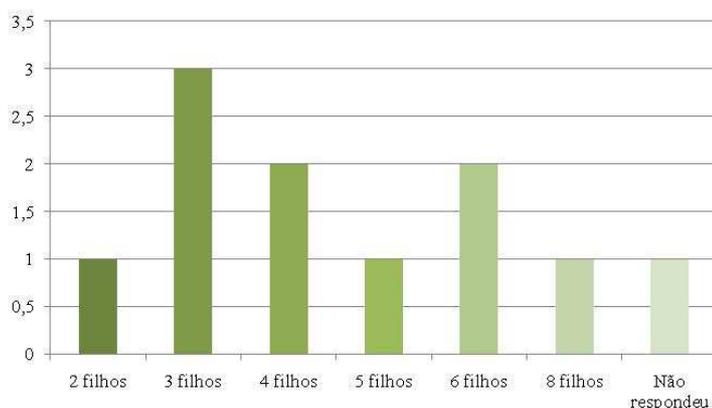


FIGURA 36 – Gráfico do número de filhos de cada um dos pescadores entrevistados (elaborado pela autora).

Todos entrevistados são homens, e quanto à escolaridade, quase a metade (cinco, que representam 45,45% do total dos agentes da pesca) possui ensino fundamental incompleto, um (9,09%) possui ensino fundamental completo, dois (18,18%) possuem ensino médio completo, um (9,09%) possui curso superior completo (na área da engenharia) e dois não responderam (FIGURA 37).

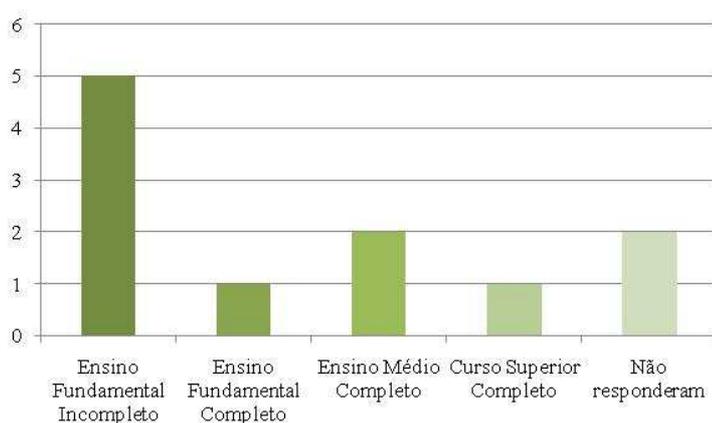


FIGURA 37 – Gráfico da escolaridade dos pescadores entrevistados (elaborado pela autora).

Foram realizadas quatro entrevistas na Barra de Caravelas, quatro em Caravelas (sede) e três em Ponta de Areia, sendo que apenas um dos entrevistados em Barra de Caravelas residia em Caravelas, os demais foram entrevistados na localidade em que residiam (FIGURA 38).



FIGURA 38 – Gráfico do local de residência dos pescadores entrevistados (elaborado pela autora).

Quanto à origem destes pescadores, a maioria (oito, que representam 72,72% dos entrevistados) é nascida no município, sendo dois da sede, dois da ilha de Cassurubá, dois da Barra de Caravelas e dois de Ponta de Areia. Os demais (27,27%) nasceram um em Itabuna (BA), um em Lisboa (Portugal) e um no Rio de Janeiro capital (FIGURA 39).

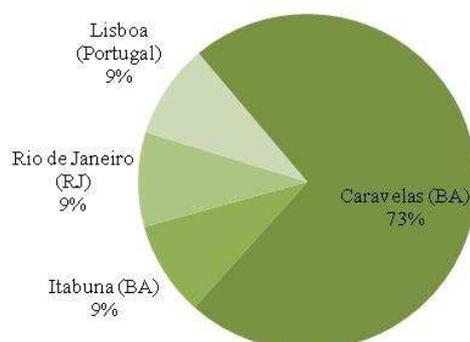


FIGURA 39 – Gráfico da naturalidade dos pescadores entrevistados (elaborado pela autora).

A área de pesca de dez entrevistados (90,90%) é o banco dos Abrolhos, sendo que apenas um (9,09%) informou pescar desde Abrolhos até Porto Seguro. Alguns pescadores utilizam também a área de manguezal (FIGURA 40).



FIGURA 40 – Pescador atirando rede no rio Caravelas a bordo de canoa, característica da pesca realizada no mangue (abril/2006 – fotografia da autora).

De acordo com informações obtidas através dos interlocutores que integram o grupo da pesca, está sendo fundada uma associação, denominada Associação dos Pescadores de Caravelas (APESCA). A associação era constituída, à época do trabalho de campo, por 42 membros, com presidente e tesoureiro já designados, e documentação em processo de regularização junto aos órgãos competentes. Os pescadores se vêem perdendo espaço para empresas de turismo, de dragagem (Norsul – empresa terceirizada responsável pela dragagem do canal), para a Aracruz e especialmente para as baleias jubarte. A partir daí traçaram o objetivo de se fortalecer através da APESCA, com o objetivo de reivindicar seus direitos de navegação, pois eles vinham sofrendo restrições quanto aos locais de colocação da rede no mar e de pesca de camarão⁹. Dentre os 11 entrevistados neste grupo, dois pertenciam a esta associação.

⁹ Informações reunidas a partir dos testemunhos de dois interlocutores do grupo dos pescadores que integram a APESCA.

4.2.3 Poder Público Local

Os representantes do poder público local entrevistados eram funcionários da Prefeitura de Caravelas. Seus cargos e funções não serão revelados, a fim de preservar suas identidades, pois, considerando que todos pertencem à mesma instituição e ao pequeno número de interlocutores, tais caracterizações poderiam facilmente identificá-los. Entretanto, deixa-se claro que se tratou de interlocutores que estavam a par e possuíam algum posicionamento em relação às atividades questionadas.

Sobre a instituição cabe colocar ainda a ausência de quaisquer materiais de divulgação sobre o seu funcionamento, atividades, estrutura, organização e administração como, por exemplo, um sítio na internet, e tampouco foram encontrados esses dados nas publicações do IBGE sobre gestão pública.

Os dois entrevistados possuem curso superior completo, um deles declara possuir graduação em três cursos distintos. Ambos são do sexo masculino, possuem idade entre 40 e 59 anos, três filhos, e são moradores de Caravelas, exceto um deles que possui residência em Caravelas e em Teixeira de Freitas, e nenhum deles é nativo do local, sendo um baiano, de outro município do extremo sul e o outro gaúcho. O local de trabalho de ambos se situa dentro dos limites do município de Caravelas, salvo um deles que possui cargo de gerência em uma agência bancária de outro município, mas licenciado deste último para a execução do seu cargo.

4.2.4 Ribeirinhos

Os ribeirinhos constituem a população que vive na área de manguezal do município, e habitam, portanto, as margens e interiores da ilha de Cassurubá e dos rios Caravelas, Caribé, do Largo, do Macaco, Massangano, Jaburuna, do Poço, do Cupido e Peruípe (sendo que este pela sua extensão alcança o município de Nova Viçosa) (RANAURO, 2004).

A ocupação destas áreas data dos séculos passados, ou seja, desde a colonização à época do descobrimento e exploração do pau-brasil. Desse modo famílias de pescadores, marisqueiros e agricultores foram povoando o litoral baiano, e mantêm até hoje características socioeconômicas coloniais, além de muitas dessas famílias serem descendentes de

trabalhadores antigos e/ou escravos que permaneceram no local (RANAURO, 2004). No levantamento socioeconômico e cultural da área proposta para a criação da UC de Uso Sustentável de Cassurubá, Ranauro (2004) ressalta a permanência de diversas famílias negras que são prováveis remanescentes de quilombos. A população desta região é predominantemente masculina (63,26%), podendo ser indicativo da importância do trabalho dos homens nas atividades, somado a uma possibilidade das mulheres de migrarem por não participar tão ativamente das atividades econômicas. Apesar dessa aparente facilidade, as famílias não costumam migrar para outros locais, sendo percebido apenas um deslocamento dos jovens em idade escolar para a sede de Caravelas ou para o município vizinho de Nova Viçosa e de idosos na busca por atendimento médico (RANAURO, 2004).

As famílias dos ribeirinhos são, em geral, grandes, o que pode ser justificado pela participação nas atividades econômicas, e salienta-se na estrutura familiar a divisão dos trabalhos por gênero na mariscagem, na pesca e na agricultura (RANAURO, 2004), aspectos que puderam ser confirmados nas famílias dos atores abordados.

Foram entrevistados ao todo sete ribeirinhos, que correspondem a 15,22% do total de interlocutores. Dentre esses sete, quatro são homens (57,15%) e três são mulheres (42,85%). Apenas um ribeirinho possui um único filho e um possui dois, enquanto quatro (57,15%) possuem três filhos, e um possui quatro (FIGURA 41).

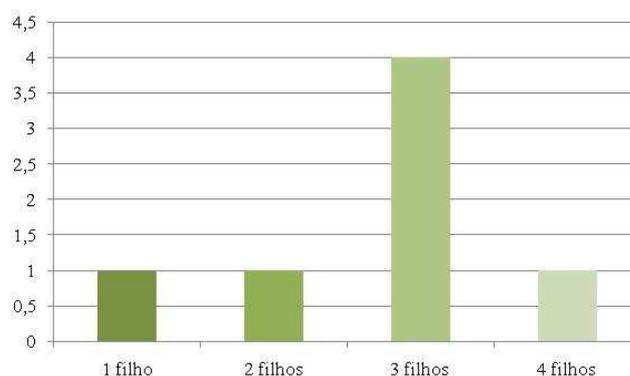


FIGURA 41 – Gráfico do número de filhos de cada ribeirinho entrevistado (elaborado pela autora).

Dois entrevistados (28,6%) apresentam idade entre 30-39, três (42,85%) entre 40-49, um entre 50-59 e um não respondeu (FIGURA 42). A escolaridade dos entrevistados é relativamente baixa se comparada aos demais grupos de atores, pois apenas dois (28,6%) estudaram no ensino fundamental sem chegar a completá-lo, três (42,85%) afirmaram não ter estudo e dois (28,6%) não responderam (FIGURA 43).

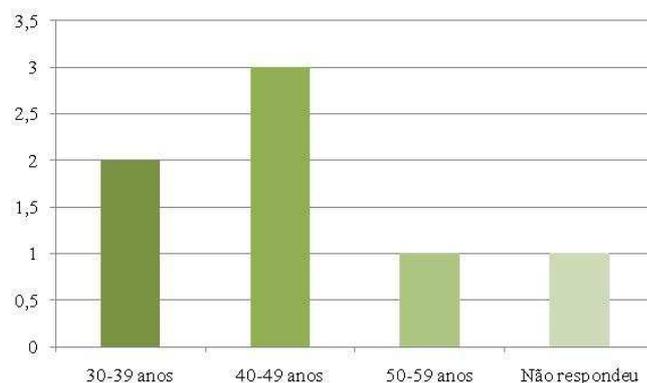


FIGURA 42 – Gráfico da faixa etária dos ribeirinhos entrevistados (elaborado pela autora).

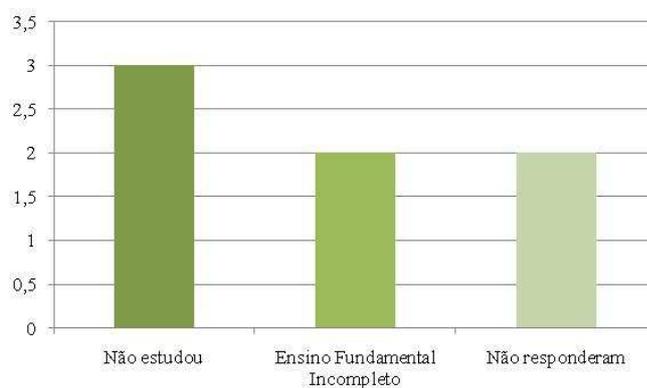


FIGURA 43 – Gráfico da escolaridade dos ribeirinhos entrevistados (elaborado pela autora).

Todos os entrevistados foram abordados em suas residências, tendo sido a maioria (quatro, que correspondem a 57,15% do total) aplicada no rio Caribé, duas em Ponta de Areia e uma no Bairro Novo, bairro contíguo a sede do município de Caravelas e que foi construído por ribeirinhos que anteriormente moravam dentro dos manguezais, sendo que muito desses moradores ainda vivem de atividades de coleta e pesca no mangue (FIGURA 44).

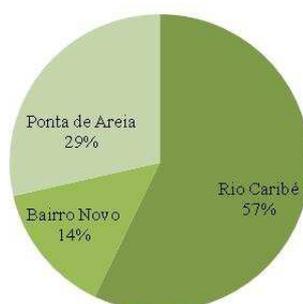


FIGURA 44 – Gráfico do local de residência dos ribeirinhos entrevistados (elaborado pela autora).

Todos os sujeitos que participaram da pesquisa são caravelenses, tendo três (42,85%) nascidos no rio Caribé, dois (28,6%) em Ponta de Areia, um em Caravelas e um na Tapera (localidade da região de manguezal). As atividades de trabalho dos entrevistados variam e se combinam entre mariscagem, beneficiamento da pesca, agricultura e pesca, o que confere com os dados provenientes do relatório socioeconômico realizado para a criação da Resex, excetuando um dos entrevistados que mora no Bairro Novo e que possui um bar, mas que ainda complementa boa parte de sua renda com a coleta de mariscos (FIGURA 45).



FIGURA 45 – Embarcações de pesca artesanal realizada no mar pertencente a famílias de ribeirinhos, que vivem da pesca, mas habitam o mangue (abril/2008 – fotografia da autora).

As entrevistas com os ribeirinhos que vivem nas áreas mais afastadas (ilha de Cassurubá e rio Caribé) foram realizadas a partir de uma embarcação alugada de um morador caravelense, não tendo sido utilizada qualquer aproximação através de embarcações do governo, ICMBio ou outra instituição, evitando a associação da pesquisadora a algum órgão por parte dos entrevistados.

4.2.5 Setor privado: Aracruz Celulose e COOPEX

O setor privado inclui as grandes empresas Aracruz Celulose e COOPEX, sendo que esta última não possui sede propriamente dita, pois a sua instalação não chegou a ser aprovada pelos órgãos ambientais responsáveis. Foram entrevistados somente dois integrantes desse grupo, cada um vinculado a uma das empresas. O representante da COOPEX entrevistado foi um dos sócios, já o representante da Aracruz era prestador de serviço terceirizado. Foi estabelecido contato com um funcionário direto da Aracruz, mas o agendamento da entrevista foi impossibilitado devido aos compromissos do interlocutor. Uma tentativa posterior de entrevista por telefone não foi autorizada pela empresa. Portanto, as informações a respeito dessa empresa, de suas atividades e posicionamentos foram obtidas no sítio da mesma e a partir de um relatório produzido e extraído do mesmo sítio e que contém relatos de entrevistas realizadas com funcionários da Aracruz por ocasião da sua instalação no distrito de Ponta de Areia em Caravelas.

Nenhum dos entrevistados nasceu no local, sendo um capixaba do município de Serra (onde foi aplicada a entrevista) e o outro da capital de São Paulo. Ambos possuem curso superior completo, e um deles possui especialização. As áreas de atuação de um são Caravelas e o banco dos Abrolhos, e do outro, o município de Serra (ES). Este último é integrante da COOPEX, que não teve sua instalação autorizada em Caravelas pelos órgãos ambientais competentes. Portanto, à época da entrevista, a empresa já havia se retirado do local. Ambos são do sexo masculino, nenhum possui filhos, um deles tem idade entre 20-29 e o outro entre 40-49 anos.

4.2.5.1 Aracruz Celulose¹⁰

¹⁰ Informações sem a devida referência foram obtidas no sítio da empresa. Disponível em: <http://www.aracruz.com.br/home.do?lang=1> Acesso em 20 de julho de 2009.

A empresa brasileira Aracruz Celulose é responsável por 24% da oferta mundial de celulose branqueada de eucalipto, destinada à fabricação de papéis para impressão, escrita, papéis sanitários e especiais (de alto valor agregado). Suas atividades florestais abrangem mais de 286 mil hectares de plantios renováveis de eucalipto, alternados com cerca de 170 mil hectares de reservas nativas que se distribuem nos estados da Bahia, do Espírito Santo, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Além destas áreas, a empresa estimula o plantio através do Programa Produtor Florestal, implantado nos estados supracitados, incluindo o Rio de Janeiro, e que consiste na contratação de mais de 3.900 produtores rurais e resulta na plantação de aproximadamente 96 mil hectares. A empresa possui três unidades de produção, as Unidades Guaíba (RS), Veracel (BA) e Barra do Riacho (ES), sendo esta última responsável por 2,3 dos cerca de 3,2 milhões de toneladas de celulose branqueada de fibra curta de eucalipto produzidas ao ano. A Unidade Barra do Riacho consiste em um complexo industrial onde operam três fábricas de celulose conectadas aos plantios e ao Terminal Especializado de Barra do Riacho, um porto privativo especializado no embarque de celulose, que pertence a Aracruz e a Celulose Nipo-brasileira (CENIBRA), outra importante produtora de celulose no Brasil.

As ações da Aracruz Celulose são controladas pelos grupos Votorantim, que detém 84% do capital votante, e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com 12,5%. Suas ações são negociadas nas Bolsas de Valores de São Paulo (Bovespa), Madri (Latibex) e Nova Iorque (NYSE). Além disso, integra o Índice Dow Jones de Sustentabilidade Global (DJSI World) 2008/2009.

A empresa tem por missão “ofertar produtos obtidos de forma sustentável a partir de florestas plantadas, gerando benefícios econômicos, sociais e ambientais, contribuindo desta forma para o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas”, e visa “ser reconhecida como líder no mercado mundial de celulose”.

Conforme mencionado no segundo capítulo desta dissertação, a instalação da Aracruz Celulose em Caravelas corresponde ao início das obras do Terminal Marítimo de Navios-Barcaça Luciano Villas Boas Machado, iniciadas em fevereiro de 2002 e inaugurado em abril de 2003. O terminal localizado no distrito de Ponta de Areia é responsável pelo escoamento do eucalipto vindo dos plantios do extremo sul até a Unidade Barra do Riacho. Todavia, de acordo com Ralile (2006), o início das atividades da empresa Aracruz no extremo sul baiano data de 1988 com o início do plantio dos eucaliptos.

Ainda de acordo com Ralile (2006), a empresa desempenha um papel importante no desenvolvimento das cidades do extremo sul da Bahia e norte do Espírito Santo em que são estabelecidos seus projetos florestais através do Programa de Infra-Estrutura Social. Apoiado pelo BNDES, este programa realizou a construção de escolas, postos médicos, ginásios poliesportivos, creches e centro de formação profissional em parceria com as prefeituras dos municípios de Aracruz, Ibraçu, Conceição da Barra e São Mateus, no Espírito Santo, e Caravelas, Mucuri, Alcobaça e Nova Viçosa, na Bahia. Em Caravelas foram construídos quatro postos médicos, sendo um deles em conjunto com uma escola.

4.2.5.2 Cooperativa dos Criadores de Camarão do Extremo Sul da Bahia

A Cooperativa dos Criadores de Camarão do Extremo Sul da Bahia (COOPEX) se localizaria na Comunidade do rio do Macaco, a uma distância de 6 km da sede de Caravelas, e teria por finalidade a engorda do camarão cinza, também conhecido como camarão branco do pacífico (*Litopenaeus vannamei*) através do sistema intensivo trifásico¹¹. O espaço do projeto abrangeria terras úmidas de manguezais, planície de maré e brejos, com flora característica desses ecossistemas, totalizando uma área de 1.517,5911 hectares e um custo aproximado de 40 milhões de reais¹².

A COOPEX foi idealizada por quatro pessoas, a partir do conhecimento de que o governo da Bahia, através do Centro de Recursos Ambientais da Bahia (CRA) e da Bahia Pesca, havia realizado um estudo identificando várias áreas litorâneas favoráveis à criação de camarão devido à salinidade da água, entre outros fatores. A partir do contato com esses

¹¹ Conforme Magalhães (2004, p. 17) um sistema de carcinicultura é classificado quanto a sua intensidade conforme “o aporte de nutrientes, a densidade da estocagem e o controle de qualidade da água” e neste caso, com base na classificação de Edwards e Tacon, um sistema intensivo é aquele que recebe uma dieta completa, de elevada qualidade nutricional, onde o crescimento do animal depende totalmente desta fonte de alimentação. Quanto às fases do sistema, a partir de Seiffert et al. 2003 (apud MAGALHÃES, 2004), a primeira fase do sistema trifásico consiste no acondicionamento de pós-larvas em pré-berçários de fibra de vidro ou concreto, numa segunda fase ocorre o cultivo intenso dos juvenis já em preparação para a última fase, que é a da engorda em viveiros com dimensões que podem variar de 2 a 6 ha (povoados com densidades de 20 a 30 juvenis/m²).

¹² Informações obtidas a partir do Estudo Técnico Fundiário dos Imóveis que compõem a Área para Criação da Reserva Extrativista Marinha Cassurubá que tiveram como base o Relatório de Impacto Ambiental da COOPEX.

órgãos lhes foram indicadas as áreas de Alcobaça e Caravelas, sendo esta última a mais adequada pela existência do aeroporto. A Cooperativa integraria 26 proprietários de terras (possuindo em torno de 60 hectares cada), sendo um deles sócio da segunda maior *trade* brasileira que realiza um voo Miami-Vitória duas vezes por semana, levando e trazendo produtos dos Estados Unidos e que faria escala no aeroporto de Caravelas para ser abastecido com camarão fresco. O empreendimento contaria com a produção de cada sócio, onde cada um se responsabilizaria pela sua área de terra, somado a três áreas comuns aos cooperados, sendo elas o canal, a sede da Cooperativa e o sistema de bombeamento para o canal que atenderia as 26 fazendas.

4.2.6 Setor turístico: pousadas, instrutores de mergulho e operadoras de viagens, mergulho e embarcações

Este grupo conta com nove entrevistados que representam 19,57% do total de interlocutores, distribuídos em três subgrupos, da seguinte maneira: três (33,33%) pertencentes à rede hoteleira, dois (22,22%) instrutores de mergulho e quatro (44,44%) representantes de operadoras de viagens, mergulho e proprietários de embarcações. Justifica-se aqui a inclusão dos proprietários de embarcações juntamente com as operadoras, pois os mesmos também oferecem diretamente os serviços de viagens e mergulho em Abrolhos.

A rede hoteleira caravelense conta com pelo menos dez estabelecimentos, dentre eles dois pertencentes à categoria de hotel e os demais a categorias de pousada, sendo que um deles possui uma construção destinada à locação de quartos semi-mobiliados por temporada, como uma pensão. As operadoras de viagens, mergulho e proprietários de embarcação somam cinco empresas. Estas oferecem “baleiadas”, passeios destinados a observação de baleias jubarte (disponível de julho a novembro), passeios pelo manguezal (quando solicitado por um grupo, não sendo oferecido regularmente), o agendamento de viagens a Abrolhos, que pode ser realizado durante um dia, conhecido como “bate-volta”, e o *live on board*, quando os turistas pernoitam embarcados no ParNaM dos Abrolhos.

Este último passeio é destinado em especial a mergulhadores, pois nas ilhas de Abrolhos a visitação a pé só é permitida na ilha da Siriba (FIGURA 46), sendo realizada em torno de meia hora, portanto, a visitação do Parque se dá principalmente através da atividade de mergulho, que pode ser realizada nas seguintes modalidades: o mergulho livre e o

recreativo SCUBA ou mergulho autônomo¹³. Na viagem *live on board*, os turistas aptos a realizar o mergulho autônomo tem a possibilidade de desfrutar de três passeios por dia, onde são percorridas trilhas submersas pré-estabelecidas, inclusive visitando antigos naufrágios.

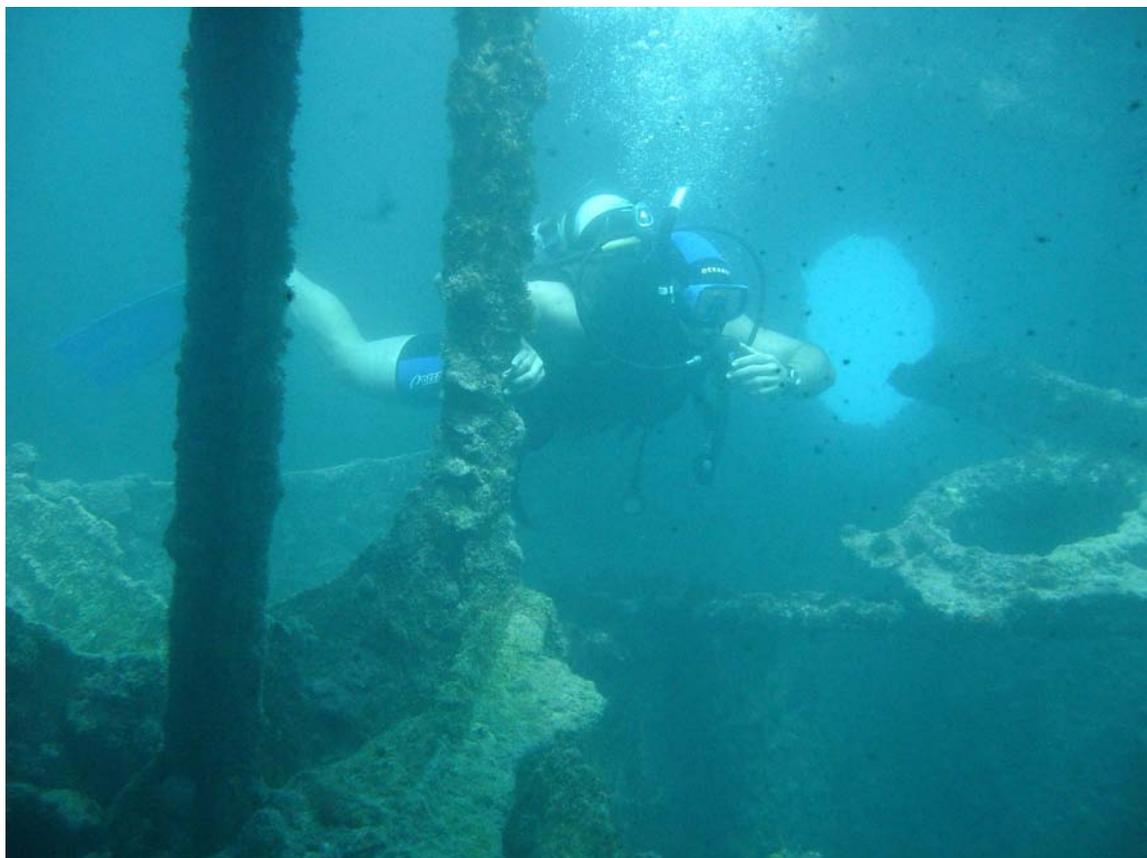


FIGURA 46 – Mergulhador utilizando equipamento SCUBA no naufrágio Rosalinda situado no ParNaM dos Abrolhos (abril/2006 – fotografia da autora).

Como citado anteriormente (capítulo 2), o desembarque na ilha de Santa Bárbara (FIGURA 47), onde residem às famílias dos militares e os guarda-parques é permitido

¹³ De acordo a Associação Férias Vivas que objetiva promover educação no turismo, o mergulho livre é aquele em que o mergulhador permanece quase sempre à linha d'água, submerge usando apenas o ar dos pulmões e é praticado com os equipamentos básicos (máscara, nadadeiras e *snorkel*), podendo ter como auxílio uma roupa de proteção e um cinto de lastro. O mergulho recreativo SCUBA (Self Contain Under Water Breathing Apparatus) define-se pela utilização de equipamento de respiração subaquática autônomo que inclui aos equipamentos básicos, a roupa de proteção, o cinto de lastro, cilindro de alta pressão, regulador, octopus (regulador reserva), colete equilibrador, manômetro e profundímetro. A realização deste tipo de mergulho requer treinamento adequado que é oferecido e certificado através de agências nacionais e internacionais como PDIC, PADI, NAUI e CMAS. Disponível em: <http://www.feriasvivas.org.br/v5/secoes/feriasseguras/mergulho.asp> Acesso em: 15 de agosto de 2009.

somente perante autorização prévia da marinha, portanto a obrigatoriedade de permanência dos turistas a bordo das embarcações durante praticamente toda a viagem e o turismo em sua maior parte aquático limita possíveis conhecedores do arquipélago. Outro serviço operado por estas empresas é a realização de batismos, ou seja, um primeiro mergulho autônomo totalmente acompanhado por instrutor experiente, oferecido àqueles que não possuem um curso básico de mergulho. É preciso salientar que mesmo a visita subaquática realizada por turistas mergulhadores experientes é sempre definida e guiada por um instrutor cadastrado no ParNaM dos Abrolhos por se tratar de um Parque Nacional (IBAMA/FUNATURA, 1991).

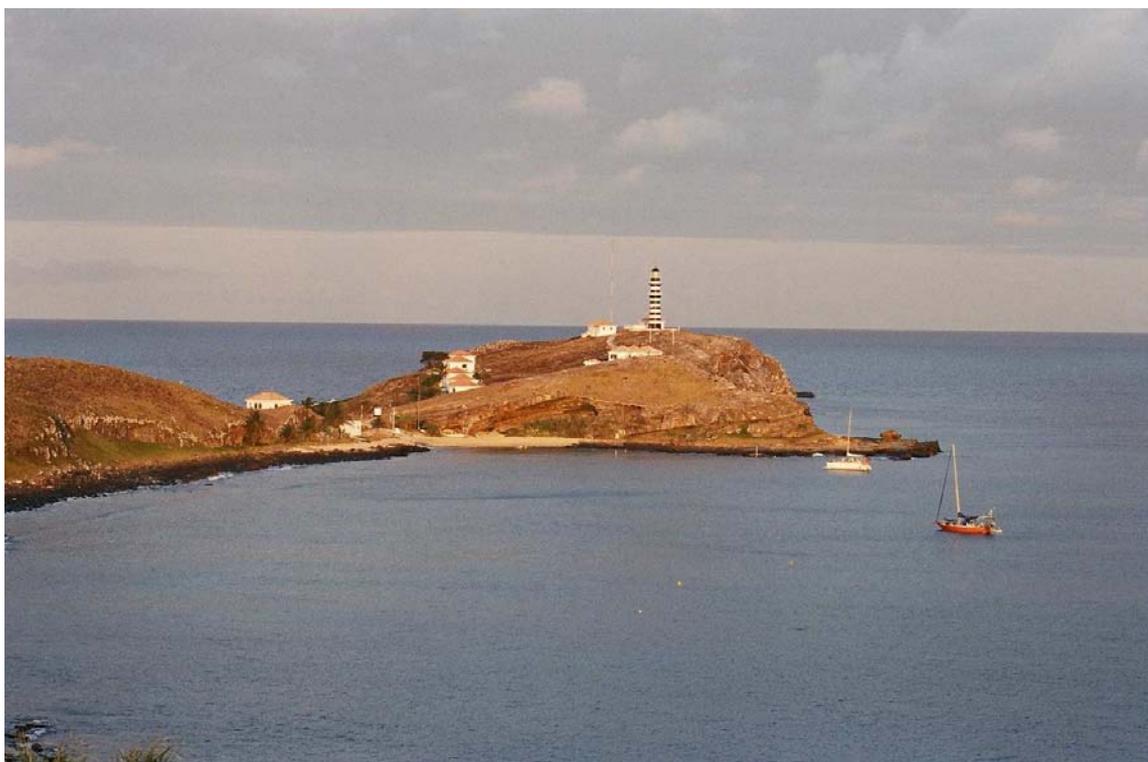


FIGURA 47 – Lado sul da ilha de Santa Bárbara, com o farol e as casas da Marinha (outubro/2004 – fotografia da autora).

Os serviços relacionados ao mergulho, como cursos básicos, cursos avançados, batismos e a visitação das trilhas subaquáticas do ParNaM são realizadas por instrutores de mergulho, que não possuem vínculo empregatício com estas empresas, apenas prestando serviço a elas. O único vínculo desses instrutores localmente, que permitem o trabalho dentro do Parque, é o credenciamento que realizam junto à instituição do ParNaM dos Abrolhos (ICMBio), onde realizam cursos, e, desde 2008, passam por uma prova que vai habilitar por um ano esses instrutores a guiar as atividades de mergulho nos limites do Parque. Hoje, estes mergulhadores constituem a Associação de Condutores Subaquáticos e Mergulhadores do Sul da Bahia (CONSUB), que busca melhorar as condições nas atividades de mergulho realizadas

em Abrolhos como capacitação dos instrutores sobre a fauna aquática local, primeiros socorros, entre outras mudanças visando melhorar a segurança e qualidade do serviço oferecido, além de padronizar estas condições para todas operadoras. A regularização do credenciamento de mergulhadores no Parque, que diminuiu de cerca de 250 para 15 credenciados ao ano, e a exigência de mais experiência e conhecimento já foram algumas das vitórias da associação.¹⁴

Dentre os nove agentes entrevistados seis (66,66%) possuem entre 40-49 anos, um (11,11%) entre 50-59 anos e dois não responderam. Um terço dos interlocutores não tem filhos (33,33%), um possui um filho, dois possuem dois e um possui cinco filhos (dois não responderam). Pouco mais da metade são homens (55,55%) e quatro são mulheres (44,44%).

Quanto à escolaridade dos agentes, três (33,33%) possuem curso superior completo, três (33,33%) possuem curso superior incompleto, um (11,11%) possui curso técnico, um (11,11%) possui ensino médio completo e um único não respondeu. Dentre os que possuem curso superior completo, as áreas de graduação são administração de empresas, economia e eletromecânica.

As entrevistas foram todas realizadas em Caravelas, entretanto, apenas um dos agentes é nativo do município, outro também é baiano, mas de Ilhéus, dois são cariocas, um é capixaba, um alagoano e um paulista, e apenas um não respondeu. Dentre os três agentes ligados a rede hoteleira, dois são proprietários dos estabelecimentos e um é gerente; dentre os quatro representantes das operadoras, três são proprietários e um é gerente; e todos os mergulhadores eram instrutores credenciados no ParNaM dos Abrolhos no ano da pesquisa de campo. As localidades utilizadas em trabalho por estes atores podem ser divididas em quatro categorias, com o respectivo número de atores que as integram: Caravelas (3), Caravelas e ParNaM dos Abrolhos (4), Caravelas e outros locais do Brasil (1) e Caravelas e outros locais fora do Brasil (1).

¹⁴ Informações a respeito da CONSUB foram extraídas dos depoimentos de agentes do setor turístico.

5 PERCEPÇÕES SOCIAIS E PACOTES PERCEPTIVOS: COMPREENDENDO O CONFLITO AMBIENTAL

Este capítulo se divide em três seções. A primeira cabe a apresentação dos ecossistemas que compõem a paisagem da área de estudo a partir das definições, funções, valores e sentimentos atribuídos por seus distintos agentes. Em um segundo momento são examinadas as percepções sociais a respeito da utilização do espaço que abrange Caravelas e o ParNaM dos Abrolhos, juntamente com seu entorno, buscando compreender como os valores, símbolos, ideologias dos diferentes agentes interferem na construção das concepções que guiam suas ações, articulações e expectativas.

Ao final desta análise são apresentados os pacotes perceptivos, categoria analítica elaborada através das percepções dos distintos grupos sociais a respeito dos termos *conservação* e *desenvolvimento*, e da atual e futura utilização do espaço por estes agentes enquanto benéficas e/ou prejudiciais a conservação ambiental e/ou ao desenvolvimento local.

5.1 CONHECENDO A PAISAGEM A PARTIR DOS ATORES SOCIAIS

Diferentes atores sociais percebem os elementos naturais e a paisagem de um local de acordo com a vivência, cultura e visão de mundo em que foram concebidos e criados; e, é através dessa visão de mundo que os grupos vão desenvolver seus desejos e expectativas de uso destes espaços. À medida que estas perspectivas de utilização de um mesmo espaço se distinguem se iniciam os problemas e conflitos ambientais, que incluem diversos grupos de atores sociais, cada um com sua percepção, seu ideal e sua força para se fazer ouvir e atender sua reivindicação. Retomando Fuks (2001), essas questões geralmente vêm à tona por grupos de grande poder organizacional e simbólico, mas assim que eles atingem a arena pública onde esses conflitos são discutidos, o problema ambiental pode ganhar adeptos de outros grupos e não mais pertencer a um único grupo de atores que o originou.

Desse modo, se inicia a análise dos dados coletados conhecendo as percepções, assim como as representações, acerca dos ecossistemas locais através da ótica dos diferentes atores e buscando, em uma primeira etapa, entender as funções e valores que eles atribuem a esses espaços nos seu trabalho e nas suas vidas, para em seguida conhecer seus discursos,

posicionamentos e ações no âmbito das práticas de uso que vêm sendo desenvolvidas e/ou projetadas para este espaço pelos demais grupos. Assim sendo, inicia-se com as percepções acerca do ambiente recifal coralíneo da região, ou seja, sobre os corais não só existentes nos limites do Parque, mas dos recifes do banco dos Abrolhos, que incluem o Parcel das Paredes, Coroa Vermelha (FIGURA 48 e 49) entre outras formações e ilhotas, situadas na altura do município de Caravelas.



FIGURA 48 – Farol da ilha de Coroa Vermelha situada no banco dos Abrolhos (outubro/2004 – fotografia da autora).



FIGURA 49 – Praia da ilha de Coroa Vermelha situada no banco dos Abrolhos (outubro/2004 – fotografia da autora).

O ambiente de recifes coralinos para a maioria dos ambientalistas provoca uma resposta técnica, que enumera e descreve as funções biológicas e ecológicas deste ecossistema, mas que também demonstra o que este ambiente representa para este grupo afetivamente, visto que se trata de uma escolha de objeto de pesquisa, de trabalho e de vida para pesquisadores, que em sua maioria vieram de outras regiões do país. Portanto, o discurso desses atores é marcado por definições e conexões com seus processos de trabalho:

As jubartes, elas procuram ambientes de ilhas oceânicas ou ambientes coralinos para reprodução. Então, do mesmo jeito que as jubartes vêm aqui para Abrolhos, elas vão pra grande barreira de coral da Austrália, elas vão pra algumas regiões ali do Caribe, vão pras ilhas onde tem recife de coral, possivelmente porque os corais que ocorrem em áreas mais rasas e a água mais rasa é um fator importante pra proteção do filhote e também, porque o coral acaba protegendo. O mar não cresce tanto aqui, a gente não tem onda de 4, 5 metros então, pro filhote é uma coisa boa (ambientalista, ONG).

Também através dos depoimentos dos ambientalistas é possível visualizar as relações entre os diferentes ambientes, bem como entre as atividades econômicas, que caracterizam um sistema onde todas as funções se inter-relacionam. Assim sendo, verifica-se a expressão da relação entre coral e mangue:

Porque, veja só, se eu trabalho com, gerenciamento costeiro, se o ecossistema recifal está intimamente ligado com a região costeira, obrigatoriamente a gente tem que trabalhar com a parte terrestre costeira. E a partir do momento em que a gente causa algum impacto nessa área costeira, a gente indiretamente vai estar atingindo o

ambiente recifal, seja por turgidez da água, seja até excesso de sedimentos depositado no meio marinho, seja da... Que a partir do momento em que você quebra a restinga, você atinge o que? O manguezal. Dois terços da vida costeira marinha dependem do manguezal direta ou indiretamente para a sobrevivência. Se você rompe a barreira do manguezal ali, aí o efeito cascata aumenta mais ainda (ambientalista, ICMBio).

Seguindo na fala dos ambientalistas, encontra-se em conjunto com uma descrição técnica de funções, a importância da proteção ambiental da biodiversidade pelo seu valor *intrínseco* e a expressão da afetividade percebendo o ambiente recifal:

Do ponto de vista espiritual é a minha vida. Do ponto de vista físico, é um recife coralíneo uma gigantesca estrutura construída por milhares de animais por milhões de anos. [...] Desempenha diversas funções. Desde produtividade pesqueira até repositório de biodiversidade. Uma potencial fonte de fármaco. *Importância intrínseca:* é importante porque existe (ambientalista, ONG) [grifo da autora].

Outro técnico ambientalista inclui na sua fala os pescadores que dependem dos recifes de corais, apontando a vulnerabilidade da comunidade pesqueira local, ao mesmo tempo em que se refere à importância na manutenção deste ecossistema conservado como condição de desenvolvimento e subsistência desta população.

E assim para questão local, regional, eu vejo, a gente reconhece a riqueza da pesca aqui na região e que é o sustento da grande parte, acho que é a principal atividade econômica do município, é a pesca. Apesar da pobreza e da subsistência em que vivem os pescadores, mas ainda é essa pesca que dá essa oportunidade. E acho que é óbvio para todo mundo, que a saúde do ambiente recifal está diretamente ligada a essa produtividade pesqueira, que vem caindo, por causa da superexploração da própria pesca, mas é o que ainda garante (ambientalista, ONG).

A valorização do ecossistema coralíneo e da geografia local como um todo aparece quase como uma constante entre atores sociais de diferentes atividades e ecossistemas. Para muitos dos entrevistados a singularidade da geografia local e, em particular, do ambiente recifal e do banco dos Abrolhos, são descritos como um centro vital a partir do qual se irradiam as diferentes possibilidades de vida como corais, algas, peixes, baleias e a subsistência da comunidade local destacando os pescadores e agentes de turismo (FIGURA 50).

O banco de Abrolhos é o maior e o mais importante banco de corais de todos Atlântico Sul, é uma paisagem única no Brasil e em todo Atlântico Sul [...] E é área prioritária de conservação da biodiversidade não é à toa que foi criado aqui o primeiro Parque Nacional Marinho [...] em 1983. Tem uma importância fundamental relacionada à paisagem do arquipélago e dos próprios recifes submersos em função do turismo, é o principal atrativo natural aqui da costa das baleias, no extremo sul da Bahia e o turismo, por si é uma das principais atividades econômicas aqui nessa região. E de outro lado, a importância que ele tem para a pesca [...] Também a pesca artesanal também é uma das principais atividades econômicas aqui nessa região,

cerca de 20 mil pessoas estão ligadas, direta ou indiretamente, a ela aqui no extremo sul. E também a questão das baleias, é a principal área de concentração e reprodução das baleias jubartes no Atlântico Sul. [...] O Parque está ali preservando apenas 1% desse banco de corais, não é? O que é muito pouco, porém tem a sua significância. O Parque, desde a criação dele, coordenou o turismo nessa região do arquipélago e dos corais, inicialmente com o credenciamento das embarcações e agora mais recentemente com a elaboração de um plano de uso público. E do ponto de vista da pesca também existem já várias pesquisas que comprovam a efetividade da área protegida nas populações de peixe dando então, sustentabilidade à pesca nos arredores do Parque (ambientalista, ICMBio).



FIGURA 50 – Corais e algas do fundo marinho de Abrolhos (abril/2006 – fotografia da autora).

O turismo, como pode ser comprovado pelas falas anteriores, aparece sempre relacionado aos corais e às baleias. A observação de baleias tem sido uma atração turística que movimenta a região entre julho e novembro, embora a dificuldade de acesso a Caravelas mantenha este movimento bastante limitado.

No grupo dos pescadores as opiniões quanto ao *status* de conservação desse espaço varia, tendo pescadores que veem os recifes coralíneos em decadência e creditam essa decadência a atividades locais, como à dragagem do canal do rio Caravelas e o subsequente descarte de lama e ao movimento de embarcações de turismo. Mas também é recorrente a comparação com outros locais no mundo que se mostram realmente degradados e a citação

das atividades dos ambientalistas na região, sendo nestes casos, o ambiente recifal local visto como bem preservado.

Eu acho que esses corais aí também, essa lama que eles jogam [dragagem do canal], esse lodo também, tá acabando com esses corais, beirando aí os corais do leste aí por aí tudo diferentes corais aí tá morrendo tudo. Devido a isso aí, acho que devido a essa lama, esse lodo que vai batendo entendeu e vai abrangendo esses corais aí, tá acabando tudo. [...] Eu acredito que seja os corais aí, porque o peixe, aí é a morada do peixe, né. Aquilo ali vai ficar ruim se morrer os corais como é que os peixes vão ficar? Fica difícil pra eles, né? Tem que ter esses corais, né (pescador).

Bonito! Preservado. Não muito preservado, porque têm muitos predadores, muitos mergulhadores que pescam na área dos corais e jogam ferro e quebram coral, entendeu, danifica os coral. Mas é preservado lá pelo IBAMA e tem bastante peixe ainda. Peixe bonito e... É bonito, é bom [...] Que a gente pega, a gente pesca o budião em cima dos coral e os peixe começa a subir lá em cima pra mariscar os corais, tipo o budião que comia pedra, rocha. A gente pega ele de cima do coral, andando, quando a maré seca, a gente cerca ele e pega ele lá em cima (pescador).

Ademais, os recifes coralíneos são vistos por este grupo como um local de proteção, abrigo e segurança, interpretadas em dois tipos: uma primeira quando os pescadores passam a noite no mar e amarram suas embarcações entre as formações de recifes, por ser um local onde as ondas são amenizadas, e em segundo lugar, mas não menos importante, a segurança da manutenção da atividade pesqueira, à medida que os recifes abrigam e protegem a fauna marinha.

O recife de coral representa muita coisa pra gente. Para manter a gente, né, representa até para a gente que navega, para manter a gente e para os turismo, né. Porque esse recife de coral aí, se não fosse o recife de coral tinha muito barco no fundo aí. Com os temporal que vem do sul aí, da sua terra pra cá, vem fresco, mas quando chega aqui a onda já tá mais baixo por causa dos arrecife. Se não fosse os arrecife, esses barquinho não iam agüentar. *Isso representa pra gente muita coisa, segurança.* Tem um arrecife aqui, do norte aqui, arrecife (inaudível) que é muito conhecido, onde tem um navio que foi pro fundo, um navio antigo que chama de vigilante, ele mesmo é o abrigo da gente. Quando cai um temporal, um sudoeste aí, nós fica lá, espera passar, mansinho, o recife fica seco na maré baixa, dá até pra andar (pescador) [grifo da autora].

Bem, o recife de coral, ele ficou pra *proteger os animais marinho*, né, que seriam o peixe, a tartaruga, entende, a lagosta, enfim, né, todos os aqueles animais que ele habita ali naquele coral são animais, entende, que sente proteção pelo aquele coral, é pra poder não ficarem em mar aberto, pra não ser comido pelos outros e eles têm aquela defesa ali [...] (pescador, integrante da APESCA, [grifo da autora]).

Também foi verificado desconhecimento por parte dos ribeirinhos acerca dos recifes em Abrolhos, muitos dos agentes desta comunidade nunca estiveram em alto mar, e realizam suas atividades de pesca, coleta, agricultura somente dentro da área de manguezal por entre os rios. Foi presente no discurso desses atores informações sobre o que “ouvem falar” ou que assistem na televisão. A verificação do não conhecimento dos ribeirinhos acerca dos recifes é o primeiro indício da falta de informações e noções básicas do espaço em torno do

manguezal, o que reflete mais adiante na ausência de recursos para um posicionamento diante da escolha em apoiar propostas como a COOPEX ou a RESEX.

Nos Abrolhos eu nunca fui, não conheço. Vejo falar e tinha vontade e tenho vontade assim de conhecer Abrolhos, mas só que eu nunca tive uma oportunidade de chegar até lá. [...] Eu acho que serve pra muita coisa, né, porque eu, na verdade, eu nem conheço, na verdade, eu não conheço (ribeirinho).

Dos corais eu acho muito bom, uma maravilha porque no mar eu nunca vi não, mas eu vejo, assisto na televisão, eu vejo de mais eu fico louquinha quando eu vejo essas na televisão... Puxa eu vejo cada coisa linda lá no fundo do mar, eu falo assim pôxa, tem muita coisa linda, igual a gente vê muitas coisa aqui na terra que a gente gosta né, de lá do fundo mar, poxa a gente vê cada coisa linda lá, que eu me apaixono mesmo com as coisas que eu vejo (ribeirinho).

Em relação às percepções sobre o ambiente recifal, o setor turístico poderia ser agrupado juntamente com os ambientalistas, pois explicitam suas funções ecológicas e biológicas com propriedade científica e a existência desse banco com sua fauna coralínea característica é o grande atrativo para a maior parte desses pequenos e médios empresários. Um ponto que os distingue dos ambientalistas é a necessidade em preservar este ambiente não somente pelo seu papel ecológico, mas pelo produto de venda que ele representa à medida que os turistas buscam nesta região as belezas naturais.

Olha, aqui tem uma característica, eu vim do sul e quando cheguei aqui a formação debaixo d'água é completamente diferente. Aqui você não vê pedra, você acha que é pedra e quando você a cutuca, vê que não é. Então, é tudo formação de alga calcária que se agregou aí os corais, algas, esponjas e por aí vai. E com isso está fazendo os recifes que chamam de chapeirões, que são únicos no mundo, só tem por aqui. Eu trabalho com muitos pesquisadores também, conheço os pesquisadores já pelo assunto. Esses corais do Atlântico Sul, eles são absurdamente... Como é... Eles são animais que comem muito e os corais da Austrália e de outros lugares, eles vivem muito de fotossíntese. Então, moral da história: é bem diferente dos outros. É uma formação muito estranha, bonito, está havendo muita pesquisa hoje em dia aqui, eu acho que 50% do dinheiro que eu recebo é de pesquisa, não é mais de turista. Está? E tem muita coisa, porque é uma coisa única aqui e forte aqui no sul da Bahia (setor turístico, operadora de turismo).

Eu acho que os recifes, ele tem a função, os corais, ele tem a função na cadeia alimentar de sobrevivência de tudo que está aí. A fauna, né, a fauna precisa, é ali que tem, eu entendo que ali tem um foco, tem uma concentração de alimentos interessante para a fauna. Acho que tem que ser preservado sim, acho que ele tem que ser preservado e todos envolvidos no processo de turismo aqui tem que dar uma atenção sim para esse ecossistemas, né? Manguezais, recifes (setor turístico, pousada).

Primeiro porque se eu não preservar isso vai ser a mesma coisa que eu... Assim, estar matando minha galinha dos ovos de ouro. E segundo lugar, é divulgar isso para as pessoas é muito importante. E eu vejo no meu trabalho uma chance de fazer isso daí também, né, poder passar para as pessoas, informar da importância desse nosso ecossistema aí (setor turístico, operadora de turismo).

Ao considerar a interdependência dos três ecossistemas em apreço, não seria possível excluir deste estudo as questões referentes ao manguezal e aos grupos de atores a ele

relacionados a saber: ribeirinhos do meio ambiente que ali trabalham e a empresa COOPEX (carcinicultura).

O entendimento técnico das funções e valores do ecossistema do manguezal é reconhecido pelos ambientalistas que são pesquisadores, fomentadores da conservação e especialistas em áreas que abrangem biologia da conservação e ecologia. Este conhecimento técnico é predominante no discurso deste grupo de atores quando falam deste ecossistema ou quando justificam suas posições contrárias às atividades da carcinicultura, por estes consideradas prejudiciais.

O manguezal também a gente tem aqui um dos maiores e mais importantes remanescentes manguezal do nordeste brasileiro, aqui em Caravelas e Nova Viçosa. O manguezal também, muita gente não tem muita consciência, mas ele tem uma importância também direta sobre o recife de coral, não é? Várias espécies de peixes, crustáceos e outros organismos que vivem nos corais, eles passam uma etapa do seu ciclo de vida no manguezal, portanto existe um ciclo ecológico aí entre esses dois ecossistemas. Ou mais popularmente, como os pescadores até de certa forma conhecem, ele é reconhecido como berçário da vida marinha, que eles reconhecem ali várias espécies se reproduzindo. Ele tem outras importâncias também relacionadas aos corais, como por exemplo, a retenção de sedimentos então, todos esses sedimentos que são carregados dos continentes pelos rios, eles se depositam no manguezal, que é um ambiente de baixa hidrodinâmica, facilita deposição desses sedimentos impedindo que eles cheguem até os corais, o que poderia ocasionar a morte dos corais. E tem uma importância social muito grande, muitas famílias, centenas de famílias vivem da extração de mariscos, como o sururu, a ostra e outros aqui no manguezal. E também tem a ver com esse momento, que eu te falei da chegada aqui em 2006, onde de um lado havia a proposta da criação da reserva extrativista e de outro lado havia o licenciamento de um empreendimento de carcinicultura, que é o maior proposto já no Brasil da COOPEX, que ocupa uma área de 1500 hectares aqui próximo, em parte dentro e em parte próximo a esse manguezal, o que tem um potencial de impacto ambiental gravíssimo sobre esse ambiente e conseqüentemente sobre os corais (ambientalista, ICMBio).

A pesquisa de campo revelou o conhecimento da interdependência entre os ecossistemas nos distintos grupos de atores, indicando em alguns casos uma aparente aglutinação do discurso ambientalista às demais opiniões, mas que pode ser explicada pelo fato de alguns agentes do turismo estudar e aprenderem, inclusive durante o acompanhamento do trabalho de pesquisadores, sobre os ecossistemas locais a fim de transmitir esses conhecimentos aos turistas que visitam a região. Estes conhecimentos técnicos por parte de agentes do turismo podem ser verificados no depoimento de um instrutor de mergulho, um dos atores deste setor que possuem maior interatividade com os turistas mergulhadores, pois acabam convivendo por mais de um dia nos passeio *live on board* em Abrolhos.

Está vinculado [atividade de mergulho] ao mangue que dependendo a espécie aqui é um berçário aonde os peixes deixam as suas ovas outros não, outros têm a proliferação, a fecundação, tudo a história deles no mar e tem uns que estão vinculados ao mangue. Então, é um ecossistema que está interligado a tudo, começa desde a Mata Atlântica, ainda que tudo que vai começar a desaguar nos rios para dos rios desaguar no mar. Então, é tudo um complexo só. O que a gente tenta fazer no barco [...] é de estar mostrando para as pessoas a importância do sistema recifal, do

ambiente recifal em que eles estão mergulhando. Então, a gente explica como que é a reprodução, como é a simbiose, como é o crescimento lá do coral e o que é uma bioerosão química, uma bioerosão mecânica, porque o coral cresce assim, assado, a importância da temperatura, [...] da água, do que vai acontecer com esse ambiente recifal se o pessoal começar a levar uma conchinha, começar a levar isso, levar aquilo e explicar como é que tudo funciona aqui. Por que aqui é uma unidade de conservação? Quais são as diretrizes de uma e de unidade de conservação, que a principal, que tipo além de preservar o meio ambiente é dar sustentabilidade para a comunidade local. Então, a gente tenta passar isso tudo. Então, na hora que se fala de meio ambiente, isso tudo é um complexo de várias coisas (setor turístico, instrutor de mergulho).

No discurso de outros atores, como dos ribeirinhos e pescadores tanto a importância do ecossistema de manguezal como a sua interrelação com demais ecossistemas (em especial o de recifes de corais) é demonstrada na percepção do que é vivido no cotidiano das comunidades nativas. Mesmo que alguns dos pescadores e ribeirinhos tenham incorporado parte do conhecimento transmitido por ambientalistas locais aos seus discursos, a maneira como estes atores relatam suas experiências nestes ecossistemas através das comparações entre o tempo de viagem a velocidade do barco deles e a extensão do manguezal e dos relatos de que os peixes vêm comer em suas mãos demonstra a interpretação e representação do espaço em que vivem articulando o que lhes foi explicado cientificamente com suas vivências, que refletem no conhecimento ecológico local destes ribeirinhos e pescadores.

O manguezal, ele é tudo pra nós, começa no manguezais, a vida começa no manguezais, entende, e vai terminar no mar. Se a gente não tiver um grande controle com os manguezais, um grande carinho com eles e olhar e observar bastante eles, que às vezes, as pessoas não dão muito valor, né. Mas *as pessoas que entendem que a vida marinha começa no manguezais*, entende, as pessoas ia dá mais um pouco de atenção pros manguezais. Então, o nosso manguezais tem dimensão muito grande, né, que daqui em Nova Viçosa dá, *a partir de 3 horas de viagem desses barquinho nosso pequeno é a área toda de manguezais*. Então, pela finalidade que a gente tem esse grande conhecimento é que é a preocupação da gente, de amanhã depois vim alguns predadores pra querer destruir, entende, esse paraíso ainda que a gente temos (pescador, integrante da APESCA) [grifo da autora].

Tem muita coisa de bonito lá [recifes de corais], viu, *uns peixe que são manso que vem e come assim na mão, a gente joga comida, tem os corais que são muito, muito bonito*. [...] Uma maravilha que fica ali pra sempre, pras pessoas que não conhece, quando chega lá pra vê. [...] É um lugar que criam os peixe pra sair, pra entrar pra dentro do rio. Porque se não tivesse aquilo ali, era muito ruim pra gente aqui, né, destruíam muito (ribeirinho) [grifo da autora].

Seguindo os questionamentos acerca do ecossistema de manguezal da região, começa a transparecer a polarização do embate ambiental mais recente, entre ambientalistas e grandes empresários apoiados pelo poder público local, pois a utilização do espaço pelos projetos de cada um seria exatamente a área de mangue da região, e uma prática excluiria a outra. Nesse momento aumenta a preocupação com as comunidades locais, principalmente a ribeirinha que vive da coleta da fauna de manguezal.

Para os ambientalistas a função ecológica do ambiente de mangue é bem clara e reafirma a dependência do ecossistema marinho da região e da sobrevivência das comunidades ribeirinhas à integridade da flora e fauna de mangue. Sobre tal postura, pode-se salientar como condizente a abordagem conservacionista de práticas ambientais, no sentido do termo que articula a proteção ambiental ao uso de elementos naturais:

Eu considero como um supermercado e uma maternidade da vida marinha, ela serve de abrigo materno para as (inaudível) que vem lá, depositam suas larvas aqui e ele fornece todos os nutrientes possíveis para esse crescimento sadio do indivíduo, da população em si. Vai fornecendo nutrientes e, além disso, controla também a questão de possíveis, é uma zona de amortecimento em si para possíveis impactos do meio marinho, né, como também é uma zona tampão para possíveis impactos do meio terrestre. Consegue tentar manter o equilíbrio entre a parte marinha e a parte terrestre (ambientalista, ICMBio).

Muito importante para a região, tem uma relação diretamente com as comunidades também, né e as comunidades aqui são todas ou ribeirinhas ou de pescadores nesses ambientes recifais e portanto, para mim afeta diretamente no meu trabalho, porque como eu trabalho com áreas protegidas e áreas vulneráveis então, a implementação dessas áreas passa por uma consciência da comunidade e tudo mais (ambientalista, ONG).

No discurso dos pescadores o manguezal é importante para o pescado local pelo fato de espécies marinhas saírem do mangue e tais considerações são atribuídas a um conhecimento adquirido a partir da convivência com pesquisadores e ambientalistas. Contudo, o termo *berçário*, que abrange esse conhecimento é bastante utilizado pelos pescadores, ao se referirem no que significa pra eles, como pode ser verificado no discurso abaixo. Até mesmo ambientalistas colocam o termo *berçário* como sendo popularmente conhecido pelos pescadores, indicando o conhecimento ecológico deste grupo e não a absorção de um discurso ambientalista (ver depoimento ambientalista – ICMBio – página 118).

O manguezal é, dizem os pesquisadores, já teve muito (inaudível). Tem muita desova de robalo, tem reprodução de camarão, caranguejo dá muito, siri, dali que sai para o mar. Reproduz cá, dentro dos riacho, né, naqueles cordão de rio e dali sai pro mar. Dá muito peixe. É tipo um *berçário*, pra mim é um *berçário* (pescador) [grifo da autora].

A importância na preservação do manguezal para o setor turístico se dá em parte pela necessidade em preservar os recifes de corais, e em parte por uma perspectiva de explorar o ecoturismo, através de passeios e trilhas nas ilhas de mangue e visitaçao do modo de vida dos ribeirinhos.

O ambiente de manguezal, a gente depende essencialmente dele também, porque é aqui no manguezal que a vida começa e depois migra para lá. Então, quer dizer, se eu quero mostrar os peixes para os meus mergulhadores, isso tem que ser preservados e aqui eles vão nascer e vão migrar para lá para eles poderem continuar a vida (setor turístico, operadora de turismo).

Eu acho que o mangue é de um apelo turístico muito forte. E com ele você podia [...] poderia se inserir os ribeirinhos dentro deste contexto do turismo, colocar,

qualificar essa gente, colocá-las para serem guias. [...] Os ribeirinhos hoje que vivem da pesca estão passando muita dificuldade. Eu acho que se incentivasse o turismo no mangue ía estimular um pouco a economia desses ribeirinhos (setor turístico, pousada).

Por mais do que possam representar os corais para os pescadores, o manguezal para os ribeirinhos vai além do espaço onde eles coletam os elementos que os sustentam, é o local onde eles vivem, onde nasceram e muitos passaram a vida inteira. E a preocupação da comunidade é grande por perceberem a escassez dos elementos extraídos:

O manguezal agora tá fraco [...] Tá enfraquecendo mesmo. Tá acabando tudo, não tá tendo, tão morrendo. [...] Serve pra sobreviver a cidade, né, pra gente tirar alguma coisa pra o gasto da gente, pra comer e pra vender mesmo é difícil, que agora não tá tendo (ribeirinho).

Olha, o manguezal tá um pouco abatido, na verdade, tá um pouco abatido. E nós já tivemo muita coisa, muita faltura, mas teve uma morte aí no caranguejo, né, que o caranguejo foi destruído morreu tudo zerou, não ficou nada, nada, nada. E depois do caranguejo veio pro sururu, também pro sururu... [...] A mesma época e depois do caranguejo pouco tempo, levou de 4, 5 mês, aí começou o sururu. Aí morreu o sururu tudo, morreu o caranguejo, aí ficou a gente sem saber o que fazer. É do que a gente pega pra gente se alimentar e pra gente compra as coisa que precisa pra dentro de casa, né, Aí até que Deus abençoou, né, e que agora é que tá depois do começo do ano pra cá é que a gente tá começando a colher algum pouquinho. Pouquinho também, não é faltura não, mas eu já tô vendo um jeito no mangue que eu acho que a morte do caranguejo acho que tá voltando tudo outra vez, porque a gente já tá encontrando bastante caranguejo morto, né (ribeirinho).

O fato levantado neste depoimento a respeito da mortandade do caranguejo teve mais de uma explicação de acordo com depoimentos, sendo uma devido ao veneno usado na toca de caranguejos para pegá-los, outro devido a um descarte de caranguejos envenenados e devido a atividade de carcinicultura em regiões mais ao norte. A mortalidade em massa do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) no estuário de Caravelas e Nova Viçosa foi precedida da mortalidade de caranguejo-uçá em diversas áreas do nordeste brasileiro que se propagou no sentido norte-sul. As causas diretas desta mortalidade não foram comprovadas, entretanto, sintomas verificados em caranguejos doentes foram compatíveis com sintomas de diversas doenças típicas de camarões peneádeos marinhos, o que ressalta a possibilidade desta mortalidade em massa estar diretamente ligada a atividades como a carcinicultura (SCHAEFFER-NOVELLI et al., 2004 apud SCHMIDT & OLIVEIRA, 2006).

Ainda está muito preservado, embora aconteceu há um tempo atrás um problema aqui que o povo que vive do retiro do caranguejo praticamente acabou, porque foi preso um caminhão que vinha lá de cima de Canavieiras e lá em Canavieiras tinha uma doença que estava dizimando todos caranguejos e foram soltar os caranguejos aqui no negócio, trouxeram a doença para cá. Então os caranguejos, na realidade, quase desapareceram (representante setor turístico, operadora de turismo).

Na sequencia do roteiro de estudo foi abordada a Mata Atlântica, referindo-se aí as florestas de Mata Atlântica, bem como o ambiente de restingas e/ou praias. Este último não foi incluído na análise, por ter sido de difícil questionamento ao longo das entrevistas, visto

que parte dos atores não compreendiam o que seria o ambiente de restinga e que, na tentativa de esclarecer a pergunta sem respondê-la pelo interlocutor, acabou provocando muitas respostas sobre as praias locais.

Ainda sobre a Mata Atlântica na área de estudo, a percepção consensual refletiu uma resposta ao “que sobrou dela”. Por este ecossistema estar menos presente, devido à degradação a que sofreu relatada nos capítulos iniciais desta dissertação, e às percepções dos atores compatíveis com a “quase” inexistência deste ecossistema localmente, a Mata Atlântica a partir dos atores é apresentada brevemente, destacando-se apenas alguns relatos, já que não foi verificada a mesma diversidade de significações, sentimentos e concepções a respeito das matas como para os demais ecossistemas locais.

A Mata Atlântica aqui tem muito pouco. Tem umas áreas aí, mas além da pecuária que a gente já tinha aqui na região, da agricultura, hoje em dia o eucalipto tá avançando demais sobre (inaudível) sul da Bahia, Espírito Santo (ambientalista, ONG).

Não tem mata, eu não vejo mata aqui em Caravelas, é difícil, viu? [...] Tá difícil. Tem muito eucalipto, eucalipto eu vejo um bocado (pescador, integrante da APESCA).

Aqui a parte de Mata Atlântica de tabuleiro, que é uma mata estacional, semidecidual, né, ela é muito, mas muito restrita, porque aqui é onde a população de eucalipto gosta mais, que é aquela área onde basicamente estão todas as plantações de eucalipto. Então, o que eu tenho que falar de Mata Atlântica aqui não tem (ambientalista, ICMBio).

Dentre as falas que se destacam diferindo do discurso de que as matas já não existem, inclui-se a percepção dos ribeirinhos que ainda possuem matas no interior dos manguezais, onde vivem, e que utilizam este espaço para produzir gêneros alimentícios destinados geralmente ao consumo próprio como pode ser verificado na fala abaixo, mas que em outras famílias se dividiam para o consumo e para a venda na feira semanal de Caravelas:

A mata serve pra muitas pessoas que mora aqui, né. O mato. Ele serve, porque as pessoas roça, né e toca fogo, planta o milho, planta mandioca, planta a abobra, alguns plantam um pouco de feijão também. E as vez, quando não dá mais pra vender, mas pelo menos pra comer pode também ajudar. O que eu vejo da Mata Atlântica aqui é isso e [...] não tem muita influência em outras coisa também não. [...] Só pro consumo mesmo, porque a terra que a gente tem é pouca, né, a gente não tinha essas terra, essas terrona assim pra gente fazer as coisa, pra tirar pra vender (ribeirinho).

Concluindo, pode ser verificado nesta subseção que a diversidade de atores e dos ambientes abordados reflete numa diversidade ainda maior de percepções e significações

sobre esses ecossistemas. Neste contexto, as percepções de alguns atores puderam ser organizadas e analisadas em conjunto, mas sempre buscando não diminuir a riqueza de detalhes e divergências entre as falas.

Sobressai o fato do questionamento simples sobre os ecossistemas locais evocar em muitos dos atores a percepção de um determinado ambiente já relacionado aos usos (e/ou expectativas de uso) que ele vem sofrendo.

5.2 CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DAS DIFERENTES PRÁTICAS DE USO DOS ESPAÇOS

Este espaço diverso em ambientes naturais, e mais diverso ainda nas concepções de atores com suas distintas visões de mundo, vem sendo palco de algumas disputas ambientais, que se deflagraram em mais de um momento na história recente de Caravelas, mas que permitem a observação de um conflito maior, onde se distinguem dois polos mobilizadores que legitimam suas ações no desejo de aplicar modelos de desenvolvimento divergentes nas áreas que compreendem Caravelas e o entorno do ParNaM dos Abrolhos.

Todos interlocutores foram questionados a respeito das diversas atividades desenvolvidas no espaço da área de estudo conforme pode ser verificado através do roteiro seguido nas entrevistas. Os questionamentos foram realizados separadamente e, posteriormente, as percepções dos atores foram organizadas em nós através do programa NVivo (APÊNDICE D). Entretanto, as percepções relacionadas às atividades serão apresentadas em conjunto, pois aparecem interrelacionadas no discurso dos atores. Salienta-se ainda que apesar de toda informação acumulada e codificada nas várias categorias, são discutidos aqui somente aqueles usos dos espaços que apresentaram relações com o conflito ambiental. Ainda assim, foi incluída na discussão a atividade de turismo (como está sendo desenvolvida e como perspectiva), que apesar de não se apresentar como uma das práticas mais conflituosas integra o modelo de desenvolvimento desejado por muitos atores e instituições, sendo de extrema importância para esta análise.

A primeira atividade que será apresentada na visão dos atores, com suas implicações favoráveis e prejudiciais a determinadas atividades diz respeito à presença da empresa Aracruz Celulose. Como citado anteriormente (seção 4.2.5.1 do capítulo quatro), a atividade da empresa na cidade de Caravelas vem ocorrendo desde 2002 com a construção do porto, em

Ponta de Areia. Desde então se iniciou um movimento contrário ao seu estabelecimento por parte dos pesquisadores e técnicos ligados às instituições ambientalistas. Estes, imbuídos de críticas à empresa pela própria atividade do monocultivo de eucalipto que vinha sendo realizada no sul da Bahia e norte do Espírito Santo, se opuseram à dragagem do canal, devido ao risco de aumentar a turbidez das águas do banco dos Abrolhos, prejudicando a fauna coralínea, à retirada de uma parte da vegetação de mangue e ao trajeto das barcaças, que colidiria com a rota das baleias.

Como o único entrevistado vinculado à empresa era recente no local, e considerando que a empresa tem um relatório disponível em seu próprio sítio virtual que descreve esse processo de implementação, embate e negociação com as ONGs a partir de depoimentos de funcionários, deu-se preferência ao uso das passagens contidas nesse relatório e que expressam os objetivos destes atores quando chegaram ao local, bem como a relação com as ONGs. Observa-se então a presença de um conflito desde a instalação da empresa (BOECHAT & WERNECK, s.d., p. 6).

Reunimos cerca de 400 pessoas no clube dos 40 (maior espaço de eventos da cidade) e nós fomos lá apresentar, só que tínhamos pouca informação na época. Esse foi talvez o nosso principal erro. Devíamos ter nos informado melhor antes de mostrar o projeto. [...] Eles perguntaram, por exemplo, qual seria a velocidade da barcaça e nós não sabíamos, aí alguém falou 48 nós, que é uma coisa absurda, quatro vezes a velocidade real, e as pessoas que estavam assistindo ficaram impressionadas. O que aconteceu foi que a comunidade vibrou, porque viu o terminal como uma chance de trabalho, além da possibilidade de aumentar a arrecadação de impostos. [...] Mas as ONGs caíram em cima. [...] O Instituto Baleia Jubarte, o IAPA, a Patrulha Ecológica e a Conservation International. O Instituto Baleia Jubarte jogou duro demais. Eles falavam que o projeto era inviável, que essa região era sagrada e precisava ser preservada. E nós não sabíamos ainda o que dizer. Foi quando começamos a perceber que eles também tinham poucas informações e que faltavam estudos sobre a região. Então a Aracruz se comprometeu a dar todas as respostas para as questões que fossem levantadas (Alberto Carvalho de Oliveira Filho, Gerente de Meio Ambiente e Segurança Industrial da empresa Aracruz Celulose).

Neste mesmo relatório é claramente confirmado o apoio do poder público à construção do terminal portuário através do depoimento de um vereador da época, explícito abaixo (BOECHAT & WERNECK, s.d., p. 6):

A cidade esperava uma coisa assim, para acabar com o marasmo, a morbidez. Caravelas já teve transporte de madeira, sal, café, teve porto, aeroporto, estrada de ferro, aos poucos fomos perdendo tudo. Estava fadada a ser uma cidade fantasma. A população inteira queria o terminal (Videraldo Beline Bastos, vereador de Caravelas durante a gestão 2001-2004).

Nesta fala do vereador já é possível verificar o posicionamento do poder público local, ao menos nas últimas gestões municipais, de que a cidade está condenada à decadência econômica que vem enfrentando desde o término das atividades na ferrovia Bahia-Minas, e que o seu “salvamento” seria possível somente através da chegada de grandes empresas. É

neste primeiro embate ambiental que a gestão municipal começa a perceber a atividade ambientalista como um entrave ao desenvolvimento socioeconômico local, sempre contra a entrada de *grandes empresas*, independente da atividade a exercer:

Na época de seis anos atrás quando a empresa muito grande que é a empresa Aracruz Celulose quis fazer um porto dentro de Caravelas, sete anos atrás que eu participei da primeira audiência, um porto para embarcação de madeira em Ponta de Areia, eu fui no local, eu vi o local com meus próprios olhos, eu analisei e vi o projeto da Aracruz e naquele dia e naquela época os xiitas, porque nós temos dentro de Caravelas as pessoas que defendem o meio ambiente, as pessoas equilibradas, as pessoas inteligentes, as pessoas que tem uma consciência, entendeu, totalmente equilibrada sobre o meio ambiente, sobre os manguezais e temos também xiitas, malucos, débeis, altamente débil mental mesmo, porque eu falo isso, porque eu os conheço, converso com eles e tem alguns que são tão *radicais* e *malucos* que eu converso com eles, mas sopra me divertir mesmo, poderia citar o nome de uns 10 por exemplo, que na época de 6 anos atrás da construção desse, desse terminal de embarcação da Aracruz, que o argumento maior é que a gente tiraria 100 carretas diariamente das estradas para colo... Tiraria das estradas principalmente da BR 101, pra colocar aqui, embarcar e levar madeira pra lá. Esses xiitas, que eu os conheço, são radicais, eles discutiram comigo [...] Eu tinha algum conhecimento na leitura e li os projetos da empresa Aracruz e na época eles me diziam, tentando argumentar comigo esses *ambientalistas fajutos*, totalmente fajutos, porque vem discutir comigo eu respeito o ambientalista, que eu também sou. Agora eu não respeito as pessoas radicais, porque as pessoas radicais elas terminam não tendo visão de nada, elas não lê nada, eu não posso respeitar... Eu quando fui discutir com algumas que eles disseram pra mim: “Esse terminal e esse porto da Aracruz vai trazer dragagens constantes e as dragagens vai acabar o camarão, vai acabar isso, vai acabar os peixes, vai acabar tudo” (poder público municipal).

Neste depoimento, mais urgente do que salientar o confronto entre ambientalistas e a empresa Aracruz ocorrido na época, é preciso dar atenção a percepção que a gestão pública municipal adquiriu a respeito do ambientalismo, vendo-o como *xiita*, *radical* e como falsários, através do adjetivo *fajuto*. Esta percepção do ambientalismo como entrave ao progresso, legitima os desejos do poder público municipal e o posiciona na arena de disputas em um grupo voltado ao desenvolvimento econômico relacionado ao aumento da oferta de empregos e recolhimento de impostos.

Ainda na discussão sobre a presença da empresa Aracruz, o discurso dos pescadores reafirma a audiência pública, o incentivo do poder público local e as expectativas da população de aumento na oferta de empregos que seriam de grande ajuda para esta comunidade, mas também ressalta que tais promessas não se concretizaram. Em contrapartida, destaca problemas ambientais como a dragagem do canal que descarta areia em locais de pesca, o trajeto de barcaça na rota de pescadores, danificando e extraviando redes de pesca, além do plantio de eucalipto na região que diminuiu a área destinada à agricultura de gêneros alimentícios. Estas reclamações são presentes na fala dos pescadores, mas também derivam de outros setores:

A Aracruz prejudicou [...] pelo fato da dragagem [...] no porto. [...] Nós perdemos um banco camaroneiro muito bom aqui. Porque a lama, o sedimento que tiraram todo dali foi colocado lá adiante em uma parte lá que chama-se o “bota-fora” [...] Dragam a quantidade de 200 a 300 ou mais toneladas de sedimentos. Então, aquilo é colocado lá automaticamente, lá tá um morro, uma montanha [...] de lama lá e quando dá o vento sul aquilo espalha, quando dá nordeste espalha pro sul, quando é vento sul vem pro norte então, aquilo vira uma bagunça na praia. Então, nunca mais essa praia da gente, foi realmente uma praia, entende, que manteu, manter o pescado. Porque tinha um pescado e hoje falta o pescado nessa praia (pescador, integrante da APESCA).

É verdade. Não pega uma pessoa aqui de Caravelas, já vem tudo gente de fora pra trabalhar (ribeirinho).

Todos nós sabemos aqui que o eucalipto é aquela história, que quando corta o eucalipto tem o tronco, o toco que chama-se o tronco, né? Aí o que acontece? Eles pulverizam um veneno em cima daquele toco, pra poder apodrecer o toco, entende, pra poder dali brotar os filhotes. Então, uma área que Caravelas tem bilhões de pés de eucalipto. Cada toco desse se botar meio litro de inseticida num toco desse que quando vem a chuva essa área tá toda infestada de inseticida. Pra onde é quem vai, pelo amor de Deus, essa água não vai pra dentro dos ribeiros, não vai pra dentro dos córregos? Será possível que a cabeça deles é tão burra que eles já viram que isso tá prejudicando a gente (pescador)?

Dessa falsa riqueza desenfreada dos plantadores de eucalipto. Agora só se fala em eucalipto, você só enxerga eucalipto, [...] as carretas gigantescas, você não dirige mais na... Você não tem mais segurança. Você passa, um monstro de carreta pro lado destruindo tudo que é asfalto. [...] Esse movimento de barçaça no mar, acho meio agressivo, não gosto (setor turístico, pousada).

Verifica-se desse modo uma imagem hostil, de agressividade em relação às atividades empresariais da Aracruz no setor turístico. Contudo, parte dos agentes deste grupo possuem ressalvas em relação à dragagem, que permite um acesso melhor e mais seguro às embarcações de turismo, aos benefícios advindos dos impostos pagos pelo porto e à compensação ambiental aplicada no local através de órgãos federais e não-governamentais, posições exemplificadas na fala de um representante deste setor:

Mal ou bem só melhorou, existem impostos agora arrecadados pela prefeitura. O canal que era ruim de saída que, às vezes, tínhamos problema com maré. Não temos mais por causa da dragagem. A Aracruz paga um monte de coisas para o IBAMA, guarda-parque, marinho e um monte de coisa que dizem que é por troca, não é? [...] Compensação. Então, são todas coisas boas. Se não tivesse a Aracruz, acho que o IBAMA nem estaria funcionando. Em termos de plantação e tudo, acho que eles compram normalmente coisas que eram pasto, que pasto aqui é muito ruim. [...] E o eucalipto se dá bem com água à beça. Então, eu acho que eles usaram o útil ao agradável (setor turístico, operadora de turismo).

Seguindo a linha dos grandes empreendimentos locais, outra atividade questionada foi relativa à COOPEX, ou seja, ao complexo de fazendas de camarão que seria construído em Caravelas. Este projeto foi mais recente, e seu movimento prévio a instalação, que consistiu nos estudos e relatórios de impacto ambiental, somado a compra de terras por parte dos cooperados serviu como marco para deflagração de uma “batalha” ambiental. A partir do

prelúdio da carcinicultura na região de manguezal local, ameaçando a integridade deste ecossistema vulnerável, bem como dos corais de Abrolhos, a articulação entre os ambientalistas se fortificou e acelerou o projeto de implantação de uma reserva de uso sustentável. A reserva em questão pertence à categoria das Reservas Extrativistas (Resex) e se trata da Reserva Extrativista Marinha do Cassurubá, que ficou conhecida localmente como Resex. Portanto, o conflito deflagrado se deu claramente entre COOPEX *versus* RESEX.

A argumentação dos agentes favoráveis à instalação da COOPEX é de que ela traria benefícios para a região através da oferta de empregos, diminuindo a pressão sobre a pesca que já vem se mostrando escassa, de investimentos na compra de terras e pagamentos de tributos locais, e até podendo funcionar como um incremento da produtividade aumentando a ocorrência de ostras. Estas colocações foram verificadas no poder público (presente em citações acerca do ambiente de manguezal), na própria empresa e por parte de alguns agentes do setor turístico (enquanto outros atores se mostraram muito contrários como é demonstrado nos parágrafos seguintes).

Eu acho que emprego e renda, né, emprego e renda. Onde o mundo hoje, eu não consigo entender como o mundo hoje, lá chega no estuário, você cria leis para evitar o esforço de pesca, né. Eu não consigo entender uma atividade que vai criar o negócio em cativo, vai proteger inclusive, que de alguma forma, para essa produção, esse consumo virá, né. E de alguma forma, algum estuário vai ter que fornecer para esse consumo, né. Então, se você está fomentando a atividade, vamos dizer, em cativo, eu não entendo como é que você quer me preservar, o mundo está crescendo, a população do mundo está crescendo muito e o esforço de pesca é uma coisa natural, as pessoas têm que comer, né. E como é que faz isso, como é que você desestimula uma atividade de cativo, seja disso, seja de jacaré, você tem que facilitar. Claro que tem que ter regras, mas tem que facilitar. Você não pode fazer terrorismo com a atividade, né. O mundo inteiro produz camarão (setor turístico, pousada).

Eu acho que na hora que for implantando um projeto sério como é a COOPEX, que vai vim, que vai ter uma captação de água séria, que vai ter um projeto sério, um projeto de criação de emprego, um projeto onde vai causar o mínimo de impacto e vai ser compensado, um projeto onde não vai danificar, não vai jogar resíduo, vai ter tratamento como tem na Europa, como tem no, no, nos Estados Unidos, e um projeto onde vai vender esse produto pra europeu e americano e vai dizer: “nós não ao impacto nós causamos, ao que nós fizemos”, é o mesmo raciocínio. É o mesmo projeto que tem aí no, no, no... A mesma coisa, entendeu? Se esse projeto for implantado, daqui 5, 6 anos nós vamos tá melhorando o nível de salário, o nível de pobreza de Caravelas, nós vamos tá com mil empregos e tem mais, vai tá os ambientalistas. Isso aí mesmo eu achei, mas não é... dá uma briga na justiça, dessa COOPEX juntamente com os ambientalistas, o IBAMA, porque eles tão, tem que defender o salário deles e o interesse deles cegamente (poder público local).

Olha, eu acredito que o pessoal que vive de mariscagem, tem um outro município [...] que eu não vou lembrar o nome. Tem um município onde tem uma fazenda de camarão e que lá o pessoal cultivava ostra. E a partir da fazenda de camarão, o que aconteceu? As ostras começaram a aumentar de tamanho e as pessoas começaram a reclamar, a fazer, porque eles estavam pegando a ostra e a ostra estava muito maior do que pegava antes. [...] Aí eles não sabiam o que era,

achavam que era algum remédio, alguma coisa assim. Aí foi feito um estudo nesse município e daí chegaram a conclusão de que a água da fazenda era devolvida ao estuário. E a água quando era devolvida, ela sai mais rica do que entrou com mais nutrientes e as ostras se alimentavam dessas águas, né. E aí com isso elas estavam crescendo mais rápido. Então, foi bem, o que possa ser é justamente, é benéfico para a população, inexistente a possibilidade de acabar com a ostra, não tem como ser diferente, entendeu? (setor privado, COOPEX)

Ademais, alguns desses aspectos benéficos aparecem no discurso de muitos ribeirinhos e de alguns poucos pescadores, mas de forma incerta, sem a certeza dos benefícios em potencial da carcinicultura, e com receio sobre a degradação do meio ambiente.

Até ia falar assim, às vezes, que o viveiro de camarão podia trazer muito desenvolvimento pra Caravelas, né? Mas se não for assim, se não prejudicasse, podia trazer muito, muito desenvolvimento, porque pelo que eu vejo falando aí, é muito, é muito trabalho, precisa de muita gente pra trabalhar e já ia ser um grande desenvolvimento, né, mas se não prejudicasse também (ribeirinho).

Além dos ribeirinhos que expressam dúvidas e questionamentos é preciso ressaltar que apesar de todo assédio sofrido por esta população para que tomasse partido de um dos lados, muitos representantes da comunidade local desconheciam as propostas:

Eu vou ser sincero, isso aí, eu nunca vi ninguém discutir isso aí. Eu não sei se aquilo ali é certo ou se é errado. Se pode dar algum emprego ou se não pode dar, se pode dar certo ou se não pode. Uma coisa que eu nunca vi, nunca ouvi o negócio dessa criação de camarão aqui (ribeirinho).

Perante o discurso de alguns ribeirinhos é facilmente observado os recursos organizacionais que as instituições ambientalistas possuíam a sua disposição, como o convite de representantes da comunidade ribeirinha e pesqueira a visitar empreendimentos de carcinicultura em outras áreas no nordeste brasileiro, bem como a exibição de um vídeo sobre o impacto desta atividade.

Eu vou ser sincero pra você, pelo que eu vi lá no Ceará, nós tivemos lá e a gente conhecemos, pra mim não vai prestar não, não vai prestar não. Porque você vê que sem ter esse negócio aí já tá matando tudo, o marisco, que é a nossa fonte de renda já tá... Acabando. É morrendo tudo. As coisa cada dia que passa tá diminuindo mais. E piorou se entrar aqui uma coisa dessa aqui. Agora, se fosse uma firma, uma grande firma que chegasse aí e gerasse 2 mil, 3 mil emprego, agora aí sim, aí a gente ia abraçar, porque sabemos que... E a gente ia se empregar e pelo menos o mangue, né, o rio ia descansar um pouco, porque a gente ia largar dali e ia lá pra outro serviço. Isso aí ia melhorar mais se vim, igual como ele diz que vem, mas e chegar aí e não vai gerar emprego então, pra nós não vai servir de nada, não vai ter utilidade de nada (ribeirinho).

Ainda assim, foi possível verificar indecisão sobre as atividades:

Quem foram lá, que conheceu lá, quem batia o pé em Caravelas que era ruim, chego lá e olho e falou que não, que não é o que o povo fala. Porque a tecnologia antes era muito atrasada, ma hoje não, tá muito avançada. Os tanque de primeiro era uma coisa que fazia mesmo, largava lá, ficava na beira do rio. Hoje não, hoje tem, a tecnologia avanço muito então, o pessoal tem um tratamento bom, se fizer um tanque tem que, o pessoal do Meio Ambiente tem que fiscalizar, olhar, pra ver como é que tá, como não tá, se a água é conservada, se não é e jogar aquela água pro rio. Acho que era uma renda boa, porque a metade trabalhava, né, que hoje os empregos

em Caravelas é muito difícil, não tem. O povo fica olhando e não tem no que trabalhar. Quando chegar aqui em Caravelas que cê olha, encontra 70, 80 pessoa sentada na beira do porto conversando, porque não tem nada á fazer. Se tivesse emprego, pelo menos, não vou dizer que ia empregar Caravelas toda, que é difícil, pelo menos um pouco empregava (ribeirinho).

É possível verificar que tanto a comunidade ribeirinha, quanto a comunidade pesqueira se apresentam vulneráveis quanto às decisões a serem tomadas sobre os projetos de uso dos espaços em que vivem, trabalham, e, portanto, dependem. Apesar da proposta da Resex se caracterizar por uma proposta de UC de baixo para cima, ou seja, criada a partir da demanda da própria comunidade, existem atores que desconhecem totalmente a proposta, e outros que conhecem por *ouvir falar*, mas não concebem a influencia desta UC no uso que eles fazem deste espaço.

Olha, a Reserva Extrativista de Caravelas hoje, hoje, hoje, certo, eu gostaria que ela demorasse mais um pouco a ser criada pra poder a gente tomar mais um pouco de conhecimento (pescador, integrante da APESCA).

Para os ambientalistas, a Resex de Cassurubá vem como uma garantia da manutenção não só do manguezal, como do complexo recifal de Abrolhos, mas também é possível observar um discurso que reconhece alguns erros no processo de criação da reserva a despeito de problemas surgidos na Resex Marinha de Corumbau (localizada na Costa do Descobrimento, entre os municípios de Prado e Porto Seguro).

Eu acho boa, né, pela necessidade de preservação dessa área, pela dependência que essa comunidade ribeirinha tem desses recursos, né, mas isso tem que ser bem discutido com a própria comunidade. Uma vez eu estava conversando com o [...] da CI sobre a RESEX do Corumbau e ele falou “Olha, quando a gente estava discutindo com a comunidade a criação de RESEX, o que era a RESEX, aquela coisa toda, uma falha que a gente teve foi que a gente só mostrou o lado bom”, né. E todo mundo achou que ia ser uma maravilha, que ia ser bom, que “ia preservar o peixe só para a gente que é da comunidade, os caras de fora não íam vim poder pescar”. Criaram a RESEX, fizeram isso e aí um frigorífico que tinha lá perto pegou “Então, eu não vou comprar mais peixe de vocês” e fechou. “Ah, não pode vim os outros pescadores, só vocês que vão vender, para mim não compensa” e fechou. Aí o pessoal da RESEX começou a questionar “Agora a gente tem os peixes aqui só para a gente, mas a gente não tem para quem vender”, né. [...] Então, no processo de criação da RESEX aqui com tudo que ela tem de importante para essa comunidade, tem que ser discutido isso, né, quais são os ganhos, quais são os prejuízos, o que pode acontecer em função da criação que vai beneficiar a eles, o que pode acontecer que não vai beneficiar eles. Então, eles estavam muito preocupados numa audiência que eu participei, se ia poder criar a vaca na RESEX, (inaudível) o cara falou “Olha, se você tem as suas 3, 4 vaquinhas lá na sua casa para você poder tirar o seu leite, para poder ter bezerros e abater de vez em quando, normal. Na verdade, assim o Plano de Manejo vai ser criado pelo Conselho lá da RESEX e o Conselho vai ser composto por vocês. Se vocês falarem que pode, pode, se falarem que não pode, não pode (ambientalista, ONG).

A insatisfação dos grupos entrevistados frente a administração da Prefeitura Municipal vigente na época da pesquisa, pertencente ao mesmo partido e a mesma família da gestão

anterior (2001-2004), é constante e praticamente unânime. Esta insatisfação é presente na fala de ambientalistas, pescadores, ribeirinhos e agentes do turismo quando se posicionam como cidadãos caravelenses na reivindicação de melhores serviços de educação, saúde, saneamento básico, transporte público, manutenção das vias públicas e pela falta de apoio a conservação da infraestrutura turística:

Eu acho que o trabalho da Prefeitura aqui é muito fraco, muito fraco. Não entende as demandas da cidade, falando de cidade de uma maneira geral, né, *estrutura, infra-estrutura*. Existe ainda muito desvio de dinheiro, não vou falar o que acontece, porque eu não tenho provas, acho que a gente não pode acusar ninguém. Mas assim, o que a gente sabe é o dinheiro para reforma de praça. A praça, né, não é uma das coisas principais. O principal seria dinheiro para *reformatar o porto*, para *fazer uma orla*, né. Então, cadê o dinheiro para isso se já foi liberado e não está sendo feito? Bom, acho que aqui existe um problema da comunidade (ambientalista, ONG) [grifos da autora].

Mas também não faz reunião, não trata de assunto nenhum, as poucas iniciativas que existem para fomentar o turismo aqui nessa região, como por exemplo, um guia que foi feito da Costa das Baleias no ano passado, a única Prefeitura que não participou foi Caravelas. A gente tem um dos melhores aeroportos do Brasil aqui em Caravelas, que poderia ter um impacto muito significativo em relação à visitação no Parque, ao turismo em toda região e não há demonstração de interesse da Prefeitura em correr atrás disso (ambientalista, ICMBio).

Primeiro: eu nunca fui naquela Prefeitura, não sei nem como é lá dentro. Eles em vez de trabalhar, não querem trabalhar, negócio deles deixar a cidade tudo abandonado jogado fora aí. Então, é eles pra lá e eu pra cá. [...] Aqui mesmo *não tem uma rede de esgoto*, aqui *tem muitas rua que precisa calçar* e eles não calça, entendeu? Tem muitos lugar aí que *não tem luz que eles não colocam* (pescador) [grifos da autora].

A cidade tá num abandono, como todo mundo sabe, que a cidade tá num abandono. O hospital de Caravelas que o Pronto Socorro da cidade, eu acho que tá, se não fechou, mas tá quase-quase, coisa que nunca aconteceu. *A gente chegava ali no hospital, quem tinha precisão, era médico lá pra tudo que precisasse e de uns 8 ano pra cá foi caindo, foi caindo, foi caindo e tá lá*. [...] Os funcionário tão empurrando com a barriga pra não fechar. Não sei se já fechou, eu não sei, porque tava pra fechar (ribeirinho) [grifo da autora].

A Prefeitura é nada, não sei o que é a Prefeitura. Só serve para arrecadar, que você vê o resultado da cidade? A Prefeitura interpreta obra como construção de quebra mola. O *cais da cidade* é responsabilidade da Prefeitura, está entregue às baratas. Literalmente, sabe, é tudo quebrado, tudo detonado. O hospital da cidade, agora a gente com a Associação está tentando rever isso tudo, vamos ver o que a gente faz para cobrar em nível de Ministério Público, o que é um absurdo. A gente faz Turismo, recebe turista e tem um hospital que não tem médico, não tem nada. [...] Quer dizer, então é um grande absurdo, é desanimador, mas a gente não pode cruzar os braços então, a gente vai vendo aí o que dá para fazer para poder melhorar tudo isso (setor turístico, operadora de turismo).

Não tem nenhuma utilidade em prol do Parque que possa melhorar o Turismo, que a gente não consegue ver ações, a gente não consegue enxergar nenhum tipo de ação que a Prefeitura tenha feito para estar ajudando o Parque. [...] A Prefeitura, ela tem que zelar pelo *patrimônio da cidade, pela característica de cidade, pela limpeza da cidade, pela história*, né, de não deixar... A cidade, ela foi se descaracterizando ao mesmo tempo em quem o pessoal não consegue entender,

que a cidade, ela pode evoluir de todas as formas (setor turístico, instrutor de mergulho) [grifo da autora].

A preocupação com a responsabilidade como cidadãos caravelenses e não apenas como residentes temporários pode ser conferida no grupo do ambientalismo apesar deste ser constituído predominantemente por pessoas de fora da cidade e em grande maioria provenientes de outros estados.

Transferei meu título [título eleitoral] essa semana para cá, vou começar a votar agora aqui. Agora eu não sou mais forasteira, o pessoal falou. Eu acho que é a responsabilidade também que os pesquisadores que vêm para cá, ficam às vezes, uns quatro, cinco anos sem votar. [...] Se está morando aí, tem que participar, né. Não adianta só reclamar (ambientalista, ONG).

Eu não transferei o meu título de eleitor para cá ainda, pretendo transferir agora que eu já [...] Hoje eu descubro que eu, até agora com esse negócio de ter comprado essa casa, eu descubro assim que eu vou realmente me integrar cada vez mais aqui na comunidade. Então, agora sim, eu quero transferir o meu título para cá e começar a tomar parte nesse processo eleitoral, pelo menos um mínimo assim com o meu voto. Mas são dois feitos em que eu não votaria (ambientalista, ONG).

Além disso, podem ser verificadas no discurso de ambientalistas, pescadores ligados a associações e proprietários do setor turístico reclamações em relação a falta de apoio do poder público municipal em eventos e ações locais, ao mesmo tempo em que incentiva um modelo de desenvolvimento marcado pela entrada de grandes empresas que aumentam a arrecadação de impostos dos municípios:

Ó, a Prefeitura, é melhor nem falar sobre a Prefeitura, porque Prefeitura é o último, entende. Não é a Prefeitura, que a Prefeitura não tem nada a ver, com quem está lá dentro, é quem está lá dentro, entende, quem está lá dentro ele não vale nada! [...] *A carcinicultura que ele queria trazer pra cá*, entende. Isso é ser humano? Ele não é filho de Caravelas [...] pouco importa essa merda explodir aí ou não. Porque daqui há um ano ele tá indo embora, a bomba tava aí, entende? A briga ia continuar ao correr da vida, entende e ele ia mora lá em M... Por que não leva a carcinicultura lá [...] pra terra dele? [...] Pra lá, lá que devia botar e não aqui em Caravelas (pescador, integrante da APESCA) [grifo da autora].

Então, são duas administrações que *focaram em implantação de empreendimentos grandes na cidade e deixaram o turismo de lado*, deixam muito a desejar na área de saúde, da educação (ambientalista, ONG) [grifo da autora].

Então, eu acho que a Prefeitura tem o *interesse muito próximo ao do empresariado*, vamos dizer assim. Então, *seja no contexto do eucalipto, seja no contexto da carcinicultura, seja no contexto dos empreendimentos turísticos, eles têm interesse em grandes investidores*. Eles não estão interessados em *geração de renda comunitária*. Eu vejo que as políticas públicas municipais, elas estão engatinhando frente às decisões políticas que estão sendo tomadas por questões econômicas de desenvolvimento e tudo mais. Então, a gente, eu vejo a Prefeitura, às vezes, vende uma área, não sei de que forma, mas vende uma área enorme para se fazer uma carcinicultura e apóia a transação, *apóia essa questão do desenvolvimento da carcinicultura, o estado também está fazendo isso*, vem fazendo isso e assim, sem pensar no contexto a longo prazo. Sem pensar no *contexto a longo prazo social, ambiental*, né, e empreendimento que vai trazer *recurso municipal* [...] (ambientalista, ONG) [grifo da autora].

Em termos de turismo, esse prefeito, ele mesmo já falou: “Não venham falar comigo sobre turismo. Não vou dar um centavo para turismo.” E tanto que tiveram os folders aqui que foram feitos aqui da coisa da baleias e tudo, o único que não entrou foi o município de Caravelas. Embora tenha entrado, quem pagou foram os outros municípios vizinhos e não podia ficar faltando um buraco no meio então, eles mesmos pagaram, botaram Caravelas, mas não a parte do município e isso é muito ruim (setor turístico, operadora de turismo).

No discurso dos ambientalistas é recorrente a menção a certo *coronelismo* por parte da Prefeitura, principalmente no período que perdurou o embate entre o empreendimento dos viveiros de camarão, apoiado pela Prefeitura, e as instituições ambientalistas tanto federais quanto não-governamentais:

Eu acho que é um *coronelismo moderno*, como um camarada falou, né. Por quê? Porque você existia os grandes coronéis, né e agora existem outros, antigos coronéis proprietários de terra, de grandes fazendas e agora existem os novos coronéis que são partidários políticos, né. [...] Ah, o que eu percebo são questões de favorecimento político com a própria COOPEX, eu acho que nenhuma importância junto à comunidade local, assim as comunidades ribeirinhas. [...] E ainda passa-se muito da visão de *assistencialismo*, que não é verdade. Na verdade, eles *são obrigados a fazer muitas coisas que tem que fazer, mas ainda mantém aquela estrutura bem típica de coronelismo moderno*, né. Mas eu devo confessar, pelo que eu tenho andado por aí, isso não é característica só daqui não, tem muito município que é assim, muito (ambientalista, ICMBio).

Inclusive dizem, eu não tenho certeza disso, que *o Prefeito na verdade, vê o IBAMA, o Parque, os ambientalistas aqui como opositores a ele*, certo? Então, assim a gente tem o Centro de Visitantes, uma de nossas metas aqui é que esse Centro de Visitantes até seja usado, que seja efetivamente usado pela população e principalmente, pelos professores. *Só que tem alguns professores que são retalhados a não usarem, que são tipo proibidos de virem no Centro de Visitantes. Pela Prefeitura.* Porque tem muito cargo na Prefeitura que é indicação, que é coisa de indicação. Então, alguns professores ficam com medo de estarem trazendo os seus alunos pro Centro de Visitantes pra aquilo não chocar, pra não bater de frente com a Prefeitura. Então, influencia? Influencia. Hoje tá influenciando de forma negativa o trabalho, infelizmente (ambientalista, ICMBio) [grifo da autora].

Faz parte do entendimento dos ambientalistas uma mudança na orientação da gestão municipal nas questões locais pertinentes ao meio ambiente, pois, anteriormente ao projeto de carcinicultura, a Prefeitura trabalhava em contato com as lideranças ambientalistas, que haviam inclusive auxiliado na escolha do Secretário de Meio Ambiente, mas que após o projeto teve outro andamento conforme depoimento abaixo:

É. Bom, a Prefeitura de Caravelas assim num passado recente que eu não estava aqui, mas ouvi dizer, ela chegou a ter uma pró-atividade na área ambiental, chegou a colocar um Secretário de Meio Ambiente de nível superior na área, escolhido junto com as lideranças ambientalistas do município, chegou a elaborar legislações municipais bastantes interessantes e mais restritivas que as estaduais para as áreas de mangue e de APP. E basicamente a gente vê a Prefeitura assim antes da COOPEX e depois da COOPEX, isso era antes da carcinicultura. A partir do momento que veio a proposta do projeto de carcinicultura, aí foi outra Prefeitura. Eu ouvi esse relato na Audiência Pública da COOPEX que foi no final de 2005, um pouco antes de eu chegar, onde a própria legislação municipal impedia a instalação da COOPEX e o Prefeito não sabia disso e o técnico aqui do Parque perguntou para ele na Audiência Pública, se ele tinha conhecimento da Portaria Municipal que

impedia a implantação da COOPEX e ele não tinha conhecimento pediu para ver e disse que era tranquilo, que ele revogaria e ele revogou (ambientalista, ICMBio).

Por parte das grandes empresas como a COOPEX o apoio público vindo da Prefeitura e do governo do Estado da Bahia foi essencial à compra das terras e à tentativa de implementação das fazendas de camarão, bem como já havia ocorrido poucos anos antes, a época da instalação do porto da Aracruz:

As ações da Prefeitura de Caravelas eu vejo como (inaudível) do estado. Eles não vêem que tem uma demanda muito grande (inaudível) pequeno, que para se manter no poder você tem que fazer algumas políticas de clientelismo, de assistencialismo, coisas que resolvem momentaneamente, são coisas isoladas, não resolvem como um todo. Então, a cabeça, não pensa macro, pensa... Ela é triste, infelizmente, eu achei até que daqui podia fazer um bom trabalho lá, (inaudível) melhor, né, mas, infelizmente, eu acho que não. E aqui ainda é uma região que tem muitos coronéis. Os candidatos lá agora que homologam candidatos e tem um empresário lá que (inaudível) [...] Ali e lá você tentar ver o que nós podemos melhorar, porque da forma que está não tem jeito. Se eu não trouxer gente, para lá não trouxer investimento para mim, isso não vai melhorar, vai continuar com a estrutura que está. O município vai ficar fazendo assistencialismo, o pouquinho que pode, as ONGs vão continuar mandando, é um problema a ONG, ali é um problema para qualquer prefeito. [...] As más línguas falam o seguinte, que quando a COOPEX, a Aracruz foi botar lá (inaudível) os ambientalistas não queriam de jeito nenhum, de jeito nenhum. Diz que ele chamou (inaudível) eles têm duas opções: ou a gente senta e conversa para resolver o problema da Aracruz e faz um (inaudível) ou vocês vão ter que sair daqui, porque vai ficar pequeno o município para a prefeitura e para os ambientalistas. Aí depois disso foi que resolveram o problema, entendeu? E a Aracruz conseguiu se instalar lá, porque senão não conseguia. [...] A prefeitura, na verdade, ela, digamos assim que ela nos ajudou. Ajudou muito minimamente, mas só o fato de não dar contra o projeto já ajuda. Apesar que nós não iríamos para lá em momento nenhum se tivesse contra. Se nós não tivéssemos o apoio do governo do estado, o apoio da prefeitura nós não íamos para lá, nós não somos bobos. [...] Né? De ir para lá. Então, a prefeitura ajudou, mas nesse conflito entre as ONGs, a prefeitura se colocou na estrada. Então, não se manifestou na realidade. Então, deixou acontecer. Isso foi no ano da eleição (grandes empresas, COOPEX).

O município apresenta toda uma estrutura que poderia promover o debate, a gestão compartilhada através dos Conselhos do Meio Ambiente (CONDEMA) e Conselho do Turismo (CONTUR), e permitindo o intercâmbio de opiniões, ideias, propostas, articulações de projetos e parcerias entre diferentes atores, mas, de acordo com muitos interlocutores, não tem sido efetivo. As falhas na efetividade destes órgãos se mostram em parte devido às políticas impostas pela Prefeitura local:

A Prefeitura, o principal problema da Prefeitura é trabalhar com a política antiga né, não ter uma gestão compartilhada, né. Com os setores da comunidade, né. Tem uma proposta de se trabalhar, né, mas até a gente ver a política de fato de gestão compartilhada já é muito mais difícil. A gente pega no CONDEMA aí tem ECOMAR e Instituto Baleia Jubarte só, de instituição que trabalha com o Meio Ambiente. Aí o resto é Secretaria de Obra, Secretaria de Finanças, Secretaria disso, Secretaria daquilo, Rotary Clube, etc., eles ocupam os cargos desses Conselhos que seria a sonhada gestão compartilhada com Secretários do Prefeito. Aí é difícil ter debate, ter diálogo, ter pluralidade de idéias ali, né. Na verdade, a idéia é em massa ali, é única, vem de cima para baixo e pronto (ambientalista, ONG).

Ele assumiu lá o comando do CONDEMA que é o Conselho Municipal de Meio Ambiente, revogou a Portaria e a partir de então, o CONDEMA ou não se reuniu ou quando se reuniu foi para expulsar algumas lideranças de ONGs, não é? Foi totalmente deturpado e que culminou com a saída do Secretário de Meio Ambiente, que não agüentou mais fazer o papel que ele estava fazendo e hoje em dia, eu te diria que a Prefeitura não tem prioridade nenhuma nem para o Meio Ambiente e nem para o Turismo. Uma área que está realmente, totalmente abandonada pelo poder público, a Prefeitura só teve protagonismo em relação aos grandes empreendimentos. Em relação à população tradicional, meio ambiente e turismo, não existe utilidade nenhuma para a cidade. O Conselho Municipal de Turismo foi reativado no ano passado, porque a Associação de Turismo se reativou e solicitou ao Ministério Público que a Prefeitura reativasse o CONTUR (ambientalista, ICMBio).

E, por outro lado, a lacuna entre o debate gerado nestes órgãos e as ações conjuntas que deles poderiam se originar tem origem nas divergências dentro do próprio grupo dos ambientalistas como pode ser verificado na fala de muitos destes atores:

Integração entre as instituições, articulação, ou seja, promoção. Por que não se promove um workshop aqui entre as instituições que chame o poder público regional, né. Por que não se promove já que todas elas recebem recursos de patrocínios externos, não só recursos de CNPQs e CAPES da vida, mas sim recursos de Petrobrás, de Aracruz, né, recursos de várias instituições diferentes. Quer dizer, eu acho que falta isso, falta integração em si, mas é complicado. Mas para isso as pessoas têm que deixar o seu ego um pouco de lado, né, passar a pensar em conjunto, em gestão compartilhada. Eu acho que tudo tem que ser pensado em gestão compartilhada, né, seja gestão de um Parque ou a gestão de uma RESEX ou a gestão de uma APA, aqui é uma APA. A APA é por conta da Bahia que nem regularizada está, por exemplo. Acho que a partir do momento que estiverem articuladas, aí sim, vão estar o que? Fortalecidas. Fortalecidas para que? Para poder impedir essas especulações externas. As especulações externas são quais? COOPEXs da vida, Celuloses da vida que atuem na região. Mas principalmente, melhor do que impedir é você gerar alternativa, gerar conhecimento que promova a inclusão social, acho que tem que haver muito isso. Acho que tem, a gente tem que passar, acho que isso tem que ficar bem claro, a gente tem que passar de um estágio que é identificação de cenário, ou seja, identificação de conflitos, o que está ocorrendo na região e passar para um cenário mais de proposta mitigadora, ou seja, alternativas de geração de renda, alternativas de fortalecimento, alternativa de agregar valor à região em si. Porque não adianta a gente ficar só mostrando cenário, a gente também tem que trabalhar nessa questão (ambientalismo, ICMBio).

Gerhardt (2003) recomenda valorizar a complexidade do movimento ambientalista, pois, segundo o autor, é preciso considerar as diferenças entre os próprios agentes do grupo, que possuem percepções, desejos e realizam atuações de acordo com seus recursos, cargos que ocupam, instituições a que pertencem e às suas trajetórias pessoais. Tais particularidades fazem parte de um “movimento” que localmente já reúne uma grande diversidade de instituições com histórias, origens, patrocinadores, apoiadores e pesquisadores diferentes.

Assim como foi observado pela pesquisadora ao longo de suas vivências e comprovado nas informações concernentes às instituições ligadas ao meio ambiente (ver seção 4.2.1), é frequente na argumentação dos próprios ambientalistas os desentendimentos entre essas instituições. Essa cisão se evidencia no desenvolvimento de projetos de pesquisa

muito semelhantes por ONGs diferentes, enquanto poderiam ser realizados trabalhos conjuntos, evitando desperdício financeiro e a exaustão das comunidades que se veem inquiridas repetidas vezes, sobre as mesmas questões.

Existem conflitos institucionais, que é fato então, vejo que Caravelas tem muita instituição fazendo os mesmos trabalho, vamos dizer assim [...] Isso traz um pouco de dificuldade para avançar em algumas questões. [...] Captação de recurso é uma delas [dificuldades], que eu acho que mata a charada de quase todas e aí, às vezes, as pessoas competem com o mesmo recurso, com o mesmo edital, as mesmas coisas para captação de recurso e acho que egos também, acho que tem um pouco disso, pessoalmente falando, né, não estou nem vendo institucionalmente. [...] Então, acho que tem os egos institucionais também. [...] Isso dificulta um pouco para quem está trabalhando no campo (ambientalista, ONG).

[...] a partir do momento que as instituições são integradas, elas deixam de realizar as mesmas coisas, né. [...] Uma vez eu fui na comunidade ribeirinha, fui conversar com o caboclo lá, aí ele vira para mim e fala “*Pô, mais um? Mais um do meio ambiente veio conversar?*” Ou seja, todo mundo vai lá, todas as instituições têm alguém que gosta de ir lá fazer levantamento, fazer as mesmas perguntas, fazer as mesmas atividades e ninguém chega com uma alternativa, ninguém com um resultado, [...] no aspecto sócio-econômico todo mundo faz a mesma coisa. [...] Na Educação Ambiental todo mundo faz [...] sempre as mesmas atividades. Se houvesse uma integração entre as organizações, o que aconteceria? A atividade ficaria por um grupo de pessoas, o outro grupo em vez de gastar dinheiro com as mesmas atividades vão gastar dinheiro com outras atividades (ambientalista, ICMBio) [grifo da autora].

Gerhardt (2003, p.8) destaca uma luta onde o que estaria em disputa seria delimitar “o que é legítimo em termos de práticas ambientais, o que deve ser visto (reconhecido) como *ecologicamente correto*”. Existiria um consenso entre os agentes ligados ao ambientalismo de que é preciso proteger a natureza, mas *como deve ser* a prática que levará a esta proteção ambiental seria uma verdade a ser disputada. Contudo, no quesito da proteção ambiental os ambientalistas em Caravelas foram unânimes quanto ao estabelecimento da Resex de Cassurubá como estratégia local de conservação ambiental, principalmente com a iminência da construção das fazendas de camarão da COOPEX. Este consenso aparece sutilmente na fala de alguns ambientalistas, mas enquanto ação ganhou força na união de entidades locais e mundiais do meio ambiente no movimento da Coalizão S.O.S. Abrolhos.

A Coalizão [S.O.S. Abrolhos] vai um pouco além das ONGs que estão em Caravelas. Além das ONGs que estão em Caravelas, fazem parte da Coalizão o S.O.S Mata Atlântica, o Greenpeace, ONGs de âmbito nacional que tem uma atuação aí no âmbito da Coalizão mais relacionadas, por exemplo, às campanhas de mídia, à articulação política em nível nacional, não é? Tem uma importância grande para o apoio às causas aí do Parque Nacional. Com o pessoal do Turismo também existe parceria, existem ações em conjunto, que buscam a melhoria da qualidade da segurança da parte de visitação do Parque, que a gente tem feito algumas coisas em parceria. E a nossa grande frustração é justamente não poder ter essa parceria com o poder público municipal. A gente tem o Centro de Visitantes, que é mais do que o Centro de Visitantes do Parque, ele poderia ser o Centro de Visitantes da cidade, está aqui na Praia do Pitombo, que é a principal praia aqui de Caravelas, daqui da sede, é a mais utilizada pelo pessoal de Caravelas, porque podem vir à pé e de bicicleta e a gente não tem nenhum tipo de apoio da Prefeitura para desenvolver um projeto, que seja de esporte, de cultura, de lazer ou de paisagismo, não é? Não tem

nada. Isso é frustrante, porém a gente está agora num ano eleitoral e já estamos colocando essas propostas aí para os novos candidatos para ver se a partir do ano que vem a gente consegue executar alguns projetos juntos (ambientalista, ICMBio).

É unânime a opinião dos atores sobre o aumento visível da população de baleias jubarte que freqüentam Abrolhos. Para os ambientalistas e para a maioria dos envolvidos com a atividade de turismo este aumento aparece como positivo. Na percepção dos ambientalistas é a concretização de um trabalho de conservação de muitos anos que se torna visível e possibilita a revitalização do turismo local. No entanto, já é percebido por este grupo a existência de um conflito entre os pescadores e as baleias, provocando sugestões que solucionem esta questão.

[...] o aumento da população das jubartes acaba sendo um estímulo a mais, porque agora a gente está começando a ter baleia mais próxima da costa e isso está permitindo que, além das idas à Abrolhos em que o pessoal vê baleia, estão tendo agora opções de saída pra ver baleia. Então, a pessoa que quer sair pra ver baleia, que não quer necessariamente ir pra Abrolhos ou ficar lá mergulhando, né, ela tem agora condições de fazer uma saída mais barato com orientação pra acompanhar as baleias. Se por um lado isso é bom, por outro lado a gente está começando a ter agora conflito com os pescadores, né. Então, as baleias estão cada vez mais se emaranhando cada vez mais nas redes de pesca. A pesca, que é uma pesca artesanal, que é uma pesca em que os pescadores dependem realmente da rede, dependem desse recurso pra sobrevivência e o aumento da população, essa coisa dela estar ficando cada vez mais próxima de terra está agravando esse conflito. Então, do meu ponto de vista de conservacionista, preocupado com as baleias eu penso que o aumento da população delas é ótimo, mas a gente vai ter cada vez mais conflitos e cada vez mais dificuldade de acidentes como atropelamentos, né, de colisão com as embarcações com risco pra ambas as partes (ambientalista, ONG).

Conforme Nogueira (2006), as opiniões dos pescadores artesanais quanto a presença e o aumento das baleias jubarte em Abrolhos apontam a existência de um anseio de proteção à espécie ameaçada. Entretanto, no mesmo estudo já se constatava a existência do impacto do aumento dessa população sobre a pesca, e surgia uma preocupação das comunidades pesqueiras quanto aos danos registrados sobre o seu rendimento financeiro. A diminuição do rendimento foi explicada pelas perdas e danificações de redes e outros materiais de pesca, assim como pela redução do tempo em alto-mar ao evitarem a navegação noturna, com receio de colidir com as baleias (NOGUEIRA, 2006). Da mesma forma, o presente estudo reencontrou este conflito, porém mais intensificado com o aumento sucessivo da concentração de baleias entre os meses de julho e novembro, conforme o testemunho de um pescador:

Nós gostamos da baleia, sim. A baleia é muito bunita, é isso e aquilo, mas ela tira realmente a gente do sério. Porque além de ela ser perigosa para o pescador, entende, ela leva quantidades de redes. Todo ano ela leva quantidade de redes. Já entramos já com pedido ao Instituto Baleia Jubarte, que faça pelo amor de Deus uma compensação de material que a baleia leva, que compense esse material (pescador).

Apesar do estímulo ao turismo de observação de baleias, parte do setor turístico reconhece o conflito entre a presença das baleias e os pescadores, e já demonstra sutilmente a tendência a apoiar as práticas defendidas pelo poder público local que se inclinam à perspectiva de progresso, ao expressar desconforto e impaciência com o resultado das práticas conservacionistas referentes às baleias que dificultam à navegação noturna.

Estão aumentando num nível muito absurdo. É fácil dizer isso, porque quando eu cheguei aqui eu fazia o trajeto na época boa, que seria setembro de Caravelas até Abrolhos a gente via dois, três no máximo, grupos de baleias. No máximo. Hoje em dia, na época de setembro quando a gente vai para Abrolhos, a gente via miseravelmente com dois grupos a vista o tempo todo. E os grupos que eram de dois, três, hoje em dia estão em sete, nove indivíduos no mesmo grupo então, aumentou numa quantidade muito assustadora. E isso está começando a trazer problema para os pescadores, porque as baleias passam nas redes e rasgam com os espinhéis [...] Influencia bem e no futuro talvez até mal [o aumento das jubartes]. O bem é que vêm as pessoas verem as baleias então, me traz lucro, né? Me traz trabalho. E no futuro vai trazer problemas, com certeza, porque é excesso de baleias. [...] Exemplo, eu na época de baleia, agosto, setembro e outubro eu não navego à noite. Porque as duas vezes que eu naveguei à noite, elas bateram em mim (setor turístico, operadora de turismo).

Numa outra perspectiva ainda dentro do setor turístico, alguns atores se mostram favoráveis às práticas de proteção das baleias e aos seus resultados, que beneficiam o turismo local apesar dos problemas externos que vem influenciando negativamente as atividades turísticas. Nestes atores é possível verificar um discurso permeado pela admiração ao espetáculo proporcionado por estes cetáceos.

De mais, de mais. Nossa, olha, essa última temporada não teve muitos visitantes, por causa da crise aérea, ferrou com a gente... Agora vai ser a dengue, né? Ninguém vai querer vir pro Brasil, se não resolver o problema da dengue ninguém vem. O ano passado foi a crise aérea. As pessoas que vieram, eu lembro que teve um, um eu ouvi dizer: “eu vi 30 baleias”, “vi 20 baleias”, “40 baleias”, “35 baleias” numa viagem. Você vai de manhã volta à tarde. “Vi trinta baleias”. Um show, as baleias deram um show, cada dia mais dóceis, elas mais receptivas, a impressão que dá é que elas percebem que estão sendo visitadas (setor turístico, pousada).

Ainda concordando com as práticas conservacionistas pretendidas e divulgadas pelas instituições ambientalistas é possível observar outros atores do segmento turístico, que já atuaram na lógica destas práticas e que desejam seguir através desta concepção implementando atividades de ecoturismo em espaços diferentes daqueles já explorados e incluindo as populações locais.

Tem um pedacinho bom aqui no manguezal também [de Mata Atlântica], que nos passeios que a gente, a gente tem um roteirinho, que é manguezal, vai e pára de um lado e aí faz uma trilha aqui durante 30 minutos de Mata Atlântica, enquanto isso o barco vai pelo outro lado para pegar as pessoas do outro lado. A gente tem um guia, que a gente chama de guia primário, que é um morador mesmo de lá e vai falar os nomes locais das coisas com um guia mais assim, que a gente chama de contemporâneo, que seria a pessoa que daria os nomes científicos e tal das árvores das plantas que a gente vai achando no meio do caminho, né? [...] acho que não está

sendo bem procurado [roteiro no manguezal] porque a gente ainda não divulgou bem. Na verdade, a gente enfim, depende de uma série de... Que a gente queria fazer um roteiro completo, com parada no ribeirão etc. Mas para isso antes a gente vai ter que se entrosar melhor para as pessoas terem, por exemplo, não tem banheiro nesses lugares. Então, de repente se eu levar o turista é uma coisa assim meio aventura, mas tem que ter um básico que a gente ainda não tem e a gente está procurando meios aí de fazer isso, para tornar isso aí mais factível para poder divulgar [...] (setor turístico, operadora de turismo).

Nos discursos descritos nesta seção são explicitadas as principais visões e desejos encontrados na análise das percepções dos atores, a partir dos quais emergem dois principais pacotes perceptivos entorno das práticas ambientais e do modelo de desenvolvimento local que são discutidos na seguinte subseção.

5.3 CONHECENDO OS PACOTES PERCEPTIVOS QUE DEFINEM O CONFLITO AMBIENTAL

Os pacotes perceptivos são construídos através de percepções, argumentos, discursos e articulações compartilhadas por atores que dividem uma perspectiva comum guiando suas ações.

Cabe aqui retomar a definição das percepções a partir das representações descritas por Jodelet (1997, p. 52) como “sistemas maiores de pensamento, ideológico ou culturais, a um estado de conhecimentos científicos, assim como a condição social e à esfera da experiência particular e afetiva dos indivíduos”. Ou seja, através do conjunto de fatores que incluem as ideologias, culturas, conhecimentos científicos, condição social e as experiências pessoais e afetivas dos atores, suas percepções vão expressar a definição específica acerca de determinado objeto forjada por estes indivíduos ou grupos. É o conjunto dessas definições compartilhadas que vai construir uma “visão consensual da realidade por este grupo”.

As visões de grupos diferentes podem ser opostas e conflitantes e, deste modo, as funções e a dinâmica das percepções podem determinar as ações e transformações cotidianas. A convergência destas visões emerge como um pacote de percepções, onde constarão os desejos e argumentos que, por sua vez, guiam ações de um ou mais grupos de atores sociais, que percebem e, portanto, representam de modo semelhante um mesmo fato, atividade, ou conceito.

Buscando agrupar as ideias e argumentos expressos pelos diferentes atores pode ser encontrado um binômio no modelo de desenvolvimento idealizado para os espaços de Caravelas e do banco dos Abrolhos, sendo polarizado de um lado por ambientalistas, tanto

ligados à esfera federal quanto ao terceiro setor, e alguns atores do setor turístico e, de outro, pelas últimas gestões administrativas da prefeitura local articuladas com grandes empresas e outros atores do setor turístico.

Neste contexto é preciso identificar quais grupos partilham o mesmo conceito sobre o que é *desenvolvimento*. Em uma localidade que é visada historicamente por propostas e promessas de progresso e desenvolvimento, é relevante discutir o que seus habitantes nativos entendem por desenvolvimento, bem como se apresenta o discurso dos atores que vivenciam situações onde as suas atenções são alvos de disputa.

Dando sequência a descrição das ações e percepções sociais, apresentadas no item anterior, que evidenciaram a *conservação* e o *desenvolvimento* conforme eles vêm sendo praticados e/ou observados pelos agentes através das diversas atividades abordadas, se constroem dois pacotes perceptivos em conjunto com a ilustração das percepções sociais de *conservação* e *desenvolvimento* idealizados pelos atores.

A partir desta articulação foi possível delinear dois sistemas de vontades e verdades, que foram agrupados nos seguintes pacotes perceptivos: o *pacote do progresso* e o *pacote do ecodeenvolvimento*.

5.3.1 Pacote do *progresso*

A disputa pelo projeto de uso do espaço de manguezal foi marcante no estabelecimento do conflito maior polarizado entre dois grupos: grandes empresários e poder público local *versus* ambientalistas (ONGs e ICMBio). Apesar das atividades defendidas pelo primeiro grupo serem exercidas pelas empresas, considera-se o poder público local o grupo central deste pacote. A centralidade dos atores do poder público municipal neste pacote é justificada pela presença marcante deste grupo nos dois momentos de maior embate com os ambientalistas (instalação do porto da Aracruz e da carcinicultura pela COOPEX), e pelas pretensões e incentivos ao estabelecimento de *grandes empresas* no município. É a partir das percepções dos atores da Prefeitura municipal e do setor privado correspondente às grandes empresas, juntamente com parte dos atores do setor turístico que vai se constituir o pacote perceptivo do *progresso* (QUADRO 3).

A argumentação que dá suporte as propostas veiculadas por este pacote salientam a importância da presença de grandes empresas na região e principalmente no município, pois o seu estabelecimento significa um maior aporte de impostos para os cofres públicos municipais, podendo ser convertido em benefícios locais, bem como construções de postos de saúde, escolas, melhorias nos hospitais etc. Esses argumentos foram facilmente observados no discurso dos atores do poder público local e das grandes empresas, bem como através de seu material de divulgação disponível em sítios na internet, e no discurso de parte de grupos como o dos pequenos e médios empresários do turismo.

Este discurso define uma percepção de desenvolvimento que pode ser ilustrada nas falas a seguir:

[...] eu vejo que nós temos que estar atentos para querer o desenvolvimento, para querer o progresso, sem danificar, sem causar impacto a natureza, e ainda que tenha que se trazer o desenvolvimento sustentável, causando o mínimo impacto ele tem que ter uma compensação [...] (poder público local).

Falou em desenvolvimento, eu já lembro de sustentável, porque a gente trabalha com isso e vê essa palavra está até um pouco banalizada, eu acho, não é? desenvolvimento e sustentável, justamente o ato de você desenvolver e sustentar. Não é? Então, essas duas palavras, elas podem estar ligadas, desenvolvimento é o ato de você avançar na sua questão de sobrevivência. Porque todos nós acordamos e vamos tomar um café, vamos almoçar, vamos trabalhar, vamos não sei o que e vamos procurar ter uma vida mais digna, vamos dizer assim. Isso é o que? Manter uma situação de desenvolvimento. Desenvolver é atividade, não é? Se você buscar o desenvolvimento sustentável, é você desenvolver atividades de forma que você não acabe com o seu sustento, não é (poder público local)?

Na fala anterior o termo desenvolvimento evoca a sustentabilidade. No entanto, a explicação do entendimento do representante do poder público local para desenvolvimento sustentável é visto através de uma ótica individualista e, portanto, contrária às características mais difundidas deste termo que enfatiza a preocupação com o coletivo e com as gerações futuras. Apesar da centralidade das administrações públicas de Caravelas neste pacote do progresso, é na percepção de desenvolvimento de um ator do grande empresariado que se encontra a definição-chave do termo para este pacote.

Desenvolvimento? Eu associo: geração de emprego [...] Porque para mim a questão toda é a seguinte: um homem, ele precisa de emprego, porque o homem não quer a vida toda passar trabalho, o cara quer ter dignidade, a dignidade dele é ele ir trabalhar e receber no final do mês. Então, não tem, não vejo situação que o governo possa fazer de melhor para o homem do que gerar emprego. Porque ali é que ele tem dignidade, em sair de manhã para trabalhar tranquilo e voltar. Porque até na população, a população não tem. Porque se você está desempregada é um negócio... [...] as pessoas passam a te ver de outra forma. *Parece até que a pessoa desempregada é um leproso, é um travesti*, porque há uma, a própria sociedade cobra isso. Então, eu não vejo uma outra situação. Eu que trabalho em (inaudível) escuto aqui, às vezes, porque a gente tem que trabalhar, tem que tentar, se um empresário vem para cá, gera emprego e gera renda, porque isso é tudo. Aí o cara vem e trabalha aqui e ganha dinheiro, aí daqui, ele vai compra na farmácia, compra não sei o que, compra, é o que mais (inaudível) em Caravelas, ir trabalhar ali, ia

ganhar dinheiro ali, o dinheiro ia ser investido ali no município e ele não vê. [...] Então, ali não tem desenvolvimento. [...] Se eu fechar o olho? Não, eu não posso ver outra coisa. Eu vejo atividade comercial, atividade sempre com o meio ambiente junto ou rio [...] (setor privado, COOPEX) [grifo da autora].

Na fala acima é identificado o valor simbólico do trabalho como dignificando o homem. Em contrapartida, através da comparação do *desempregado* com *leprosos* e *travestis* transparece o posicionamento excludente e depreciativo de determinados grupos sociais. Da mesma forma encontra-se no discurso de um representante do poder público municipal uma mesma idéia de exclusão social onde o ribeirinho é visto em “crise existencial”:

É uma atividade [mariscagem] que tá, tá de hoje de forma lamentável em função dessa crise que vem existindo, né, que com certeza a COOPEX não tem culpa que nem sequer foi implantada, né? Seria, pivô, seria a grande culpada, se 7 anos atrás tivesse sido implantada, mas você vê, eles vivem numa crise, uma crise realmente, é... *existencial*, quando a gente fala em *crise existencial porque a existência deles depende disso*. E você vê essa falência total aí é lamentável, mas a gente tem esperança de uma reativação, de uma renovação e de uma melhoria entendeu? De todo esse sistema aí de pesca, marisqueiro, dos ribeirinhos e tal. Porque eles dependem disso para sobreviver (poder público local) [grifo da autora].

Embora seja manifestada a necessidade de revitalização das atividades pesqueira e de mariscagem não são identificadas propostas de ação concreta, nem o esboço de políticas públicas que beneficiassem diretamente esses grupos cuja sobrevivência depende dos elementos naturais.

Dando sequência a elaboração deste pacote verifica-se que a conservação ambiental é percebida como parte do processo de desenvolvimento, mas em um plano inferior ao da arrecadação de impostos e do número de empregos oferecidos. Para os atores do pacote do progresso a conservação ambiental deve ser praticada através de compensações ambientais. Ou seja, a conservação também é beneficiada pelo estabelecimento de grandes empresas, que funcionam como suporte financeiro a execução das políticas ambientais. De certo modo, estas considerações têm validade à medida que a maioria das instituições ambientalistas locais (inclusive federais) recebe um fluxo importante de verbas para o seu funcionamento.

Ainda no aspecto da conservação, é preciso salientar a percepção social contida neste pacote acerca dos ambientalistas e das práticas que legitimam suas ações, onde este grupo é visto como um entrave ao desenvolvimento e ao progresso:

Contrário eu sou quando eles tem idéias, entendeu, defensivas e radicais que acham que tudo e qualquer coisa que vier pra Caravelas, na opinião deles não pode, independente do relatório, independente do que for, porque eles, algo, dentro deles tem algumas pessoas que não pensam assim, mas são, tem uma grande maioria que pensa e são contrárias por de todas as coisas, de qualquer forma, de qualquer maneira. Achando que eles representam de qualquer forma o não ao progresso, o não ao desenvolvimento e falam de forma realmente, na defesa própria, achando que tá defendendo o patrão. Eu sou contra essa visão, essa visão do, do não sem embasamento, apenas por uma visão radical xiita. Só sou contra isso, mas são

importante dentro de um processo, são importantes dentro da proteção ambiental, são importantes (poder público local).

Na ótica em que a conservação ambiental é precedida por uma grande empresa financiadora tem-se a seguinte percepção para *conservação*:

[...] eu vejo, por exemplo, uma empresa com bosque do lado, uma plantação de mata nativa do lado, tudo isso podendo estar junto, eu vejo dessa forma (setor privado, COOPEX).

O elemento marcante deste pacote perceptivo é a vinculação do desenvolvimento à entrada de grandes empresas na cidade relacionada a oferta de empregos. Contudo, este elemento já é observado por alguns agentes com incerteza e receio, devido ao estabelecimento da Aracruz que, apesar do discurso de promessas de elevado número de vagas a uma população com poucas oportunidades de trabalho, acabou empregando mão-de-obra especializada trazida de outras regiões.

Este fato gerou grande frustração na população local e justifica o afastamento de parte significativa de pescadores, ribeirinhos e mesmo agentes do setor turístico que anteriormente eram favoráveis a chegada de indústrias, a construção do porto, e que, não fosse o atual descontentamento e incerteza, apoiariam a vinda da carcinicultura.

Retomando os principais fatores que constituem um dos polos do conflito ambiental em questão e relacionando-os com o que esta pesquisa ousou denominar pacotes perceptivos, tem-se o quadro seguinte:

<i>Grupos que partilham de tais considerações</i>	Poder público local, grandes empresas (Aracruz e COOPEX), parte do setor turístico (alguns proprietários de operadora de mergulho e embarcações), alguns pescadores, alguns ribeirinhos.
<i>Percepção de conservação</i>	[...] Não adianta nós conservarmos só o meio ambiente e deixar o homem passando fome, a violência lá, um matando o outro. Nós temos que tentar conciliar as duas coisas. [...] Eu vejo desenvolvimento, eu vejo, por exemplo, uma empresa com bosque do lado, uma plantação de mata nativa do lado, tudo isso podendo estar junto, eu vejo dessa forma (setor privado, COOPEX). [...] Os ambientalistas radicais querem exatamente isso, é fazer mais uma reserva, é cercar tudo pra não se fazer nada, porque eles não são preocupados com o desenvolvimento sustentável, eles não são preocupado com o progresso, eles não são preocupados com pobre, eles não são preocupado com o desemprego, eles não são preocupado com quem tá passando fome, eles só são preocupado com o foco deles, que é fazer Reserva Extrativista, e se puder cercar o Brasil todo e se puder acabar com a indústria, e se puder acabar, entendeu, com o emprego de qualquer um e só eles ficar,

	entendeu, no emprego deles, dentro dos castelos deles pra eles tá bom (poder público local).
<i>Percepção de desenvolvimento</i>	Desenvolvimento eu acredito que tem que ter desenvolvimento de forma racional, ou seja, aquela história do desenvolvimento sustentável, para você tentar fazer com que haja crescimento, mas sem a degradação ambiental social, seja ela qual for (setor privado, Aracruz). Desenvolvimento? Eu associo: geração de emprego (poder público local).
<i>Desejos para uso do espaço local</i>	Construção de grandes empreendimentos como o porto de barcas da Aracruz Celulose e o de carcinicultura da COOPEX, incentivo ao estabelecimento de grandes empresas no município como, por exemplo, uma fábrica de papel higiênico que estaria por vir.
<i>Estratégias de divulgação e persuasão</i>	Reuniões com associações de pesca e bairro, divulgação de perspectivas de empregos diretos e indiretos.
<i>Utilização problemática do espaço local</i>	Implementação da Reserva Extrativista de Corumbau e da Zona de Amortecimento do ParNaM dos Abrolhos.
<i>Consequências</i>	Todas as áreas potencialmente produtivas da região sob algum tipo de restrição de uso e desapropriação de terras devido a implementação de UCs.
<i>Caracterizações/responsabilizações</i>	ONGs e IBAMA.
<i>Metáfora/imagem</i>	Progresso, COOPEX e Ambientalistas xiitas.
<i>Núcleo da questão</i>	A permanência de grandes empresas paga impostos ao município que são utilizados em políticas sociais e de infraestrutura, oferece um grande número de empregos em uma região de poucas possibilidades e de recursos naturais decrescentes e revitaliza o turismo de Caravelas trazendo alguns funcionários de fora.

QUADRO 3: Quadro resumido do pacote perceptivo do *progresso*.

Fonte: Elaborado pela autora (NOGUEIRA, 2009)

5.3.2 Pacote do *ecodesenvolvimento*

De acordo com Sachs (2007) o termo *ecodesenvolvimento* designa um tipo de desenvolvimento que insiste em soluções específicas para os problemas particulares da cada ecorregião. Para Sachs (2007, p. 64) esta busca leva em conta “dados ecológicos” e “culturais” e “as necessidades imediatas e de longo prazo” e “as propostas derivam de uma

confiança na capacidade das sociedades humanas de identificar seus próprios problemas e de apresentar soluções originais para os mesmos, ainda que se inspirando em soluções alheias”.

No levantamento das percepções sociais que forjam o pacote do *ecodesenvolvimento*, que se opõe ao do *progresso* na arena pública onde se desenvolve o conflito, são encontrados atores pertencentes à parte do setor turístico e ao grupo dos ambientalistas na sua totalidade e alguns ribeirinhos e pescadores. Ocupando o centro do debate figura em destaque o grupo dos ambientalistas, em razão da sua força de articulação e difusão local e internacional que vieram à tona através da Coalizão S.O.S. Abrolhos.

Assim como diante da lógica do progresso os ribeirinhos e os pescadores demonstram suas dúvidas e receios, o mesmo acontece diante de algumas práticas conservacionistas, como o aumento das baleias que vêm prejudicando os pescadores e a incerteza quanto às restrições de uso do espaço na implantação da Resex.

No caso de Caravelas, embora a criação da Resex apareça na fala dos ambientalistas como originalmente vinda das reivindicações populares, ao estudar as percepções destas populações, não é o que se verifica, pois muitos dos pescadores e ribeirinhos desconhecem o que é a Resex, conforme apresentado detalhadamente na seção 5.2. Este distanciamento entre Reserva Extrativista e população faz com que no rigor do termo não se possa falar em *ecodesenvolvimento*. Decidiu-se assim mesmo designar o pacote perceptivo aqui descrito como *ecodesenvolvimento*, porque os atores consideram os fatores culturais e ecológicos próprios da área de estudo como a ênfase dada à vocação de Caravelas e Abrolhos para o turismo ecológico.

A instalação da Aracruz aqui em Caravelas e agora essa tentativa de instalação da carcinicultura está vindo dentro de um modelo de desenvolvimento pra cidade que acha que a vocação da cidade é instalação de grandes empreendimentos, né. Não sei se o governo atual pensa que isso realmente é o melhor pra cidade ou se o fato é que você tendo um grande empreendimento instalado, isso gera uma arrecadação de imposto pra cidade, né, que é um... Depois vai diretamente pra mão dos governantes, né, municipal, mas eles têm estimulado esse tipo de atividade. Enquanto que a gente tem uma visão de que turismo, né, a região aqui tem uma vocação muito grande pra turismo que está sendo largada, né, Prado tem explorado bem essa questão do turismo, mas Caravelas largou isso completamente, não se estimula, não se preocupa com “Vamos tentar implementar uma linha de ônibus de Porto Seguro pra cá” ou melhorar as condições do aeroporto, que agora está fechado, né, fazer uma agenda cultural da cidade, divulgar essa agenda cultural para que as pessoas saibam que além de Abrolhos você tem a Trezena de Santo Antônio, você tem o carnaval aqui na região que em Caravelas, que é importante, tem a Festa de Iemanjá. Então, sabe, que existe a festa, que existe a procissão aqui então, assim eu acho que pro turismo deveria ser... A própria Rua do Porto que está abandonada, que um lugar maravilhoso que se poderia dar uma urbanizada nela, restaurar aquela região que é um centro histórico da cidade pra atender melhor o turista, né, a vinda do turista que geraria um aporte de recursos pra cidade, que seria mais bem distribuído dentro da população do que uma instalação de uma atividade como a Aracruz ou como uma criação de camarões ou outra atividade grande, né, que tenha um impacto maior sobre o ambiente. E dentro dessa questão a vinda das jubartes ou

o aumento da população das jubartes acaba sendo um estímulo a mais, porque agora a gente está começando a ter baleia mais próxima da costa (ambientalista, ONG).

No discurso anterior além de ser salientada a distinção entre os modelos de desenvolvimento que aparecem em Caravelas, consta a forte inter-relação entre as atividades que legitimam estes modelos através do desencadeamento de associações que partem da empresa Aracruz e chegam ao conflito entre baleias e pescadores, perpassando a riqueza cultural local vista como potencial turístico (FIGURA 51).



FIGURA 51 – Espetáculo de dança do grupo Umbandaum, apresentado na comemoração de 25 anos do ParNaM dos Abrolhos (abril/2008 – fotografia da autora).

Para os atores que compõem este pacote o conceito de desenvolvimento é relacionado mentalmente ao progresso, à poluição, à miséria, às grandes empresas. No entanto, quando questionados a respeito da influência das UCs e dos projetos de conservação no local, passam a considerar os aspectos socioeconômicos e, então, o termo desenvolvimento é citado vinculado à conservação e remetendo a uma população saudável, bem alimentada, e que consiga “vender seu peixe”. Ou seja, uma população que não dependa única e exclusivamente de políticas assistencialistas, mas que tenha acesso aos seus direitos de uso da terra e das águas e que consiga obter ganho financeiro para seu sustento através da valorização do seu pescado, cultura e modo de vida.

Nossa Senhora, você fala desenvolvimento desenfreado? Progresso? [...] Eu gostaria que fosse um desenvolvimento sustentável, não... Quando fala em desenvolvimento me assusta até a palavra, de ser aquela coisa louca, como se fosse uma corrida ao ouro, onde vêm tudo, acontece tudo, daqui a pouco tudo tá asfaltado, tudo acabado, tudo destruído, é isso que eu vejo... [...] e que eu temo, não que eu concorde, não concordo. [...] Que aqui podia continuar uma comunidade simples, onde todo mundo tivesse direito a saneamento básico, moradia, e as pessoas vivendo com melhor qualidade de vida, melhor acesso a saúde, educação, entendeu? Não falo de comunidade rica, de riqueza, eu falo de qualidade, de infraestrutura (setor turístico, pousada).

Assim como o apoio do poder público aos grandes empreendimentos marca sua visão da economia, o processo de criação da Resex, longe de julgar melhor ou pior do que o primeiro modelo de desenvolvimento descrito no *pacote do progresso*, demonstra claramente a idealização dos ambientalistas em desenvolver uma região com inclusão social, educação e formação de tomadores de decisão, conservando o ambiente como espaço físico e social, na manutenção do modo de vida das populações tradicionais dos pescadores artesanais e ribeirinhos, sobretudo através da reserva extrativista e do ecoturismo.

Bom, eu sou meio suspeito em falar, porque eu sou pró RESEX. Acho que é. Eu sou pró RESEX por um ideal muito forte assim. Eu trabalhei já em Parque Nacional, eu trabalhei em área de proteção ambiental e em estação ecológica e assim, entre as unidades, entre as categorias, diferentes categorias de unidade de conservação, eu acho que a Reserva Extrativista, ela possibilita a gente trabalhar com os usuários, de uma forma com a qual os usuários, a gente educa vamos dizer, a gente traz as informações, os usuários são os protagonistas diretos responsáveis pelos espaços, não é só a informação vinda de cima, vinda do poder público ou vinda da sociedade civil organizada e das ONGs e tudo mais, não. É diferente, eles são protagonistas diretos e eles fazem parte da tomada de decisão e aí sim, acho que é interessante, porque começa a haver uma preocupação em educá-los para isso, né. E eu me interessa justamente, especificamente esse ponto, eu acredito muito na educação para eles entenderem essa questão de cidadão, a questão política do território deles, eles terem poder de decisão no que é deles. Então, esse é o ponto, que eu acho, que eu acredito mais nessa categoria de unidade de conservação e o que me dá gás, me dá tesão, me dá gás para poder trabalhar em relação a isso tranquilo, sabendo que eu vou mudar o cenário de população tradicional, às vezes, eu estou até influenciando e negativamente ou sei lá, influenciando, tendo impacto forte no dia-a-dia deles. Mas o que mais me conforta diante disso é saber que vai ter um processo educativo nisso tudo de formação de cidadão, né, de pessoas que sempre foram marginalizadas agora fazendo parte de um processo, isso é importante, de estarem com voz e é claro, ao o processo educativo é para isso (ambientalista, ONG).

A partir dos aspectos até agora discutidos se resume o pacote perceptivo do *ecodesenvolvimento* através do quadro a seguir:

<i>Grupos que partilham de tais considerações</i>	Ambientalistas (ONGs e ICMBio), parte do setor turístico (alguns proprietários de operadoras de mergulho e embarcações e algumas pousadas), alguns pescadores e alguns ribeirinhos.
<i>Percepção de conservação</i>	A conservação eu vejo mais no sentido da sustentabilidade dos recursos e o mantimento de ecossistemas, de biomas, de unidades mais macro [...] que você entende como fatores que interferem no processo de conservação das espécies, das populações dos ecossistemas, fatores diversos, como fatores sociais, diversos fatores ambientais

	físicos e não-físicos e bióticos e tudo mais (representante ambientalista).
<i>Percepção de desenvolvimento</i>	[...] O desenvolvimento ele perpassa pelo desenvolvimento humano, pelo desenvolvimento social, qualidade na saúde, por qualidade ambiental, porque sem qualidade ambiental nós não temos qualidade de vida adequada (representante ambientalista). Desenvolvimento eu vejo o Turismo ligado a essa natureza aí. [...] Esse turismo de observação, é o que eu falei para você, eu acho que é uma coisa que através dele a gente pode divulgar e mostrar para as pessoas (representante do setor turístico, operadora de turismo).
<i>Desejos para uso do espaço local</i>	Implementação da Reserva Extrativista de Corumbau, da Zona de Amortecimento do ParNaM dos Abrolhos e desenvolvimento de ecoturismo na região.
<i>Estratégias de divulgação e persuasão</i>	Trabalhos de pesquisa e divulgação junto à comunidade, reuniões com associações de pesca e bairro, exibição de filmes persuasivos.
<i>Utilização problemática do espaço local</i>	Construção de grandes empreendimentos como o porto de barcas da Aracruz Celulose e o de carcinicultura da COOPEX, bem como projetos de grandes complexos turísticos.
<i>Consequências</i>	Degradação do manguezal e dos recifes de corais de Abrolhos; ameaça de extinção da biodiversidade marinha e do manguezal (de uma área prioritária para a conservação); destruição do modo de vida de populações tradicionais, como os ribeirinhos e pescadores artesanais que obtém seu sustento basicamente do extrativismo de mariscos e/ou da pesca.
<i>Caracterizações/responsabilizações</i>	Poder público local, COOPEX e Aracruz (em menor grau).
<i>Metáfora/imagem</i>	Resex de Cassurubá e “É tudo mentira” ¹
<i>Núcleo da questão</i>	Desenvolvimento do ecoturismo em consonância com a conservação ambiental de maneira a incluir a comunidade local, permitindo uma revitalização de um setor potencialmente rentável, e a valorização e manutenção do modo vida tradicional das populações tradicionais (ribeirinhas e pescadores artesanais).

QUADRO 4: Quadro resumido do pacote perceptivo do *ecodesenvolvimento*.

Fonte: Elaborado pela autora (NOGUEIRA, 2009)

¹ O vídeo *É tudo Mentira* foi desenvolvido com o apoio de ONGs, representantes do ICMBio em Caravelas e patrocinado por instituições internacionais, e mostra a atividade de carcinicultura em outras regiões do nordeste brasileiro, como no Ceará e no Rio grande do Norte, incluindo depoimentos da comunidade ribeirinha dessas localidades e entrevistas de pesquisadores, todos apresentando argumentos à população de Caravelas para não aceitar a carcinicultura. Retomando o que foi descrito na seção anterior, na fala de representantes da comunidade caravelense que demonstraram ter tido contato com este vídeo.

5.3.4 Distribuição dos pacotes perceptivos na arena pública

Não sendo possível colocar todos estes atores e suas reivindicações dentro de um mesmo grupo, o que significaria agrupá-los em uma mesma posição na arena de disputas, é possível esboçar a distribuição dos mesmos neste espaço virtual onde são defendidos seus ideais e anseios, e até mesmo a dúvida de escolha de um grupo por um desses polos, ou pacotes perceptivos, como são defendidos aqui (FIGURA 52).

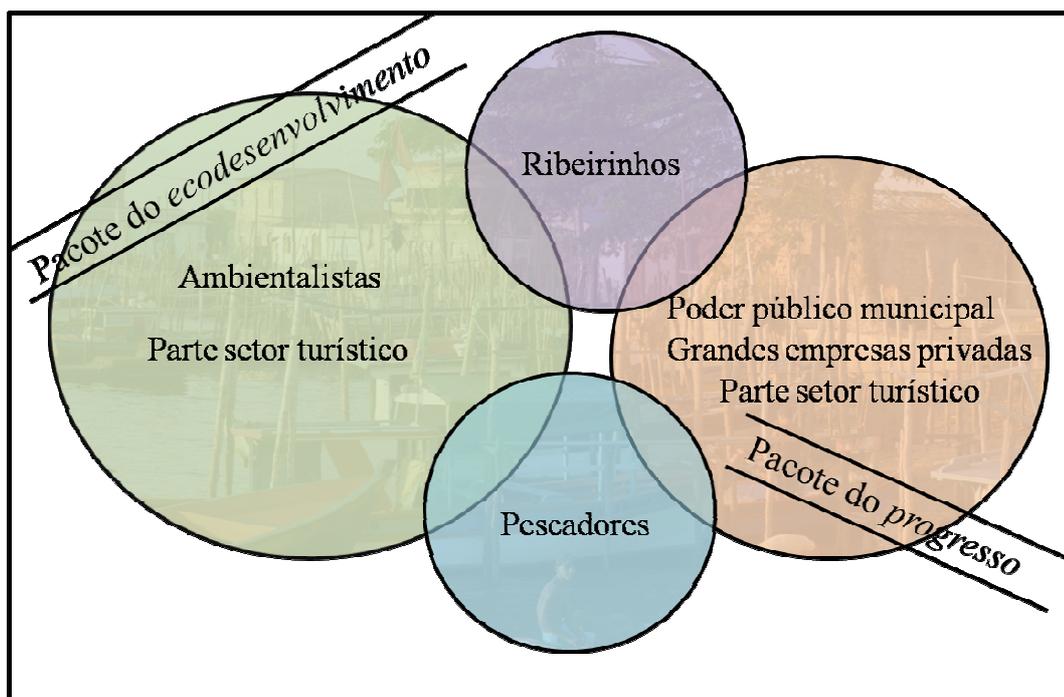


FIGURA 52 – Diagrama de distribuição esquematizando os pacotes perceptivos do *ecodesenvolvimento* e do *progresso*, com seus atores, e o modo como os grupos de ribeirinhos e pescadores se posicionam em relação aos pacotes na arena pública (fotografia da autora).

6 CONCLUSÕES

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que somos um mar de fogueirinhas.

– *O mundo é isso* – revelou. – *Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.*

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (GALEANO, 2009, p. 13).

As percepções sociais dos atores aqui divididos em grupos aportam questões importantes para a compreensão das forças que estão em jogo nos ecossistemas de Caravelas e do ParNaM dos Abrolhos e que dizem respeito à integridade deste sistema como um todo, assim como das condições de vida e trabalho das populações aí radicadas de forma permanente enquanto populações tradicionais, ou de forma temporária e/ou recente como é o caso de alguns pesquisadores ambientalistas que aí residem.

A relação dos atores com a região é de intensa ligação com o meio ambiente e adota particularidades a partir do ecossistema que os interessa seja por questões de afetividade, modo de vida ou de trabalho. Assim, percebeu-se que de cada atividade emerge um tipo de ator que passa a funcionar guiado por lógicas específicas, e que foi determinante na organização dos grupos dentro dos pacotes.

No contexto da pesquisa percebeu-se que existem modos de vida regulados pelo meio ambiente e condições sociais que dele emergem, donde se pode distinguir um universo particular que caracteriza a vida dos ribeirinhos, dos catadores, dos ambientalistas, dos pesquisadores, dos operadores do turismo, do poder público local, dos empresários, cada um com suas singularidades. A questão das singularidades encontradas em cada grupo foi valorizada enquanto entendimento da complexidade, lembrada por Fuks, que demanda a abordagem dos pacotes perceptivos utilizados aqui como uma forma modificada dos “pacotes interpretativos” de Gansom & Modigliani. Deste modo, os pacotes perceptivos, enquanto instrumento metodológico, foram construídos levando em conta as semelhanças entre determinados grupos, mas por outro lado a configuração do posicionamento conflituoso entre eles na arena pública se dá através das divergências de práticas e/ou ideais de conservação e desenvolvimento.

O enfoque deste trabalho foi centrado nas divergências destes atores na questão da utilização dos espaços pertinentes aos ecossistemas da região, discutido a partir das

percepções sociais de conservação e desenvolvimento, bem como da forma idealizada em que se apresenta no imaginário dos atores que regem suas práticas.

A partir dos objetivos propostos no presente trabalho foi constatada, ao longo da pesquisa e da análise dos dados coletados, a comprovação de parte das hipóteses formuladas previamente. Apesar da articulação e parceria estabelecida com algumas instituições e atores, como a Coalizão S.O.S. Abrolhos e o apoio do poder público local à COOPEX, outras relações foram se estabelecendo de maneira antagônica em relação às suas perspectivas de uso do espaço local.

Conforme previsto na primeira hipótese, de que os antagonismos locais refletem uma interferência negativa sobre a conservação e/ou sobre o desenvolvimento, foi verificado um aspecto positivo à medida que alguns desses antagonismos provocaram muita discussão, debate e uma maior informação das comunidades envolvidas. A informação, mesmo que parcial, de uma população vulnerável não pode ser vista como prejudicial ao desenvolvimento e a conservação ambiental dos ecossistemas utilizados por esta população.

Outro fator comprovado foi que os agentes envolvidos diretamente com a problemática ambiental (ONGs ambientalistas e o ICMBio) percebem tais questões como indispensáveis para o desenvolvimento local, e se organizam através de um pacote perceptivo regido pela lógica do ecodesenvolvimento, e que buscou adeptos ao seu modelo através de parcerias com instituições ambientais locais, nacionais e internacionais e na comunidade local (Coalizão S.O.S. Abrolhos). Os agentes locais que também integram este pacote representam o setor de turismo de observação de baleias e mergulho e alguns dos ribeirinhos e pescadores que foram contrários à carcinicultura e auxiliaram no impedimento desta atividade, mas que não chegaram a “abraçar” a ideia da Resex.

Por outro lado, os grupos da iniciativa privada, representados principalmente pela Aracruz Celulose e a COOPEX, apoiados e incentivados fortemente pelo poder público municipal, percebem o desenvolvimento em uma relação direta à oferta de empregos para a população caravelense, e concebem que a conservação dos elementos naturais pode ser realizada através de compensações ambientais que mantêm pesquisas e trabalhos conservacionistas. Assim sendo, integram o pacote do progresso, formado pelo agrupamento desses ideais, parte do setor turístico e alguns membros da comunidade pesqueira e ribeirinha, que percebem que os elementos naturais de que dependem estão se esgotando e veem a possibilidade de manter a sua sobrevivência na região somente através da oferta de empregos.

Não obstante, alguns membros do grupo dos pescadores e ribeirinhos e do restante da população esboçaram fortemente suas dúvidas e receios tanto quanto ao estabelecimento de

uma Unidade de Conservação na área em que vivem e da qual dependem diretamente, quanto a promessas de emprego, que em uma primeira proposta trazida pela Aracruz já não havia sido concretizada.

Em se tratando das questões de exploração do meio ambiente pelos habitantes da região enquanto atividade econômica cabe apontar que a questão da desigualdade social aparece como a pobreza dos pescadores e ribeirinhos. A vulnerabilidade social recai sobre aqueles cuja propriedade principal é o mar, o manguezal e seus produtos, quando comparados com outros que contam com suportes concretos como a propriedade privada (proprietários de pousadas, operadoras de turismo), ou mesmo com o apoio do estado ou do terceiro setor (pesquisadores e funcionários de ONGs e ICMBio). Diante da natureza todos são iguais, uma vez que o mar é de todos, mas a forma pela qual extraem o seu sustento depende da existência de condições concretas que ampliem as possibilidades de obtenção de melhores condições de vida.

Portanto, a riqueza de atividades das instituições ambientalistas, que chegam a partilhar e até mesmo disputar objetos de estudo, as vontades de implementação e revalorização do ecoturismo local, as reivindicações de pescadores quanto ao aumento das baleias e a possibilidade de construção de novos empreendimentos industriais tornam complexo e expandem os limites deste conflito, onde estão jogo as práticas de conservação e desenvolvimento que vão prevalecer determinando o futuro da região.

Desta forma a configuração aqui desenvolvida pode servir de raiz para futuros trabalhos intervencionistas que tenham como objetivo primeiro o desenvolvimento de programas que possam quebrar a lógica que alia vulnerabilidade social com problemas ambientais. Caravelas, pela diversidade de sistemas ambientais e pela convergência (e até mesmo divergência) de diversas ONGs voltadas para a conservação do meio ambiente, se apresenta como o palco propício para a integração de conservação e desenvolvimento, com propostas possíveis de romper com a lógica da exclusão através de programas que atendam às regras de um desenvolvimento socioeconômico inclusivo e não exclusivo do interesse de poucos que resolvem problemas ambientais através de pagamentos. Apontar o conflito pode ser um primeiro esforço na tentativa de integrar os dois polos mobilizadores que legitimam ações que implicam em executar modelos de desenvolvimento divergentes nas áreas que compreendem Caravelas e o entorno do ParNaM dos Abrolhos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areias, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– *Me ajuda a olhar!* (GALEANO, 2009, p. 15)

Na época da graduação a ideia que me impulsionava era realizar um trabalho interventivo de forma que fosse possível incluir os pescadores no setor de turismo de observação de baleias durante o período em que eles não conseguiam pescar. Realmente, tratou-se de um desafio para alguém que vinha de uma trajetória acadêmica conectada à conservação ambiental no terceiro setor e que pretendia implementar uma atividade turística a partir de embarcações de pescadores artesanais. Um desafio de se manter imparcial dentro das possibilidades e limites, e intervir o mínimo possível no seu objeto de estudo.

Apesar destas tentativas acredito que esta pesquisa tenha demonstrado meu ponto de vista exatamente no momento em que ela cumpre seu objetivo principal, de descrever um cenário de conflitos a partir dos seus personagens, ou seja, de descrever uma realidade não somente através de artigos e mais artigos científicos, mas de relatar uma realidade enfatizando como ela é percebida, sentida, vivida através de instrumentos científicos menos usuais (apesar de crescente) na carreira dos biólogos.

Ao aplicar meus dados de entrevistas, recolhendo os nós da imbricada rede de percepções sociais que aparecem nos relatos, por meio do programa NVivo, fico perplexa e sinto dificuldade em dar conta de tal complexidade, mas ao mesmo tempo provocada pela apaixonante diversidade ambiental e social. Assim opto por realizar um recorte que exclui alguns nós, evidenciando aqueles referentes ao conflito ambiental.

A pequena história de Galeano acima citada ilustra o impacto do menino Diego diante da percepção da imensidão do mar, um impacto estético e emoção forte que o emudece, desorganiza, e o faz pedir ajuda para olhar. Recorro a este pequeno conto, pois, assim como o menino Diego, percebi o contexto de Caravelas e do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos como um mar que me impacta e instiga. Um mar na sua significação literal e técnica, que envolve uma gama de ambientes e componentes, recifes de corais, algas, peixes, baleias, pescadores, pesquisadores, mas principalmente pela sua imensidão e beleza de panorama variado para quem viaja nele, seja sobre a superfície ou mergulhando em suas águas.

Navegar pelas ondas ou mergulhar nas profundezas deste “mar” se faz necessário o uso de equipamentos mais sólidos. Deste modo este trabalho não se esgota aqui, restando para outro momento, a possibilidade de poder atar os nós que ficaram soltos nesta rede de percepções, trazidas a tona nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. Apresentação. In: ZHOURI, Andrea; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice B. **A insustentável leveza da política ambiental**: Desenvolvimento e conflitos socioambientais. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005, 287p.
- ACSELRAD, Henri. **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2004. 294 p.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNADJER, F. G. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998.
- ANDRADE, Ana Cláudia da S. & DOMINGUEZ, José Maria L. Informações geológico-geomorfológicas como subsídios a análise ambiental: o exemplo da planície costeira de Caravelas – Bahia. **Boletim Paranaense de Geociências**, n.51, 2002, p.9-17.
- ANDRIOLO, A. et al. **Monitoring Humpback Whale (Megaptera Novaeangliae) Population in The Brazilian Breeding Ground, 2002 to 2005**. Paper SC/58/SH15 apresentado à International Whaling Commission, 2006.
- ARRUDA, A. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. In: SPINK, M.J.P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BACKES P. & IRGANG B.. 2004. **Mata Atlântica**. As árvores e a paisagem. Porto Alegre, Ed. Paisagem do Sul. 396pp, 2004.
- BAIRD, R.W. **Update COSEWIC status report on the humpback whale Megaptera novaeangliae in Canada**. In: COSEWIC assessment and update status report on the humpback whale Megaptera novaeangliae in Canada. Committee on the Status of Endangered Wildlife in Canada, Ottawa, 2003, 25 p.
- BASTIDA, R.; RODRÍGUEZ, D. **Marine Mammals of Patagonia and Antartica**. 1º ed. Buenos Aires: Vazques **Mazzini**, 2005, 208 p.
- BEGON, Michael; TOWNSEND, Colin R. & HARPER, John L. **Ecologia**: de indivíduos a ecossistemas. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora: 2007.
- BOECHAT, Cláudio B.; WERNECK, Nísia A **Aracruz Celulose e a construção do Terminal Marítimo de Navios-Barcaça Luciano Villas Boas Machado**. Fundação Dom Cabral: Desenvolvimento de Executivos e Empresas. s.d. Relatório.
- BRASIL. Lei 9.98, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 jul. 2000
- CASTRO, Clóvis B. **Recifes de Corais**. Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. Relatório.

CLAPHAM P. J. et al. Composition and dynamics of humpback whale competitive groups in the West Indies. **Behavior** 122: 182-194, 1992.

CLAPHAM, P.J. Social organization of humpback whales on a North Atlantic feeding ground. **Symposia of the Zoological Society of London**, 66: 131-145, 1993.

CLAPHAM, P. J. & MEAD, J. G. *Megaptera novaeangliae*. **Mammalian Species** 604: 1-9, 1999.

CLAPHAM, P. J., YOUNG, S. B., BROWNELL JR., R.L. Baleenwhales: conservation issues and the status of the most endangered populations. **Mammal Rev.** 29 (1): 35-60, 1999.

CLAPHAM, P. J. The Humpback Whale. *In*: MANN, J.; CONNOR, R.; TYACK, P. and WHITEHEAD, H. **Cetacean Societies: Field Studies of Dolphins and Whales**. Chicago: The University of Chicago Press., 2000.

CLOTET, Joaquim; GOLDIM, José Roberto (org.); FRANCISCONI, Carlos Fernando. **Consentimento Informado e a sua prática na assistência e pesquisa no Brasil**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2000.

CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise quantitativa de dados. *In*: NEVES, C. E. B. & CORRÊA, M. B. (orgs.) **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Cadernos de Sociologia/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.9, Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.

CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982. 839 p.

CYPRIANO-SOUZA A. L., et al. Microsatellite genetic characterization of the humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) breeding ground off Brazil (Breeding Stock A). **Journal of Heredity**, no prelo.

DARWIN, Charles **O diário do Beagle**. Curitiba: Editora UFPR, 2006, 524p.

DAWBIN, W. The seasonal migratory cycle of the humpback whale. *In*: **Whales, Dolphins and Porpoises**. (ed. Norris KS), Berkeley: University of California Press, 1966.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Ed. Hucitec NUPAUB/CEB, 2004. 169 p.

ENGEL, M. H. Comportamento reprodutivo da baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) em Abrolhos. *In*: **Encontro Anual de Etologia**, 14, 1996, Uberlândia, MG. Anais de Etologia. Uberlândia: Sociedade Brasileira de Etologia, 1996, 275-284.

FERREIRA, Leila da C. et al. Environmental Issues, Interdisciplinarity, Social Theory and Intellectual Production in Latin America. **Ambiente & Sociedade**, 9 (2), jul./dez. 2006, 16p.

FREITAS, A.C. et al. Abundance of humpback whales on the Abrolhos Bank wintering ground, Brazil. **Journal of Cetacean Research Manage** 3: 225-230, 2004.

FUKS, Mario. **Conflitos ambientais no Rio de Janeiro: ações e debates nas arenas públicas.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001. 243 p.

GALEANO, Eduardo **O livro dos Abraços.** 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009, 272p.

GHERARDT, Cleyton **Meio ambiente e novas ruralidades: buscando novas sínteses através de um exercício comparativo.** Trabalho apresentado como requisito na disciplina Teoria sobre as Sociedades Contemporâneas. Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, jul./2003, 14p.

GIESBRECHT, R. M **Estações Ferroviárias do Brasil.** Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/baiminas/bahia-minas.htm> Acesso em: 22 de novembro de 2006.

GOLDIM, José Roberto. Bioética: Origens e complexidade **Rev. HCPA**, 26(2): 86-92, 2006.
GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

HANNIGAN, John A. **Sociologia Ambiental: A formação de uma perspectiva social.** Lisboa: Piaget, 1997.

HETZEL, B.; LODI, L. **Baleias, Botos e Golfinhos. Guia de Identificação para o Brasil.** RJ: Nova Fronteira, 1993.

HILGARTNER, Stephen; BOSK, Charles Ascensão e Queda dos Problemas Sociais: um modelo de Arenas Públicas. Tradução livre realizada por Lino Moura (2001). **American Journal of Sociology**, 94(1): 53-78, 1988.

IBAMA. **Mamíferos Aquáticos do Brasil: Plano de Ação**, versão II. 2ª ed. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2001, 102p.

IBAMA/FUNATURA. **Plano de manejo: Parque Nacional Marinho dos Abrolhos**, BRASÍLIA, 1991.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos Municípios Brasileiros – Meio Ambiente, 2002. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/munic_meio_ambiente_2002/main.php?codmun=290690&descricao=Caravelas Acesso em: 7 de julho de 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, 2004. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=497 Acesso em: 7 de julho de 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 13 de junho de 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapa político do estado da Bahia. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge/pol_estaduais.php Acessado em: 7 de julho de 2009.

IUCN, 2008. 2008 **IUCN Red List of Threatened Species**. Disponível em: www.iucnredlist.org Acesso em: 4 de maio de 2009.

JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

KATONA, S. K.; WHITEHEAD, H. Identifying humpback whales using their natural markings. **Polar Record**, 20: 439-444, 1981.

LAGES, P. **As Capitanias Hereditárias e a saga dos descobridores**. Disponível em: <http://www.geocities.com/capitanias/principal.htm> Acesso em 21 de novembro de 2006, 2000.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001. 552 p.

LEÃO, Z. M. A. N. Abrolhos, BA: O complexo recifal mais extenso do Oceano Atlântico Sul. In: Schobbenhaus, C. Campos, D.A.; Queiroz, E.T.; Winge, M.; Berbert-Born, M. (edit.). **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: DNPM/CPRM/SIGEP, 1999.

LECHTE, John 50 pensadores contemporâneos essenciais. Madri: Ediciones Cátedra S.A., 1996, 315 p.

LEWINSOHN, Thomas Michael & PRADO, Paulo Inácio. **Biodiversidade brasileira: síntese do estado atual do conhecimento**. Editora Contexto, 2002, 176 p.

MAGALHÃES, Marcelo E. S. **de Cultivo do camarão marinho *Litopennaeus vannamei* (Boone, 1931) em sistema multifásico**. Dissertação (Mestrado em Recursos Pesqueiros e Aquicultura), Departamento de Pesca, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2004.

MARCACCI, Fernanda Abreu. **Instituições ambientalistas – Um olhar nativo**. Monografia de Pós – Graduação. Teixeira de Freitas: Faculdade do Sul da Bahia, NUPPE, 2006, 64p.

MARTINS, C. C. A.; et al. Aspects of habitat use patterns of humpback whales in the Abrolhos Bank, Brazil, breeding ground. **Memoirs of the Queensland Museum** 47 (2): 563-570, 2001.

MÁS-ROSA, S., et al. **Dados preliminares sobre a reocupação de uma antiga área de reprodução de baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) no litoral norte do estado da Bahia, Brasil**. Reunion de Trabajo de Especialistas en Mamíferos Acuáticos de America del Sur, 10, Congresso de la Sociedad Latinoamericana de Especialistas en Mamíferos Acuáticos - SOLAMAC, 4, 2002, Valdivia, Chile, p. 103, 2002.

McMCLANAHAN, T.R. et al. Interaction between nutrients and herbivory in controlling algal communities and coral condition on Glover's Reef, Belize. **Marine Ecology Progress Series** 261: 135-147, 2003.

MITTERMEIER, Russel A. et al. **Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions**. Cidade do México: CEMEX, 2004. 390 p.
MMA, Ministério do Meio Ambiente. **Convenção sobre diversidade biológica**. Série Biodiversidade n.1, Brasília, 2000.

MORELATTO, L. Patrícia C.; HADDAD, Célio F. B. Introduction: The Brazilian Atlantic Forest. **Biotropica** 42 (4b): 786-792, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

NICOLAU, Omar Souza. **Ambientalismo e carcinicultura: disputas de “verdades” e conflito no extremo sul da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NOBRE DE MELO, A. L. **Psiquiatria: Psicologia geral e Psicopatologia**. v. I. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo, 1970. 585 p.

NOGUEIRA, Fernanda S. de **Etnoecologia e investigação do impacto de redes de pesca sobre a população de baleias jubarte (*Megaptera novaeangliae*, Balaenopteridae) do Banco dos Abrolhos (BA, Brasil)** Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006

PRIMACK, R. B. & RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina (PR): Ed. Planta, 2001. 327p.

RALILE, B. P.; SOUZA, C. B. & SOUZA, S. F. **Relatos históricos de Caravelas: (Desde o século XVI)**. Caravelas (BA): Fundação Professor Benedito Ralile, 2006. 191p.

RANAURO, Márcio Lima. **Levantamento socioeconômico e cultural da área proposta para a criação da Unidade de Conservação de Uso Sustentável do Cassurubá e de seu entorno**. Relatório para embasamento do pedido de criação da Unidade de Conservação (UC) de Usos Sustentável da *Ilha do Cassurubá*. IBAMA/CEPENE, IBAMA/DIREC/ParNaM DOS Abrolhos, CI – Brasil – Conservação Internacional, Caravelas, 2004.

RIBEIRO, João U. **Viva o povo brasileiro** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2007, 639p.

RIBEIRO, Milton Cezar, et al. **The Brazilian Atlantic Forest: How Much is Left, and How is the Remaining Forest Distributed? Implications for Conservation**. Biological Conservation, 142, 2009, 1141-1153 p.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza** 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, 503p.

RODRIGUES, Sérgio de Almeida. **O manguezal e a sua fauna**. Artigos de livre acesso CEBIMAR. Acesso em 7 de maio de 2009. <http://www.usp.br/cbm/index.php/artigos-acesso-livre/76-o-manguezal-e-a-sua-fauna.html>

SACHS, Ignacy. VIEIRA, Paulo F. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007, 472p.

S.O.S. Mata Atlântica, INPE. **Evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados do domínio da Mata Atlântica**. Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São Paulo, Brasil, 1993.

SEIXAS, Luana; PEDROSO, Leila. Redução das Capturas Incidentais de Tartarugas Marinhas no Banco dos Abrolhos. Relatório Final. Caravelas (BA): Parceria CBC/CI-Brasil-FY04, 2005.

SCHMIDT, Anders J. & OLIVEIRA, Maurício A. de Plano de Ação para o Caranguejo-uçá em Canavieiras. Canavieiras (BA): Projeto ALMA-ECOTUBA/Critical Ecosystem Partnership Fund, 2006.

SILVA, Carlos A. R. Manguezal: Ecossistema egoísta ou benevolente? **Ciência Hoje**: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo, vol. 20, n. 120 (maio/1996), p. 6-11.

SPINK, M. J. P. Estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, M.J.P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STEVICK, P.T.; et. al. **Movement of a humpback whale from Abrolhos Bank, Brazil to South Georgia (Antartic Area II)**. Paper SC/57/SH1 apresentado à International Whaling Committee, 2005.

TONNESSEN, J.N. & JOHNSEN, A.O. **The History of Modern Whaling**. University of California Press, Berkeley. 1982.

VILLAÇA, Roberto. Recifes Biológicos. In: CRESPO PEREIRA, Renato; SOARES-GOMES, Abílio (Org.). **Biologia marinha**, Rio de Janeiro: Interciência, 2002. p. 229-248.

WEINRICH, M.T et al. The influence of maternal lineages on social affiliations among humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) on their feeding grounds in the southern Gulf of Maine. **Journal of Heredity**, 97, 226-234, 2006.

ZERBINI, A. N. et al. Satellite-monitored movements whales *Megaptera novaeangliae* in the Southwest Atlantic Ocean. **Mar Ecol Prog Ser** Vol. 313: 295-304, 2006.

ZERBINI, A. N., et al. Winter distribution and abundance of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) off Northeastern Brazil. **J. Cetacean Res. Manage** 6 (1): 101-107, 2004.

CARDOSO, Denis **Recursos Naturais, Unidades de Conservação e Conflitos Socioambientais: estudo de caso da Reserva Biológica da Mata Escura no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CARDOSO, Patrícia M. **Conflitos socioambientais em áreas protegidas: interesses e estratégias nas disputas pela legitimidade na redefinição do Parque Estadual Delta do Jacuí-RS.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FLEURY, Lorena C. **Cerrado para ser o quê? Representações sociais e conflitos ambientais em torno do Parque Nacional das Emas, Goiás.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o trabalho científico.** 15º ed. Porto Alegre: [S.ed], 2009.

IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Plano de Uso Público para o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos.** Brasília, MMA, Ministério do Meio Ambiente, 2003.

LANE, Silvia T. M. Uso e abusos do conceito de Representação Social. In: SPINK, MARY JANE P. **O Conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social, 1ª ed., São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1993.

MELLO, Cecília C. do A. & NICOLAU, Omar de S. **Considerações em torno de dois processos de reordenação territorial em área de manguezal no extremo sul baiano.** GT23: Sociedade e Ambiente. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, 2007.

SOUZA, Juliane M. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa Ecocitrus – Vale do Caí, RS.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas

LOCAL, DATA

Bloco 1 - Trajetória social e profissional

- Identificação, idade
- Onde nasceu?
- Onde reside? Há quanto tempo mora no local?
- É casado? Tem filhos? Quantos?
- Escolaridade, formação profissional
- Está vinculado a alguma instituição (associação, empresa, ONG, setor público)? Com o que trabalha? Que atividades desempenha? Desde quando? Como iniciou este trabalho? Já trabalhou ou trabalha em outra coisa?
- Está satisfeito com sua situação profissional e financeira? O ganho do trabalho é suficiente para as suas necessidades (da família)?

Bloco 2 – Objetos de disputa (interesses, perspectivas, uso, elementos em disputa)

- Como define as seguintes paisagens naturais (ecossistemas) locais? Quais suas funções e/ou utilidades? Estes ecossistemas estão envolvidos na sua atividade de trabalho? Como? E no restante do tempo, no lazer, com a família?
 - Ambiente recifal
 - Manguezal
 - Praias
 - Mata Atlântica
- Gostaria de morar em outro lugar? Como vê a situação do seu trabalho aqui? Quais as dificuldades e facilidades que encontra na sua atividade?
- Como percebe as seguintes atividades desenvolvidas em Caravelas? O que representa os avanços destas atividades para Caravelas no futuro próximo? Acha que influenciam seu trabalho? E a sua qualidade de vida? Como? (Identificar a existência de conflitos entre as atividades e a do entrevistado.)
- O que acha das ações destes setores? (Pergunta relacionada ao Bloco 4 - Ações)
 - Aracruz Celulose (plantio e trajeto de barcaças)
 - Concentração de baleias jubarte
 - COOPEX
 - Mergulho (pesca esportiva e de contemplação)
 - ONGs
 - Conservação Internacional (CI)
 - Instituto Baleia Jubarte/Projeto Baleia Jubarte
 - CEPEMAR
 - ParNaM dos Abrolhos – ex-IBAMA (ICMBio)
 - Pescadores
 - Prefeitura Municipal de Caravelas
 - Projeto Manguezal – ex-IBAMA (ICMBio)
 - Ribeirinhos
 - Turismo

Bloco 3 – Argumentos (discurso, como constroem os argumentos, percepções)

- Quando eu falo a palavra CONSERVAÇÃO, o que vem na sua cabeça? Com o que você associa?
- E quando falo a palavra DESENVOLVIMENTO?
- Acha que as paisagens naturais de Caravelas são bem **conservadas**?
- Acha que Caravelas é **desenvolvida**?
- Que atividades, dentre as que falamos acima acha que estão envolvidas com a **conservação** em Caravelas? E a sua está? Como?
- E quais acha que trazem **desenvolvimento**? E a sua? Como?
- Você conhece o ParNaM dos Abrolhos? Como o define? E a proposta de criação da Resex do Cassurubá? O que acha disso?
- O que pensa sobre o futuro do seu trabalho em Caravelas? Como será para seus filhos ou seus sucessores?

Bloco 4 – Ações (defensivas, ofensivas, relacionadas ao conflito)

- Já participou de alguma atividade, debate, grupo, associação, projeto relacionado a alguns dos setores que conversamos antes? Quais? Como foi (foram)?
- Como se dá sua relação com esses setores hoje? Essa(s) relação(ões) trazem benefícios para sua atividade (ou do seu grupo)? E dificuldades?
- Acredita que a união com algum destes setores, ou entre eles poderia trazer benefícios ou dificuldades para o futuro da sua atividade? E para a conservação ambiental? E para o desenvolvimento em Caravelas?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS A ALGUNS SETORESRoteiro Entrevista donos de embarcações:

- Quantas embarcações possui e para quantas pessoas? Com que frequência realiza viagens a Abrolhos? Quantos turistas são levados até lá por mês? Em que meses a procura é maior? Qual o valor da diária no passeio? Como vê o perfil dos turistas que procuram Abrolhos?

Roteiro Entrevista donos de pousadas:

- Quantas acomodações possui na sua pousada? Quantas pessoas hospeda por mês? Em que meses a procura é maior? Qual o valor da diária em baixa e alta temporada? Como vê o perfil dos hóspedes que procuram sua pousada (turistas, trabalhadores, pesquisadores)?

Roteiro Entrevista Aracruz Celulose, COOPEX:

- Que cargo ocupa e que atividades exerce na empresa? Tem contato com a população local? A empresa tem contato com a população local? Como se dá este contato?

- Que atividades a empresa onde trabalha realiza (ou pretende desenvolver) em Caravelas? Desde quando? Como se deu o início destas atividades?
- Como vê a situação da empresa aqui?

Roteiro Entrevista Prefeitura Municipal de Caravelas:

- Gostaria de morar ou administrar outro lugar? Como vê a situação social, econômica e política em Caravelas? Quais as dificuldades e facilidades que encontra?

Roteiro Entrevista Associação de Mergulhadores:

- Com que frequência realiza viagens a Abrolhos? Quantos turistas leva para mergulhar por mês? Em que meses a procura é maior? Quanto é sua diária nas embarcações? Como se dá a relação com os donos de embarcações (sempre trabalham para a mesma pessoa, mesma embarcação)? Como vê o perfil dos turistas que procuram Abrolhos?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, para a pesquisa que está sendo realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR): “*Conflitos em áreas de conservação ambiental: o caso de Caravelas e do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Bahia*” que está sendo desenvolvida pela mestrandia, Fernanda Silveira de Nogueira para que seja usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo desta pesquisadora do PGDR da UFRGS.

Estou ciente do objetivo da pesquisa em contribuir para o desenvolvimento local, através da compreensão dos conflitos ambientais em torno das práticas de conservação e de projetos de desenvolvimento no município de Caravelas e no ParNaM dos Abrolhos, relacionados principalmente ao ecossistema marinho local, bem como fui informado(a) da metodologia de investigação proposta nesta pesquisa. Estou disposto(a) a participar da mesma, permitindo as entrevistas e as observações, e respondendo aos questionamentos pertinentes. Todas as minhas dúvidas foram dirimidas e sei que poderei solicitar outros esclarecimentos, a qualquer momento. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação a qualquer momento.

Fico ciente ainda de que as informações colhidas, ao serem divulgadas, preservarão a identidade do informante, sendo esta confidencial, de modo que apenas serão publicados dados gerais dos participantes da pesquisa cujos nomes serão fictícios. Fui informado(a) de que, se desistir da participação desta pesquisa, deverei avisar à pesquisadora responsável, assim como comunicar qualquer alteração ou situação imprevista que venha a ocorrer.

Caravelas, ____ de _____ de 2008.

Entrevistado(a)

Pesquisadora

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Jalcione Almeida - Fone: (51) 33 08 32 81.

Pesquisadora Mestranda: Fernanda Silveira de Nogueira – Fone: (51) 93 15 16 22 / (73) 88 44 99 60. Endereço eletrônico: fe_silveira08@yahoo.com.br

APÊNDICE C – Guia Explicativa

Pesquisa

CONFLITOS EM ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DE CARAVELAS E DO PARQUE NACIONAL MARINHO DOS ABROLHOS, BAHIA.

Equipe do projeto

Prof. Dr. Jalcione Almeida (Pesquisador Responsável), fone: (51) 33 08 32 81, e-mail: jal@ufrgs.br

Fernanda Silveira de Nogueira (Mestranda PGDR/UFRGS e entrevistadora), fones: Porto Alegre (51) 93 15 16 22, Caravelas: (73) 88 44 99 60, e-mail: fe_silveira08@yahoo.com.br

Instituição de Origem

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS), Porto Alegre

Sr.(a) Usuário(a):

Você está sendo convidado a participar da pesquisa citada acima, através de uma entrevista individual, que será gravada para depois ser ouvida, escrita e analisada em conjunto com outras entrevistas.

Este estudo tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento local, a partir do entendimento dos conflitos ambientais em torno das práticas de conservação e de projetos de desenvolvimento no município de Caravelas e no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, relacionados principalmente ao ecossistema marinho local.

Seu nome e todas suas informações pessoais não serão divulgadas. Igualmente, você poderá mudar de idéia e desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento, sem que tenha qualquer prejuízo, precisando somente entrar em contato com a pesquisadora e entrevistadora avisando da desistência. No relatório da pesquisa serão usadas as informações que você deu como verdadeiras, e elas NUNCA serão relacionadas com seu nome.

Os resultados da pesquisa serão usados em publicações científicas, congressos e eventos nas áreas de conhecimento que deram origem a este estudo para socializar a informação.

Você poderá tirar qualquer dúvida a qualquer momento entrando em contato com a pesquisadora (as formas de contato estão no início desta guia).

Fernanda Silveira de Nogueira - Pesquisadora / Entrevistadora
Caravelas, março de 2008

APÊNDICE D – Listagem de “nós” utilizados na codificação das entrevistas

Documento gerado automaticamente pelo programa NVivo, conforme a categorização realizada pela autora.

NVivo revision 2.0.163 Licensee: Fernanda

Project: Conflitos Ambientais em Caravelas User: Administrator

Date: 17/8/2009 - 02:11:34

NODE LISTING

Nodes in Set: All Tree Nodes

Created: 25/9/2008 - 22:05:01

Modified: 17/8/2009 - 02:11:08

Number of Nodes: 84

1 (1) /Ecosistemas locais

Description:

Descrição, definição, função, percepção, influência dos ecossistemas locais na vida e no trabalho do entrevistado.

2 (1 1) /Ecosistemas locais/Recifes de coral

Description:

Sobre o ecossistema de recifes de corais em geral e da região (principalmente de Abrolhos).

3 (1 1 1) /Ecosistemas locais/Recifes de coral/status conservação

4 (1 1 2) /Ecosistemas locais/Recifes de coral/função

5 (1 2) /Ecosistemas locais/Manguezal

Description:

Sobre o ecossistema de manguezal especialmente do pertencente ao município de Caravelas (ilha de Cassurubá, rio Macacos, rio Caravelas, etc.).

6 (1 3) /Ecosistemas locais/Praias_restinga

Description:

Sobre o ambiente de restinga e sobre as praias, conforme as pessoas conheciam o termo restinga.

7 (1 4) /Ecosistemas locais/Mata Atlântica

Description:

Sobre a Mata Atlântica como ecossistema e sobre a mata local.

8 (1 5) /Ecosistemas locais/Interrelação dos ecossistemas

Description:

Trechos que demonstrem a percepção sobre a conectividades e dependência dos ecossistemas, especialmente entre o manguezal e os recifes de corais.

9 (2) /Atividades locais

Description:

Percepções, definições, ações relacionadas as diferentes atividades locais.

10 (2 1) /Atividades locais/Aracruz Celulose

Description:

Questões que envolvem a presença e as atividades desenvolvidas pela empresa Aracruz Celulose em Caravelas.

11 (2 1 1) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Aracruz em outros locais

Description:

Trechos sobre a presença e/ou atividades da empresa Aracruz Celulose localidades diferentes de Caravelas.

12 (2 1 2) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Contrário

Description:

Reclamações e posicionamentos contrários a presença, instalações e/ou atividades da empresa Aracruz Celulose em Caravelas.

13 (2 1 3) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Favorável

Description:

Posições favoráveis a presença, instalações e/ou atividades da Aracruz Celulose em Caravelas.

14 (2 1 4) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Dragagem

Description:

Relatos a respeito do funcionamento do dragagem no estuário de Caravelas.

15 (2 1 5) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Trajeto barcaças

16 (2 1 6) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Plantio eucalipto

17 (2 1 7) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Criação de empregos

18 (2 1 8) /Atividades locais/Aracruz Celulose/Compensação ambiental

19 (2 2) /Atividades locais/Baleias jubarte

Description:

Questões a respeito do aumento e da concentração de baleias jubarte no banco dos Abrolhos.

20 (2 2 1) /Atividades locais/Baleias jubarte/Favorável

Description:

Posições favoráveis a presença e o aumento das jubartes.

21 (2 2 2) /Atividades locais/Baleias jubarte/Contrário

Description:

Posições contrárias a presença e o aumento das jubartes.

22 (2 2 3) /Atividades locais/Baleias jubarte/Soluções possíveis

23 (2 2 4) /Atividades locais/Baleias jubarte/Impulso turismo

24 (2 3) /Atividades locais/COOPEX

Description:

Questões a respeito do projeto de carcinicultura que seria instalado em Caravelas através de uma cooperativa (COOPEX).

25 (2 3 1) /Atividades locais/COOPEX/Beneficiando o desenvolvimento

Description:

Trechos que relatam posicionamento favorável a implementação da carcinicultura por beneficiar o desenvolvimento local.

26 (2 3 2) /Atividades locais/COOPEX/Prejudicial a Caravelas

Description:

Posições contrárias a implementação da atividade de carcinicultura.

- 27 (2 7) /Atividades locais/Pesca
- 28 (2 7 1) /Atividades locais/Pesca/Falta de fiscalização sobre pescador
- 29 (2 7 2) /Atividades locais/Pesca/Dificuldades
- 30 (2 7 3) /Atividades locais/Pesca/na região Caravelas e Abrolhos
- 31 (2 7 4) /Atividades locais/Pesca/Facilidade~Auxílio
- 32 (2 7 5) /Atividades locais/Pesca/Futuro
- 33 (2 7 6) /Atividades locais/Pesca/Trabalho com turismo obs baleias
- 34 (2 7 7) /Atividades locais/Pesca/Prejudicial conservação
- 35 (2 8) /Atividades locais/Ribeirinhos
- 36 (2 8 1) /Atividades locais/Ribeirinhos/Difucldades mariscagem
- 37 (2 8 2) /Atividades locais/Ribeirinhos/Facilidades, benefícios do mangue
- 38 (2 11) /Atividades locais/Prefeitura Municipal de Caravelas
- 39 (2 12) /Atividades locais/Turismo
- 40 (2 12 1) /Atividades locais/Turismo/Falhas, lacunas do turismo
- 41 (2 12 3) /Atividades locais/Turismo/Bom para o desenvolvimento
- 42 (2 12 4) /Atividades locais/Turismo/Bom para a conservação ambiental
- 43 (2 12 5) /Atividades locais/Turismo/Prejudicando a pesca
- 44 (2 12 6) /Atividades locais/Turismo/Embarcações
- 45 (2 12 7) /Atividades locais/Turismo/Pousadas
- 46 (2 12 8) /Atividades locais/Turismo/Mergulho

Description:

Questões a respeito das atividades de mergulho realizadas no banco dos Abrolhos.

- 47 (2 12 8 1) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Contemplação~Recreativo
- 48 (2 12 8 2) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Pesca com mergulho
- 49 (2 12 8 3) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Mergulho no turismo
- 50 (2 12 8 3 1) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Mergulho no turismo/Como deveria ser feito
- 51 (2 12 8 3 2) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Mergulho no turismo/Como É feito
- 52 (2 12 8 4) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Prejudicial a pesca
- 53 (2 12 8 5) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/Beneficiando conservação ambiental
- 54 (2 12 8 6) /Atividades locais/Turismo/Mergulho/CONSUB
- 55 (2 13) /Atividades locais/Ambientalismo
- 56 (2 13 1) /Atividades locais/Ambientalismo/Como colaboradores

Description:

Trechos que mostram os ambientalistas, independente de qual ONG, ou qual instituição, como colaboradores, fomentadores de atividades ou ações que beneficiam Caravelas e seu entorno.

57 (2 13 1 5) /Atividades locais/Ambientalismo/Como colaboradores/Parcerias entre IAs

Description:

Trechos que relatam parceria entre as Instituições Ambientalistas.

58 (2 13 2) /Atividades locais/Ambientalismo/Reclamações

Description:

Trechos que relatem promessas e projetos não cumpridos, reclamações, indignação, ambientalistas como fiscalizadores.

59 (2 13 3) /Atividades locais/Ambientalismo/IBAMA

60 (2 13 4) /Atividades locais/Ambientalismo/Dificuldades

Description:

Dificuldades encontradas pelos ambientalistas pra realizar seus trabalhos.

61 (2 13 5) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs

Description:

Questões a respeito das ONGs ambientalistas que têm sede em Caravelas. Aqui foram codificados os trechos a respeito de ONGs em geral, quando não foi designado uma delas especificamente.

62 (2 13 5 1) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs/Conservação Internacional

63 (2 13 5 2) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs/Instituto Baleia Jubarte

64 (2 13 5 3) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs/ECOMAR

65 (2 13 5 4) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs/Indiferente

66 (2 13 5 6) /Atividades locais/Ambientalismo/ONGs/Disputas entre ONGs

67 (2 13 6) /Atividades locais/Ambientalismo/ParNaM dos Abrolhos

Description:

Questões sobre o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (ICM-Bio).

68 (2 13 6 1) /Atividades locais/Ambientalismo/ParNaM dos Abrolhos/Como deveria ser

69 (2 13 6 2) /Atividades locais/Ambientalismo/ParNaM dos Abrolhos/Licitação

70 (2 13 9) /Atividades locais/Ambientalismo/Projeto Manguezal

71 (3) /Percepções

Description:

Percepções sociais acerca dos termos conservação e desenvolvimento dos entrevistados.

72 (3 1) /Percepções/Conservação

73 (3 2) /Percepções/Desenvolvimento

74 (3 3) /Percepções/Conservação como ela é

75 (3 4) /Percepções/Desenvolvimento como ele é

76 (4) /Caravelas

Description:

Impressões, sentimentos, percepções, perspectivas para Caravelas e o seu entorno.

77 (4 1) /Caravelas/Perspectivas futuras das atividades

78 (4 2) /Caravelas/Dificuldades município

79 (4 3) /Caravelas/Sobre outras instituições locais

80 (4 4) /Caravelas/População cansada de pesquisas e ent

- 81 (4 10) /Caravelas/RESEX Cassurubá
- 82 (4 10 1) /Caravelas/RESEX Cassurubá/Perspectivas positivas
- 83 (5) /Relação com demais atores

Description:

Relatos concernentes a relação entre distintos grupos de atores.

- 84 (5 1) /Relação com demais atores/Coalizão SOS Abrolhos